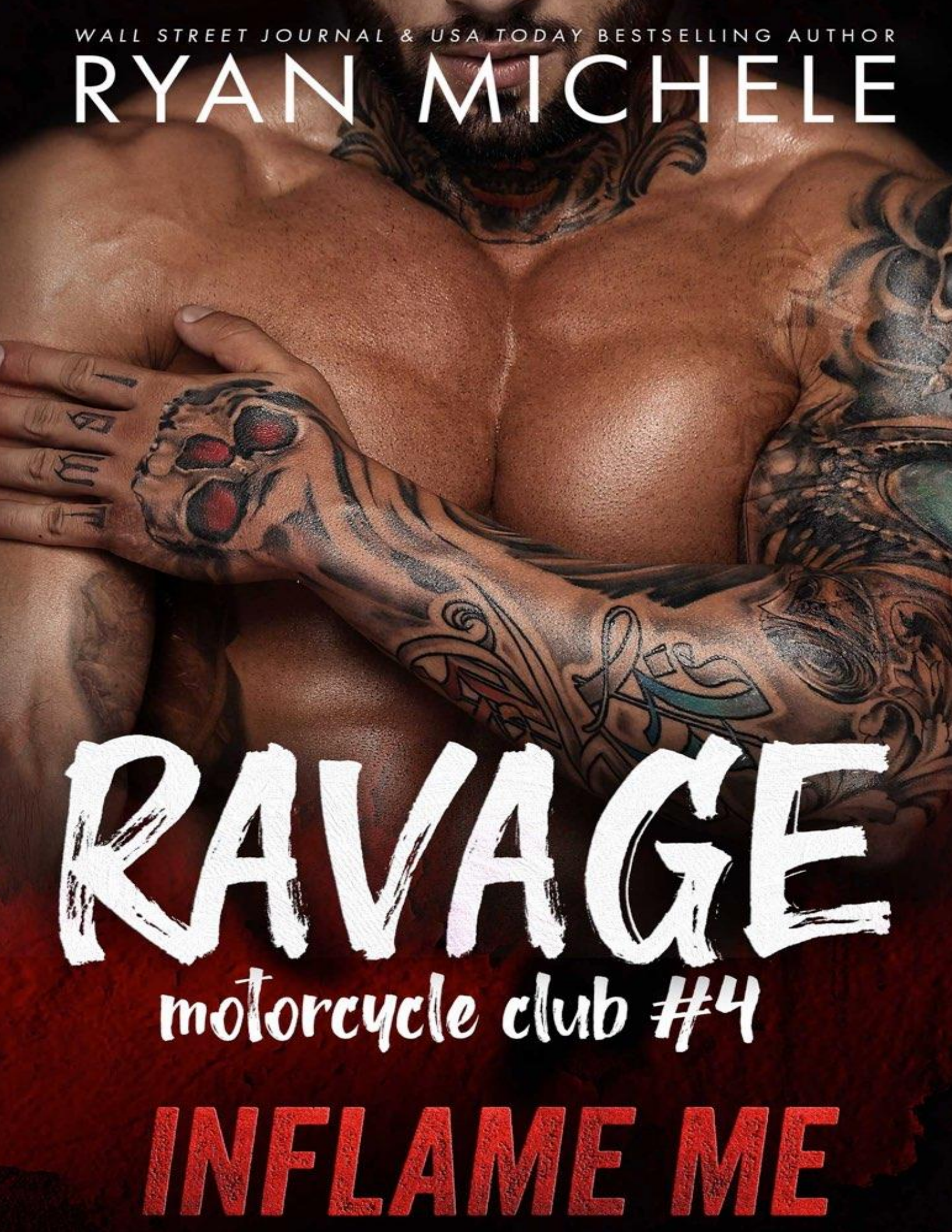

WALL STREET JOURNAL & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
RYAN MICHELE
RAVAGE
motorcycle club #4
INFLAME ME

AVISO

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



WARRIORS ANGELS OF SIN

WAS

TRADUÇÕES

EQUIPE

TM - STDRIELWINGS

TRADUÇÃO - CINDY E HERRERAWINGS

REVISÃO - CINDY E HERRERAWINGS

LEITURA FINAL - STDRIELWINGS

FORMATAÇÃO - STDRIELWINGS

MAIO 2020

Série Ravage MC

Ryan Michele



Ravage MC – Livro 4

Rhys & Tanner

Inflame Me Copyright © 2015 Ryan Michele

DEDICATÓRIA

A todos vocês que amam a Família Ravage tanto quanto eu.

Caro leitor,

Enquanto escrevia a série Ravage MC, eu não apenas acompanhei você nessa aventura cheia de ação, mas também não estabeleci um plano para os personagens; eu sigo a liderança deles. Ao fazê-lo, às vezes tomam direções diferentes do que eu pretendia quando comecei a escrever.

Dito isto, Inflame Me começa um dia antes do Consume Me terminar. O que isto significa? Isso significa que a ordem de leitura dos livros mudou um pouco. Haverá cinco romances principais, com as duas novelas chegando no final da série. Em outras palavras, você recebeu o bônus de Satisfy Me e Rattle Me enquanto a série estava em andamento.

Nota da autora

Eu sei que te provoquei como um louco no final de Consuma-me com a minha maldade. Eu diria que sinto muito, mas realmente não. Nunca foi minha intenção escrever a história de Rhys, mas quando ele começou a falar e Tanner começou a gritar, tive que colocar as palavras no papel.

Quero agradecer a todos e cada um de vocês por lerem meus livros. Agradeço mais do que você jamais saberá. Obrigada.

Aprecie e descubra quem é Cameron Wagner…

SINOPSE

Tanner O'Ryan precisa desesperadamente de ajuda.

Quando sua mãe de repente sugere que elas viajem para Sumner, na Geórgia, para obter assistência de seu pai, Cameron Wagner, ela está mais do que chocada. Nos seus 23 anos, nunca soube quem era seu pai e agora precisa confiar no homem. Não só ela tem que confiar nele, mas em um clube inteiro cheio de homens e mulheres que vivem uma vida da qual ela não sabia nada.

Tanner rapidamente percebe que precisa de mais ajuda do que pensava inicialmente.

CAPÍTULO 1

TANNER

— Tanner? — A voz sussurrada da minha mãe vem pelo telefone. Meu corpo fica tenso imediatamente, em alerta, e o sorriso adornando meu rosto morre instantaneamente.

— Mãe, o que há de errado? — Eu pergunto, parando ao lado da estrada. Não atendo o telefone enquanto dirijo, mas quando o nome da minha mãe apareceu na tela, tive que responder. Na vida, há certas pessoas das quais você não adia a ligação e minha mãe é a número um para mim.

— Baby, eu preciso que você venha me pegar. — Sua voz é tão abafada que é como se ela estivesse cobrindo o telefone, com medo de alguém ouvir.

— O que está acontecendo? — Temo a resposta que ela vai me dar. Na boca do estômago, já posso ouvir as palavras que escaparão dos lábios dela e não quero ouvi-las. Eu nunca quero ouvi-las.

— James está bebendo de novo. — Foda-se.

O idiota disse que estava indo para os AA[1], alegando que estava controlando seu vício por minha mãe. Infelizmente, James é um bêbado violento, não um que desmaia ou consegue funcionar com isso. Ele é francamente desagradável.

A primeira vez que vi marcas na minha mãe e a questionei, ela fez o que sempre faz: o encobre, dá desculpas por ele, culpa a si mesma por estar tão machucada que não pode sair de casa por uma semana.

[1] Alcoólicos Anónimos.

Eu disse a ela que, se isso acontecesse novamente, a tiraria de lá e não daria a mínima se ela quisesse vir ou não. Se eu tivesse que colocá-la no carro para levá-la aonde diabos a levasse, eu o faria.

— Você só pode estar brincando, — eu respondo um pouco severamente no telefone. Posso visualizar minha mãe estremecendo com o tom. Eu cavo fundo e respiro, precisando me acalmar para bem dela. Não faz sentido adicionar mais dor a minha mãe, especialmente quando ela me pediu ajuda. — Estou a caminho. Ele está aí?

James é um homem grande, e quando digo grande, quero dizer um metro e oitenta e entre cento e quinze a cento e quarenta quilos. O problema com ele, porém, é que ele pode se mover e fazê-lo rapidamente. Ele treina há anos na academia de polícia, afinal.

— Sim, — ela abafa o telefone, um leve tremor em suas palavras. — Ele desmaiou na sala de estar.

Porra. A sala deles é onde fica a porta da frente e, pela maneira como a casa é montada, até a porta dos fundos pode ser vista de lá. Tirar minha mãe pode ser complicado sem acordá-lo, mas darei tudo o que tenho.

Ligo o carro e começo o percurso de vinte minutos de carro até ela, mantendo-a no telefone comigo. — Reúna o que você precisa, mãe. Jogue-o em um saco de lixo, se for necessário. Fique quieta e mova-se rapidamente. — Faço uma pausa, a dor dividindo meu coração em dois. — Você pode se mover... rapidamente? — E se ela estiver machucada a ponto de não conseguir se mexer? Oh Deus.

— Eu... eu vou tentar. — Ela geme por cima da linha e cheira o nariz, sem dúvida chorando. Eu adoraria alcançar através do telefone e tirar a dor dela. Vamos ao plano B.

— Onde você está na casa? — Eu manobro o carro dentro e fora do trânsito, sentindo que cada segundo precioso dela é um segundo a mais.

— Banheiro. Tranquei a porta. — Um pouco de conforto vem disso, mesmo que a fechadura frágil não mantenha James longe dela se ele realmente quiser entrar.

— Fique lá. Não saia. Quando eu chegar aí, eu faço as malas para você e depois vamos embora. Para onde diabos vamos? Ainda não tenho ideia. Eu faço cabelo para viver, então não é como se eu tivesse planos de saída elaborados para fugir de um policial que deveria amar minha mãe. Isso é mesmo uma mentira.

Eu soube que a primeira vez que ele colocou a mão nela, que ele não a amava, mas ela estava muito apaixonada por ele para me ouvir. Vou fazer o que sempre faço - descobrir como vamos, momento a momento. É o que eu faço: eu conserto.

— OK. — Sua voz sai mais fraca do que apenas alguns segundos antes, e eu temo que ela desmaie. Se ele a atingiu na cabeça, ela pode ter uma concussão. Eu tenho que mantê-la alerta comigo.

— Mãe, mantenha os olhos abertos. Você me ouve? — Ela murmura alguma coisa. — Quão ruim é isso? — Meu coração aperta. Eu não posso perder minha mãe. Eu simplesmente não posso. Ela é a única coisa que tenho neste mundo.

— Acho que ele não quebrou nada, mas não é bom, Tanner. Realmente não é bom.

A raiva borbulha, mas eu a empurro para baixo. Agora não é a hora disso. Eu tenho que tirar minha mãe dali, então, e só então, deixarei isso fluir através de mim.

— OK. Eu estarei lá em breve. Fique comigo.

A luz à frente é vermelha, e eu estou ficando chateada com a coisa estúpida por não mudar. Por que isso não muda? Não há outros carros descendo a estrada. Mudança! Tudo bem, estou me perdendo um pouco. Não posso! *Seja forte, Tanner*.

Balanço a cabeça e começo a contar a minha mãe sobre a mulher que entrou na loja hoje, querendo uma grande mudança no cabelo, passando de loira para morena, com mechas rosa e vermelhas. A respiração de minha mãe está constante e, de vez em quando, ela diz algo no telefone, reconhecendo que está ouvindo. Eu a questiono frequentemente, mantendo-a o mais alerta e acordada possível.

Por fim, chego à casa de um andar, castanha, com persianas verdes e um belo jardim na frente, com flores em toda a parte. Não é incrível que algo que pareça tão bonito por fora esconda algo tão escuro por dentro? Mas não é assim que sempre é? A julgar um livro pela capa. Contanto que pareça bom, não há nada errado. É como as pessoas.

Todo mundo olha para James como um homem íntegro, servindo e protegendo a cidade de Anglewood, Tennessee. Ninguém jamais suspeitaria que ele faz isso com minha mãe. Ninguém. É mais do que provável que ostracizem a minha mãe por reivindicar uma coisa dessas.

— Mãe, estou aqui. Estou indo — digo a ela, desligando o telefone e jogando-o no banco do passageiro. Pensei brevemente em chamar a polícia em busca de ajuda,

mas, tão rapidamente quanto entrou na minha cabeça, saiu. Com o status de menino todo americano de James por aqui, eu sei que eles não vão fazer merda alguma e simplesmente vão virar isso contra minha mãe. Então ela ficaria presa. Não vou permitir isso. Ela está fora.

Apago as luzes antes de entrar na garagem, não querendo fazer barulho, se não for necessário. As luzes iluminam a casa com apenas algumas das cortinas fechadas, a sala de estar sendo uma delas. Desligo o motor e saio do carro, fechando a porta o suficiente para desligar a luz do lado de dentro. Eu realmente nunca tive que fazer essa coisa furtiva e silenciosa antes. Espero conseguir.

Espiando pela janela da sala, vejo James deitado no sofá, meio sobre ele e meio fora. Sua boca larga está aberta e a baba cai sobre a camiseta azul que tem uma enorme poça molhada. Nojento. Nunca pensei por um momento que ele era bonito, mas minha mãe viu algo nele. O quê, eu não tinha ideia. Ainda não tenho.

Abro a porta da tela com um leve rangido e me encolho com o som, querendo gritar para calar a boca, mas simplesmente olhando para ela com raiva. Apertando a maçaneta da porta, acho que está trancada. Merda.

Pego minhas chaves, segurando todos os chaveiros e chaves pendurados nela para silenciá-los e abro a porta lentamente. Meus olhos permanecem presos no homem no sofá enquanto eu rastejo pela sala, para a cozinha e de volta ao quarto de minha mãe.

Meu coração se contrai quando olho para a sala. O candeeiro da mesa lateral está aceso, mas caiu no chão, projetando a sombra, pendurado pelo fio. Roupas, cobertores, jóias, papéis - bem, tudo está jogado no chão e o colchão está

parcialmente exposto. Mas o pior é o sangue nos lençóis. Um pouco de sangue está manchado no tecido e está vermelho brilhante. Merda.

Vou para a porta do banheiro, mas não me atrevo a bater.

— Mãe, — eu sussurro suavemente, segurando a maçaneta da porta, minha outra mão no topo da porta e meu ouvido pressionado contra a porta, tentando ouvir. — Mãe, sou eu. Abra.

Ouço movimentos lentos do outro lado da porta, juntamente com alguns gemidos abafados. Então sinto a trava clicar na minha mão e giro a maçaneta.

Oh. Meu. Deus.

Meu mundo inteiro para e se inclina em seu eixo. Isso não é uma surra. Isso é muito mais que isso. Seu lindo rosto está quase irreconhecível, com hematomas se formando e cortes, o sangue escorrendo deles, caindo pelo rosto, pelos olhos e pela bochecha. Seus longos cabelos loiros cor de morango estão emaranhados no rosto com o sangue. Suas roupas, por falta de uma palavra melhor, estão rasgadas e arrancadas em tantos lugares que parece que ela está usando trapos esfarrapados.

— Mamãe. — Inclino-me na frente dela, não querendo tocá-la, mas querendo desesperadamente, apenas para ter certeza de que ela está aqui comigo.

Aperto minha mão de volta, segurando-a. Não posso aumentar sua dor, e em nenhum lugar que eu a toque ajudaria agora.

Lágrimas se formam nos olhos de minha mãe, mas ela não as derrama. — Baby, me traga algumas roupas, e vou me vestir enquanto você arruma as coisas.

Realmente não acho que ela poderia se vestir a julgar pela maneira como está segurando o braço e a dor gravada em seu rosto. Ela disse que não achava que algo estivesse quebrado, mas estou repensando seriamente.

Em vez de discutir, porque Deus sabe quanto tempo temos até James acordar no andar de baixo, concordo, incapaz de formar palavras. Então pego para ela algumas roupas folgadas, esperando que não machuquem muito.

Tudo a partir desse segundo é uma enxurrada de atividades da minha parte. Pego duas sacolas da prateleira do armário e começo a jogar às pressas as coisas da minha mãe, pegando camisas, calças, sapatos e tudo mais.

Abrindo as cômodas, continuo com a embalagem. Bem, não é realmente empacotar, é mais como passar a gaveta inteira e encher, mas tanto faz. Jogo a roupa da minha mãe na esperança de que ela possa vesti-la, mas se ela não tiver terminado, eu a ajudarei.

Leva menos de cinco minutos para arrumar tudo da minha mãe que posso ver e entrar no banheiro. Ela está sentada no vaso sanitário com uma toalha secando o sangue no rosto.

— Mãe, uma vez que eu te tirar daqui, eu vou te limpar. — Ajoelho-me diante dela e calço seus tênis, amarrando-os rapidamente enquanto seu corpo treme. Eu tenho que tirá-la daqui antes de que qualquer controle que ela tenha desapareça. — Tenho duas malas prontas. Precisa de mais alguma coisa?

Seus olhos levantam para os meus, lágrimas se acumulando nas profundezas verdes deles. *Por favor, não chore.* Se ela o fizer, temo que qualquer força que eu tenha se dissipará e eu seguirei.

Que criança quer ver a mãe magoada? Eu não. Lágrimas me matavam.

— Tem uma caixa. Eu escondi no canto do armário. Você precisa retirar o tapete do canto direito e puxar a prancha que está embaixo dele. Dentro há uma caixa de sapatos. Preciso que você pegue minha bolsa, mas isso está na cozinha, para que possamos pegá-la na saída. — Mesmo que sua voz esteja estrangulada pela dor, consigo sentir a força dentro da minha mãe em suas palavras. Deus, eu a amo.

— Fique aqui, — eu ordeno, voltando rapidamente para o armário e fazendo exatamente o que minha mãe disse. Arranco a caixa amarela, que tem um pouco de peso, mas não tenho tempo para olhar. Em vez disso, pego outra bolsa, uma com as roupas de ginástica de minha mãe e jogo a caixa dentro.

Empilhei todas as sacolas na porta e depois me atingiu. Ela pode sair daqui ou terei que carregá-la? Não há como eu carregar as malas e ela. Inferno, eu provavelmente mal posso carregá-la. Dupla maldição.

Mamãe ouviu, ficando exatamente onde eu a deixei no banheiro. Seus olhos encontram os meus, tristeza florescendo neles. Chega disto.

Minha adrenalina bombeia em minhas veias e, à medida que avança, tudo em que consigo pensar é tirá-la daqui agora.

— Você pode andar? — Eu me movo para o lado do corpo dela, onde seu braço não parece estar pendurado e a ajudo a se levantar enquanto inala respirações curtas. Fale sobre uma mulher durona. Não tenho certeza de que seria capaz de ser tão forte depois do que ela suportou. É outra coisa que sempre admirei em minha mãe.

— Sim, — ela diz fracamente, dando um passo antes que seus joelhos dobrem um pouco. Eu seguro seu peso enquanto ela recupera um pouco de seu equilíbrio e é capaz de dar mais alguns passos. Depois de um tempo, ela está conseguindo mover muito melhor as pernas.

Pego as sacolas, levantando-as por cima do ombro e pegando uma na minha mão. Mamãe fica ao meu lado enquanto caminhamos devagar pela casa.

Entrando na cozinha, vejo a bolsa de minha mãe no balcão. — Eu vou buscá-la, então quero que você se encoste na cadeira por um minuto.

Minha mãe assente com o meu sussurro.

Olho para o sofá e vejo que ele se foi. James se foi.

O pânico se espalha por minhas veias como fogo enquanto procuro freneticamente. Pego a bolsa da minha mãe e a jogo em volta do meu pescoço. — De volta, — eu sussurro quando encontro minha mãe no meio da cadeira que ela estava segurando.

— Sua puta! — O rosnado furioso de James vem de trás de mim enquanto ele puxa meu rabo de cavalo e me joga através da sala como se eu não pesasse nada.

Quando bato no azulejo, momentaneamente o ar é nocauteado de mim. Levanto os olhos para vê-lo dar um tapa na minha mãe antes de ela cair no chão em uma pilha desossada.

— Levante-se! — ele grita com ela, chutando-a com força nas costelas.

Idiota.

Eu levanto - todo o meu eu intimidador de um metro e oitenta - largo as malas da minha mãe e sigo em direção a eles. Ele me sente vindo e se vira, movendo-se rapidamente como um raio e me atingindo no rosto. Eu voo pelo ar enquanto a dor queima meus lábios e bochecha. O gosto metálico do sangue penetra na minha boca e lambo. Felizmente, não bati em nada no caminho de seu soco horrível.

James começa a realmente dar um soco e chutar minha mãe enquanto as lágrimas escorrem pelo rosto dela.

— Deixe-a em paz! — Eu grito, chamando a atenção dele.

— O quê? Ela é uma puta. Você, por outro lado, seria bom ter. — Quando um brilho diabólico brilha nos olhos dele, sinto que ele não está falando em me usar como saco de pancadas.

Ele dá mais um golpe na minha mãe e começa a me seguir. Olho em volta da cozinha em busca de algo, qualquer coisa para usar para fazê-lo ir embora. Não tenho dúvidas de que, se ele me derrubar no chão, acabará para mim, para minha mãe. Não há como eu lutar contra o seu corpo, mas me recuso a desistir.

Continuando a examinar a sala, eu me movo para trás enquanto ele continua vindo em minha direção.

— Não corra. Isto vai ser divertido. Eu prometo que você vai gostar. — O idiota realmente lambe os lábios, e a bile sobe pela minha garganta, queimando no fundo. De jeito nenhum.

Eu olho as facas em seu pequeno bloco de madeira, arrumado sobre o balcão e caminho na direção delas, mantendo um olho em James.

— Fique longe, — digo a ele, mas cai em ouvidos surdos. As palavras o deixam mais feliz, como se eu fosse um desafio; e é a última coisa que quero que ele pense.

Pego a maior faca para fora do suporte, colocando-a na minha mão esquerda e uma pequena faca na minha direita.

— Ah, você acha que vai me machucar com isso? — Ele ri, mas é tão sinistro que me arrepia a espinha. — Eu posso desarmar você dela num segundo, — ele se vangloria. Eu sei que ele está certo. Ele é treinado para isso. Eu, no entanto, não estou. Inferno, nunca segurei uma faca contra outro ser humano. Não tenho certeza do que estou fazendo.

A adrenalina bombeia minhas veias enquanto tento firmar minhas mãos trêmulas. Se quero que eu e minha mãe sobrevivamos isso, terei que fazer alguma coisa, mas o quê?

Minhas mãos tremem enquanto seguro as facas, sabendo que elas são minha única salvação. — Vá embora, James. Apenas saia. Saia daqui. — Estou perdendo o fôlego, embora parte de mim espere que ele saia e vá embora para outro lugar, desapareça como um milagre lá de cima. Com um pouco de sorte.

— Foda-se, não. Estou apenas começando. — Seus passos se aproximam, seus dedos se transformando em punhos.

Sem pensar, jogo a faca menor contra ele, a lâmina entrando no lado esquerdo do peito pelo ombro. Ele para, momentaneamente congelado, como se eu jogar a faca nele nem sequer estivesse em seu radar.

— Você acabou de jogar uma faca em mim, sua putinha, — ele rosna, sem remover a faca. Seus olhos furiosos me perfuram, quase me derrubando um passo. Oh, Deus... Não há nada como irritar um touro furioso.

Movo a outra faca para a mão direita, precisando de mais controle dela. A adrenalina lá dentro, junto com a segurança de minha mãe, me alimenta.

Com os braços volumosos de lado, ele se aproxima, a ameaça em seu rosto me lembrando O Hulk. Tento não deixar o medo aparecer, mas tenho certeza de que estou fazendo um trabalho de merda.

— Fique longe, — eu digo novamente com um tremor na minha voz. Droga, vá embora!

— Sua putinha. Você é como sua mãe. Depois que eu acabar de foder com você, eu vou te matar bem na frente dela e depois bater nela mais um pouco.

Queimando. Eu sinto que estou queimando. O medo ainda está lá, mas a fúria o mascara, me puxando para uma névoa cheia de vermelho. Ele não vai machucar minha mãe novamente.

Aponto a faca na minha frente, direcionada para ele enquanto corro para o outro lado da sala. Eu só tenho que tirar minha mãe daqui. É possível né? Não. Não, não é possível. Merda!

Ele carrega na minha direção, desta vez a toda velocidade. A faca em seu ombro não está diminuindo a velocidade dele, e eu não sou rápida o suficiente. Ele agarra meu braço segurando a faca e pressiona uma parte do meu braço, e é tão doloroso que não tenho escolha a não ser largar a faca e ouvi-la bater no chão de ladrilhos.

Não. Não. Não.

Ele puxa meu lado contra seu corpo, e eu sinto o cheiro do álcool em sua respiração, meu estômago revirando por causa de sua força. Ele segura meu braço enquanto me soca duas vezes no estômago, derrubando meu ar. Se ele não estivesse segurando meu braço, eu teria caído no chão em uma pilha.

— Você é tão estúpida quanto ela. Deixe-me mostrar como garanto que sua mãe conhece o lugar dela nesta casa.

Começo a lutar fora de seu alcance, usando meus braços para bater, unhas para arranhar e pernas para chutar. Mesmo bêbado, ele tem ótimos reflexos e desvia-se de todos, colocando mais alguns tapas e um chute na minha canela que explode de dor.

— Pare! — a voz rouca da minha mãe diz do chão enquanto ela tenta se levantar, mas não chega longe e cai de novo.

— Foda-se, Mearna. Sua filha precisa aprender que não deve colocar o nariz nos negócios de outras pessoas, muito menos colocar uma faca em mim. — Seu soco seguinte é dos fortes, me derrubando com força no chão de azulejos enquanto ele me solta completamente. Este foi no peito, bem entre os meus seios, e sinto que não consigo respirar. De jeito nenhum.

Suspiro, tentando puxar o ar quando ele me deixa no chão, indo em direção a minha mãe.

— Acho que preciso calá-la primeiro antes de foder sua filha, — ele late para ela.

Com toda a força que consigo reunir, examino o chão, procurando a faca. Não poderia ter ido longe. De costas para James, seguro todos os grunhidos de dor, ficando o mais quieta possível. Acho que está do outro lado da ilha da

cozinha. Agarrando-me com todas as minhas forças, levanto-me nos meus pés trêmulos, ainda permanecendo quieta, deixando a raiva me dar força.

— Cadela! — ele grita, mandando um golpe devastador para minha mãe.

Apenas por instinto e tão rapidamente quanto meu corpo bagunçado me permite, caminho até suas costas. Meu cérebro desliga, e tudo o que ouço são os gritos de minha mãe. Segurando a faca com as duas mãos, eu a levanto alto e começo a mergulhar em suas costas. Ele grita de dor, e consigo desferir mais dois golpes dentro e fora de sua carne antes que ele se vire.

Dou um passo para trás quando ele se lança em minha direção. Então tiro a faca e ela perfura seu peito.

— Sua puta. — Desta vez, ele murmura as palavras.

Eu puxo a faca que está dentro de seu corpo com uma força que eu não sabia que tinha em mim quando ele cai de joelhos. Continuo puxando enquanto o sangue reveste minhas mãos. Eu devo ter atingido seu coração ou algum suprimento de sangue importante, porque o azulejo branco ao nosso redor instantaneamente se torna vermelho.

James faz uma última tentativa de agarrar meus pés, mas eu puxo a faca para fora de seu corpo e pulo para o lado, meu corpo gritando comigo o tempo todo.

Ele cai no chão em um baque alto enquanto meu coração bate e minhas mãos manchadas de sangue tremem. O que eu acabei de fazer?

— Tanner! — minha mãe diz do chão, deitada na posição fetal, me tirando da minha nova descoberta.

Observo James para ver se seu peito sobe e desce, e quando isso não acontece, lentamente vou até ele.

— Eu tenho que garantir que isso seja feito, — digo a ela com uma voz em branco que nunca usei antes. É como se eu fosse uma pessoa diferente, permitindo que ela assumisse o meu corpo por um momento. É como se eu soubesse que toda a minha vida decidiu deixar meu corpo.

Vamos embora. Vamos sair daqui — ela diz às pressas. — Eu não quero que ele a machuque, Tanner, — ela implora, me trazendo um pouco de volta da neblina, mas não muito.

— Mãe, se ele ainda estiver vivo, ele virá atrás de nós. Se ele estiver morto... — eu paro, sabendo que os policiais estariam atrás de nós, e seria um desastre gigantesco que não sei como consertar. Primeiras coisas primeiro - manter-nos seguras.

Vou até James, a faca ainda cerrada na minha mão, e caminho até o rosto dele. Seus frios olhos castanhos olham de volta para mim, imóveis. Não quero tocá-lo, mas não tenho escolha. Coloco minha mão debaixo do nariz dele para verificar sua respiração, e nada acontece. Coloco dois dedos no pulso e verifico a pulsação, ou tento, pois nunca tive que fazer isso antes e só vi médicos e enfermeiras fazerem isso. Movo meus dedos algumas vezes, mas não sinto nada.

Ele está morto. E eu o matei.

CAPÍTULO 2

TANNER

Enquanto limpo o sangue da minha mãe, a banheira fica rosa. Eu queria fazer isso no chuveiro, mas sabia que não seria capaz de segurá-la sozinha por tanto tempo. Meu corpo inteiro dói com os golpes de James, e eu sinto que sou um robô fazendo o que precisa ser feito e depois avançando para o próximo passo, seja lá o que isso for.

Lavo o cabelo dela e a ajudo, enrolando uma toalha firmemente em seu corpo frágil. Cada parte dela tem algum tipo de vergão ou contusão que só irá piorar nos próximos dias.

Eu a trouxe de volta ao meu pequeno apartamento, querendo me limpar. Ela protestou, dizendo que precisávamos ir a um hotel e fazer lá, mas não ouvi. Eu estava em um nevoeiro demais depois de tirar a vida de James. Ainda estou.

Mamãe entra no meu quarto, onde a ajudo a vestir, com cuidado para não machucá-la ainda mais. Preciso levá-la para a sala de emergência, mas acabei de matar um policial, um que é respeitado, por isso não posso. Se a levar, serei presa por seu assassinato e não posso arriscar.

Enquanto minha mãe se deita, tento descobrir o que diabos vou fazer. A parte racional de mim diz que o que fiz foi legítima defesa, mas ninguém vai acreditar em mim.

Meu instinto de fuga está bombando forte, querendo escapar da bagunça que minha vida acabou de se transformar. Entro no chuveiro e lavo todo o sangue de

James, o turbilhão de rosa descendo pelo ralo até ao vazio. Meu corpo dói, mas não consigo me concentrar nisso. Tenho alguns machucados, mas nada que eu não possa cobrir com roupas. No entanto, meu rosto vai precisar de muita maquiagem para cobrir as contusões que começam a se formar, e não tenho certeza de como vou consertar o lábio quebrado.

Não demorará muito tempo para a polícia encontrar James quando ele não aparecer no trabalho, e quando o fizerem, será um inferno.

Balanço a cabeça, deixando a água escorrer por mim, como se para me absolver dos meus pecados. Tirei a vida de outro ser humano. Claro, ele era um pedaço de merda inútil, e não lamento por ele estar morto; eu simplesmente não posso acreditar que fui capaz de fazer isso. Se você tivesse me perguntado se eu seria capaz, eu teria dito que não, mas provei hoje à noite que, quando a pressão chega, eu posso.

Antes de sair da casa de minha mãe, ela ordenou que eu pegasse as facas e até o bloco de madeira onde as guardava para trazê-las conosco. Por quê? Não perguntei. Fiz como ela disse. Apaguei todas as luzes da casa e coloquei minha mãe e as coisas dela no meu carro. Não acendi os faróis até estar bem longe da estrada e não ver ninguém por perto.

Minhas mãos tremiam por todo o caminho desde casa, e minha mãe estava estranhamente quieta. Mesmo na banheira, ela estava. Tenho certeza que ela está pensando junto comigo. O que fazemos agora?

Desligo o chuveiro e me recomponho, vestindo um moletom e um casaco velho. Coloco a toalha na cabeça, enrolando-a no meu cabelo antes de entrar no quarto onde mamãe está deitada com uma expressão infeliz no rosto. Será que ela

está triste por que eu o matei? Não, certamente não. O olhar em seu rosto é preocupante, no entanto.

— Mamãe? — Eu pergunto, me aproximando da cama e sentando-me ao lado dela. — Você quer que eu te leve ao pronto-socorro?

Sua cabeça se levanta e ela me dá um leve sorriso. — Não, menina. Nós não podemos fazer isso. Você e eu sabemos que isso foi legítima defesa, mas os caras da delegacia não vão pensar assim. — Ela confirmando meus pensamentos forma uma pedra na boca do meu estômago, me sobrecarregando. — Ele é o chefe do clube dos bons e velhos, e eles não vão deixar isso passar, mesmo com esse tipo de defesa.

Estou enjoada. Eu não posso ir para a cadeia... para a prisão.

— O que nós vamos fazer? — Eu sussurro, sem saber por onde começar. Não tenho amigos que possam nos tirar disso ou nos ajudar. Só tenho algumas no trabalho, mas elas não saberiam a primeira coisa sobre o que fazer a seguir.

Inclino-me na cama e olho para o teto *da pipoca*[2], a suavidade não fazendo nada pelos nervos que atormentam meu corpo.

— Vamos ver o seu pai.

Minha cabeça se vira rápido para ela, e instantaneamente me sinto tonta. *Não se mexa tão rápido, Tanner.* Pisco meus olhos, tentando limpar a tontura. Minha mãe nunca fala sobre meu pai, nunca me disse quem ele é, nunca diz uma palavra sobre ele, nunca. Nos meus vinte e três anos de existência, perguntei sobre ele talvez quatro vezes e, a cada vez, me deparava com: — Você não precisa se preocupar com

[2] Tipo de teto usado pelos construtores nos anos 70 e 80, para diminuir custos, recorrendo a método e material barato e enganando os compradores/proprietários das casas.

isso. — Nosso relacionamento é próximo, quase como irmãs, em vez de mãe e filha, então eu sabia que ela estava fazendo isso por um motivo, mas nunca a questionei. Para ela dizer que vamos vê-lo é mais do que chocante. Estou surpresa que meu coração não parou por alguns segundos. Então, novamente, talvez tenha acontecido, e eu não o registrei.

— O quê? — Eu pergunto, minhas palavras saindo um pouco mais snippier do que o pretendido. Ela suspira. — Receio que ele possa ser o único que pode nos ajudar aqui, mas precisamos ir rapidamente antes que o turno de James chegue em dois dias, e eles notem que ele está desaparecido.

A confusão se instala. Como meu pai pode consertar essa bagunça? — Como ele saberia o que fazer e quem é ele, mãe?

— Eu explico no caminho. Faça algumas malas com o que for necessário por um tempo e tudo o que você absolutamente não vai querer deixar para trás. — Ela não pode estar falando sério. Nós vamos fugir?

— Você está me assustando. Está dizendo que não voltaremos?

— Baby, eu não sei o que vai acontecer. No momento, mesmo com a cabeça machucada, estou tentando encontrar maneiras de proteger nós dois. Seu pai é a única opção que vejo agora. Precisamos pegar a estrada. Agora. — Seus olhos se arregalam do jeito que a mãe diz que ela está falando sério.

— Ok, mas você vai explicar tudo isso, mãe, — eu admito sem recuar. Ela vai me dizer.

— Eu vou. Você também precisa colocar as roupas que estávamos vestindo e as facas em sacos plásticos e trazê-las conosco. — Como diabos ela saberia fazer isso?

— Mãe, você está realmente me assustando aqui, — eu digo a ela, levantando-me e jogando roupas em uma bolsa. Estou em algum episódio de CSI ou algo assim?

— Tanner, eu nem estou começando.

***

Com o GPS definido para Sumner, na Geórgia, estamos dirigindo há cinco horas e estou ficando muito cansada. Meus olhos continuam a querer fechar, e eu tenho que me beliscar para ficar acordada. Minha mãe adormeceu quase assim que entrou no carro. Dei-lhe um pouco do que sobrou do Vicodin de quando eu tenho meus dentes do siso doendo, antes de sairmos, e a derrubou. Uma vez que eu quero que ela descansasse, não a incomodei, mas com a pequena máquina me dizendo que estaremos lá em cerca de uma hora, preciso de respostas. Eu preciso saber no que estou me metendo.

— Mamãe. — Gentilmente puxo seu cabelo, sem realmente saber onde posso tocá-la para não lhe causar muita dor. Ela se mexe no assento, seus olhos grogue se abrindo lentamente.

— O quê? — sua voz sai rouca e esquisita.

— Estaremos em Sumner em cerca de uma hora e preciso saber o que está acontecendo antes de chegarmos lá. — Mantenho meus olhos na estrada à minha frente. O sol nasceu há um tempo atrás, e meus óculos escuros protegem o brilho. Eu preciso desesperadamente de café e de um banheiro.

— Eu nunca quis que você o conhecesse, — diz ela em uma expiração. — Ele não é um homem muito direito.

— E James era? — Eu digo em tom cortante, um pouco severamente, mas vamos lá.

— Ponto de vista, mas seu pai é diferente.

Quando ela faz uma pausa por muito tempo, eu olho para ela. — Continue. Só temos uma hora.

— Seu pai é Cameron Wagner. Ele faz parte de um clube de motocicletas chamado Ravage. Deixe-me começar desde o início. — Eu concordo. — Eu o conheci quando era muito jovem. Ele era muito mais velho que eu, e eu me apaixonei por ele. Ele estava entrando no clube na época e eu não sabia muito sobre isso. Pensei que era como um clube de equitação porque ele estava sempre montando sua Harley em todos os lugares. Eu adorava estar atrás naquela coisa. — Ela faz uma pausa por um segundo, parecendo estar presa em suas memórias.

— Por cerca de um ano, moramos juntos enquanto ele estava se juntando ao clube, e eu o apoiei a cada passo do caminho. Para encurtar a história, descobri que ele estava metido em coisas realmente ruins. Eu o confrontei; ele me disse que não era da minha conta; e nos separamos. Ele se juntou ao clube; eu fui embora. Depois que me acomodei, descobri que estava grávida. Eu nunca lhe contei.

Há muito mais que eu quero saber, há muito mais nessa história do que ela está dizendo.

— Você diz que viveu junto por um ano, e a única razão pela qual se separou foi por causa deste clube? — Eu pergunto, montando o quebra-cabeça.

— Aquele homem tinha meu coração e alma, — ela sussurra tão baixinho que eu não acho que ela quer que eu a ouça, mas eu ouço.

Meu coração aperta por ela. — Você o amava.

Sua cabeça se vira para mim e um sorriso suave chega aos seus lábios. — Sim. Eu o amava muito. Isso me matou por deixá-lo. Se não fosse por você, provavelmente não estaria mais por perto.

Minha respiração fica presa nos pulmões. Ela realmente acabou de dizer o que eu acho que ela disse?

— Mãe, você está dizendo que ia se suicidar? — As palavras ficam alojadas na minha garganta e saem muito roucas, mas de alguma forma eu consigo tirá-las assim que o medo quase me puxa para baixo.

Ela olha para a estrada aberta, perdida em pensamentos brevemente. — Na época, eu era jovem e ingênua em relação ao mundo. Eu vi o bem e o mal, nada mais. Quando soube uma noite que o que ele estava fazendo estava do lado ruim da moeda, pensei que tinha que sair. Eu não queria, mas no meu coração, eu sabia que precisava.

— O que você viu? — Estou um pouco receosa da resposta, mas curiosa demais para não perguntar.

— Isso não importa. — Ela balança a cabeça, limpando o pensamento. — Eu vi. Ele nunca me seguiu, então eu sabia que ele não sentia da mesma maneira que eu. — Meu coração se parte pela minha mãe. — Depois que descobri que estava grávida, me reergui e me recompus.

— E você nunca entrou em contato com ele pra lhe contar sobre mim? — Não posso deixar de sentir um pouco de mágoa por não saber nada sobre o homem que é meu pai. Nunca tive necessidade de nada, mas ainda assim teria sido bom pelo menos conhecê-lo.

— Não. Ele vive um estilo de vida diferente de você ou de mim. Você vai ver. Não é como o que você sabe agora.

— Você age como se ele estivesse em algum tipo de culto ou algo assim, mãe. — Quero dizer, realmente.

— Tanner, no mundo de seu pai, as mulheres têm o seu lugar, e os homens têm o seu. Algumas mulheres podem aguentar, mas eu não permaneci por aqui o tempo suficiente para tentar... — Suas palavras oscilam.

— Mas você gostaria de tê-lo feito, — termino sua frase, vendo uma lágrima escorrer por sua bochecha.

— Eu me pergunto como teria sido minha vida se tivesse ficado. Eu estaria feliz agora em vez de… — ela olha para seu corpo quebrado e maltratada — …isso?

— Oh, mãe, me desculpe. — Mesmo que eu esteja chateada com ela por não me contar sobre meu pai, não posso deixar de quebrar meu coração ao lado dela.

— Não há nada para você se desculpar. Tomei minhas decisões e vivo com elas — ela afirma com firmeza.

Faço uma pausa por um momento, meio confusa sobre alguma coisa. — Mãe, conversamos muito. — Eu olho para ela brevemente, e ela olha para suas mãos. Então eu mudo meus olhos de volta para a estrada. — Conversamos sobre a primeira vez que fiz sexo, nossas épocas do mês, quando tive meu coração partido -

inferno, até o que jantei na noite anterior. Em todas essas conversas, em todas aquelas conversas profundas, você não poderia me contar sobre meu pai, mesmo que não quisesse que eu o conhecesse?

Contei com minha mãe para tudo. Ela é minha confidente em todos os aspectos da minha vida. Eu não entendo como, depois de todo esse tempo, ela não me contou sobre ele. Então isso acontece, e ele é a primeira pessoa para quem ela pensa em correr? Por quê?

— Gostaria de poder explicar melhor, Tanner, mas não posso. Sinto muito.

Ouço minha mãe fungando. Estendo a mão e agarro sua mão enquanto ela respira fundo, esquecendo por um momento o quanto ela está machucada. Rapidamente tiro minha mão.

— Está tudo bem, mãe. Vamos melhorar você.

Vinte minutos depois, o sol brilha intensamente na placa para Sumner. — Tudo bem, Tanner, vamos nos hospedar em um dos pequenos hotéis na estrada aqui. Você dará a eles um nome diferente - o que quiser - e pagará em dinheiro. Entende? — Algo me diz que ela aprendeu mais com meu pai do que está disposta a deixar transparecer, porque eu nunca vi esse lado dela.

— Eu não tenho muito dinheiro comigo, mãe. — Essa foi uma jogada estúpida ali. Eu deveria ter ido ao caixa eletrônico e retirado tudo o que pude. Comprei gasolina com dinheiro, então isso é uma vantagem a meu favor. Eu sou uma péssima fugitiva.

— Quando você parar, pegue a caixa, — diz ela.

Lembro-me instantaneamente da caixa de seu armário e não consigo deixar de me perguntar o que há dentro.

— Você estava pensando em deixá-lo? — Eu pergunto, pensando que talvez seja dinheiro.

— Eu não sabia o que ia fazer. Eu só precisava disso para um dia chuvoso... — ela para de falar. — E hoje está derramando.

Faço o que ela diz e nos colocamos em uma pequena sala com cheiro de mofo e um tapete laranja dos anos setenta. Mamãe me disse para deixar a maioria das coisas no carro, mas trazer algumas roupas. Ajudei mamãe o melhor que pude e, a cada passo que dava, ela cerrava os dentes.

Ela sempre foi forte, trabalhando emprego após emprego para cuidar de mim e ainda estar lá quando eu saía da escola. Não há ninguém melhor que ela. Ninguém. Com falhas e tudo.

— Quero que você vista jeans sexy e uma blusa justa.

Eu a encaro, meu queixo frouxo. Ela realmente acabou de dizer isso?

Seus olhos encontram os meus. — Vá em frente, — ela anuncia como se fosse a palavra final, o que é já que ela é minha mãe, mas sério? Vou usar jeans sexy para conhecer meu pai? O pensamento disso é além do estranho. — Você precisa encobrir todas as contusões e marcas que puder. Seu lábio rachado será duro, mas podemos colocar batom vermelho fogo e o cobrirá de longe.

— Por que eu preciso fazer tudo isso? Você o conhece; por que você não faz isso?

— Olhe para mim, Tanner, — diz ela, com a voz fraca. — Você está indo para o clube onde eu tenho certeza que ele está. Para chegar lá, você precisa parecer sexy e gostosa. Quando você chamar a atenção dele, traga-o para falar comigo. Eu cuido do resto. — Seu lábio treme, me dizendo que ela está nervosa, o que só me deixa nervosa.

— Você tem certeza de que é uma boa ideia, mãe? — Eu questiono enquanto a boca do meu estômago está doendo. Não só estou conhecendo meu pai pela primeira vez, mas não tenho ideia no que estou entrando.

— É a melhor opção que temos agora. Cameron saberá o que fazer.

***

Atravessamos essa coisa enorme de armazém, com portões altos e arame farpado no topo. Talvez pensar que isso fosse um culto estivesse certo.

A coisa toda me dá uma sensação estranha. O grande portão de metal está aberto quando os carros se alinham de um lado do carro e andam de motocicleta pelo outro. À esquerda, há uma garagem e, à direita, parece uma grande área de festas com pessoas espalhadas por todaa parte.

— Mamãe? — Minha voz treme de medo. Meu pai está aqui, em uma festa? As pessoas estão espalhadas por toda parte: mulheres com roupas quase imperceptíveis, casais se beijando e tateando. É como nada que eu já tenha visto, e isso é apenas do carro. O que diabos eu vou ver quando chegar lá?

Jogo o carro no parque e olho para minha mãe em busca de orientação.

— Eu posso ver na sua cara que você está petrificada. Tire isso da sua cabeça. Confiança e cabeça erguida. Você é tão forte, Tanner. Eu sei que o que aconteceu abalou você, mas não deixe. Seu pai vai nos ajudar. Eu sei que ele vai. Preciso que você entre lá como se fosse a dona do lugar e com um sorriso em seu lindo rosto. O primeiro cara que você vê com um colete de couro, pede Cameron Wagner. Entendeu?

Eu consigo isso? Uma grande parte de mim quer gritar para o céu e correr mais rápido que a velocidade da luz daqui, longe disso. Eu não posso, no entanto. Não tenho para onde correr.

Pego minha cadela interior e aceno para minha mãe. — Então o quê?

— Quando você disser a ele quem você é, ele não vai acreditar em você. Você vai ter que trazê-lo aqui para mim. — Eu pego aquele pequeno tremor na voz dela com o pensamento de vê-lo. Santo inferno, depois de todo esse tempo, ele ainda a afeta tanto.

— Vamos acabar com isso.

Mamãe se aproxima e pega minha mão, apertando-a, seus olhos tremendo de dor, mas eu me alimento do conforto de seu toque. — Tanner, não há nada para ficar nervosa. Como há uma festa, normalmente eu esperaria, mas não temos tempo para isso no momento. — Ela está certa, não que eu saiba o que diabos Cameron fará.

Sugo não apenas minha confiança, mas a de minha mãe. — Estou pronta. — Andando até à porta grande de um enorme armazém, minha mente gira quando vejo vários casais em vários estágios de nudez. Uma mulher está tirando o pênis de um homem da calça e se abaixando. Puta merda! Eu não sou virgem, mas em público,

em uma festa, com todo mundo assistindo? Ele tem um daqueles coletes de couro, mas não tenho como perguntar a ele. Dane-se isso.

Abro a pesada porta de madeira e estou cheia de música alta, fumaça de cigarro e cheiro de cerveja. Pisco meus olhos, ficando focada no ataque de luz da sala. Com o meu sorriso estampado com firmeza no lugar, olho em volta, pegando o terreno antes de avançar em direção ao bar. As pessoas estão espalhadas por toda a parte. Alguns estão na pista de dança, dançando provocativamente.

— Ei, linda. Onde você esteve toda a minha vida? — é dito.

Eu me viro para a voz. O homem que falou tem cabelos loiros puxados para trás com uma bandana vermelha, branca e azul enfeitando a parte superior e a testa. Sua barba longa combina com o cabelo e desce até ao peito. Seu bigode praticamente cobre seus lábios, mas ainda posso ver que ele está sorrindo para mim. Linhas enrugadas cercam seu rosto.

— Isso funciona com todas as mulheres? — Eu pergunto com um sorriso suave, não permitindo que um pouco do desconforto apareça. Eu sou forte. Eu tenho uma missão. Estou trabalhando nisso. Feito.

— Somente quando eu quiser. — Sua mão chega ao meu quadril, e é preciso tudo ao meu alcance para não vacilar com o toque por causa dos machucados que ele não pode ver. Ele não é feio, apenas um estranho. Desde quando permito que estranhos me toquem? Aparentemente, este é o primeiro.

Olho para o colete de couro e decido que é hora. — Talvez você possa me ajudar, — eu digo tão doce quanto a torta. É melhor ter esse cara do meu lado bom e não do mau.

— Eu vou ajudá-la com o que você precisar. — O homem dá um passo mais perto, e eu imediatamente sinto uma presença ao meu lado. Meus olhos disparam nessa direção.

Santa mãe de Deus. Não consigo decidir se este é o homem mais assustador que já vi ou o mais sexy. Inferno, talvez ambos. Seu rosto é tão intenso, como se agarrasse você e nunca te deixasse ir. Seus olhos azuis brilham, mas não de uma maneira agradável. Não, como um predador da noite, mas eles me sugam, no entanto. Seu rosto está marcado por uma barba grossa ao redor de sua mandíbula forte, suas feições envelhecidas com intenção e aqueles lábios... Sinto meus joelhos tremerem quando algum tipo de eletricidade flutua no ar entre nós.

Meus nervos já à flor da pele parecem implodir no meu estômago, espalhando pelo meu corpo como um fogo selvagem. Cerro os punhos e os reabro enquanto eles suavizam. Minha respiração fica um pouco curta, e isso me leva um momento para perceber que eu realmente preciso de oxigênio. Nunca, e toda a minha existência, um homem teve esse efeito sobre mim, e isso é totalmente o que ele é - um homem mais velho e cheio de sangue .

Desbloco meus olhos dele, usando toda a força que tenho para me virar, balançando a cabeça e focando novamente no cara da bandana.

— Obrigada, mas estou procurando por Cameron Wagner. — O aperto no meu quadril aperta dolorosamente, e eu estremeço porque é o quadril em que caí mais cedo ou ontem. Inferno, eu nem me lembro. Tudo o que sei é que dói.

Os olhos do homem de bandana passam de lascivos a ferozes, num piscar de olhos, e minha confiança fica um pouco abalada. — Para que você precisa dele?

Vibrações fortes vêm do meu lado novamente. Eu sei que é do homem sexy e assustador, mas não me afasto daquele que está na minha frente quando meu pulso acelera e o medo se aproxima. Eu tento empurrá-lo para trás, mas está crescendo. Núcleo duro.

— Eu sou Tanner, a filha dele.

O cara da bandana levanta a sobrancelha, a mão relaxando um pouco no meu quadril. O alívio é imediato, mas ele ainda se mantém firme.

— Não há nenhum Cameron Wagner aqui, — diz o homem.

O choque me enche, minha boca escancarada quando tudo dentro de mim começa a desmoronar. Ele tem que estar aqui. Não há outra opção, nenhuma outra opção, nenhum outro lugar para ir.

— Ele não está aqui? — Eu tremo, olhando ao redor da sala às pressas. Minha atitude implacável cai lentamente e, se eu pudesse, eu chutaria minha própria bunda.

Minha mãe estava errada. Ele não está aqui. Ele não faz parte deste clube. Viemos até aqui por nada. O que vamos fazer agora?

— Desculpe, eu fiz perder seu tempo. — Eu saio do alcance do homem de bandana e dou mais uma olhada no homem sexy e assustador cujos olhos estão estreitados em mim. Ótimo, nada como me fazer de burra.

Fuga. Eu preciso sair daqui.

Movo-me para a porta quando uma mão me agarra no meu braço, e eu me encolho, a dor irradiando por todo o meu corpo. Tento não demonstrar, mas falho. Eu não estava preparada para isso, então me pegou desprevenida.

— O que você tem? — a voz profunda de barítono do homem sexy e assustador pergunta, o som dela penetrando até os meus ossos, fazendo coisas estranhas no meu corpo.

Soltei um suspiro, a dor acelerando. — Nada. Estou bem. — Eu não estou dizendo a ninguém o que diabos está acontecendo aqui, se eu não precisar, especialmente para homens que parecem que poderiam rasgar minha cabeça a qualquer momento.

— Você está mentindo, — ele acusa.

Minha força está quase esgotada por hoje. A luta acabou. Respiro profundamente e olho nos olhos dele. Algo dentro deles me obriga a dizer a ele. Não sei o que é, mas está lá.

— Eu tenho uma situação. Minha mãe me disse que eu precisava vir aqui e encontrar meu pai Cameron Wagner para que ele pudesse nos ajudar. Como ele não está aqui, eu não vou perder seu tempo. — Eu praticamente imploro ao homem, esperando que ele me deixe ir.

— Escritório, — a voz do da bandana vem de trás de mim, me fazendo pular e me virar. Ah não. Eu não estou indo a lugar nenhum.

Eu tento me livrar do aperto sexy e assustador do homem, mas é muito apertado, e a cada movimento que faço, seu aperto se reforça, apenas me causando mais dor.

— Precisamos conversar, — diz ele, e meus joelhos começam a tremer seriamente.

— Não mesmo. Eu não quis incomodá-lo. Vou embora e nunca mais volto. — Um horrível medo me invade. Se eu for a uma sala com eles, o que farão comigo? Não quero ter essa resposta, realmente não quero.

Os lábios sensuais e assustadores do homem chegam ao meu ouvido, e eu tremo quando sua respiração me faz cócegas. — Relaxe. Nós apenas queremos conversar. Aqui é barulhento, com muitos ouvidos.

Percebo que ele não disse nada sobre não me machucar ou algo do tipo enquanto me puxa. Eu ando com ele, sua mão ainda está presa a mim. *Estúpida, Tanner!*

Com o homem da bandana na nossa frente, percebo que sua longa trança desce pelas costas. A parte de trás de seu colete de couro diz Ravage MC com uma caveira grande no centro, com chamas saindo do topo. A palavra Geórgia está no fundo. O couro do colete parece velho, desgastado, e aposto bastante macio ao toque.

Posso sentir os olhos em todos os lugares, nos observando enquanto atravessamos o espaço lotado, homens e mulheres. Não era assim que isso deveria funcionar.

Minha mãe! Eu quero ficar brava com ela, mas não posso. Ela não sabia que isso não iria funcionar, e tudo que ela queria era nos ajudar.

— Entre, — diz o homem da bandana.

Entro em um escritório com painéis de madeira e uma mesa grande com um computador em cima. As imagens alinham-se nas paredes, mas apenas as vislumbro, concentrando minha atenção no homem à minha frente. O clique da porta ecoa nos

meus ouvidos, assim como toda a música que sopra pelo local se acalma até um nível mais tolerável. A batida do meu coração toma seu lugar nos meus ouvidos.

Meu braço está solto, mas a porta está bloqueada por um peito largo, cruzado com braços, cada um forrado com tatuagens. Desvio o olhar e procuro janelas, um telefone, mesmo que eu não tenha ninguém para ligar, alguma coisa. Não há nada. As janelas estão cobertas de barras e, se houver um telefone, não o vejo. Droga!

Afasto-me da tensão grossa e pesada na sala. Eu quero ser a mulher de pé que eu sei que está dentro de mim; no entanto, algo sobre esses homens intimidadores me faz querer cair dentro de mim. Então não é normal.

O cara da bandana acaricia sua barba, pensativo. — Você disse que sua mãe disse para você vir aqui? — Eu aceno com a cabeça, palavras incapazes de escapar dos meus lábios. — Qual o nome da sua mãe?

Eu absolutamente não quero dar a esses homens o nome de minha mãe. Merda, eu já disse a eles meu primeiro nome, outro erro estúpido. Eu não falo, apenas olho.

— Olha, Tanner, você precisa nos dizer o que diabos está acontecendo aqui. Nós não gostamos de merdas indefinidas e definitivamente não gostamos que apareçam na nossa porta. Você nos diz o que está acontecendo, e nós seguimos a partir daí. — Parece razoável quando ele coloca assim. Na verdade, seu tom objetivo é acolhedor e reconfortante, mesmo através de todo este caos. Não que esses homens me ajudem, mas se eu pelo menos lhes contar, talvez eles me deixem ir. Talvez.

— O nome da minha mãe é Mearna.

O cara da bandana dá um passo para trás, como se eu tivesse lhe dado um tapa no rosto e depois lhe dado um soco. Ele se senta no canto da mesa, as mãos vindo

para segurá-lo com força. Suas juntas estão tão brancas que estou surpresa que ele não rache a madeira.

— E quantos anos você tem? — ele pergunta.

— Vinte e três, — eu digo baixinho, mantendo meus olhos nos dois homens. Mesmo quando esfaqueei James, nunca senti esse tipo de medo por mim mesma. Por minha mãe, sim, mas por mim? Não, não até agora.

— Porra, inferno! — O da bandana grita, e pulo novamente com suas palavras furiosas. — Mearna O'Ryan é sua mãe?

Dou outro passo para trás com o nome completo da minha mãe. Puta merda, ele a conhece.

Meus lábios se movem, mas nada sai. Deve ser do choque.

A presença que eu reconheço como o homem sexy e assustador vem às minhas costas. Suas mãos seguram meus ombros e eu fico tensa. Então ele as move para cima e para baixo nos meus braços, e por mais estranho que pareça, é realmente reconfortante. Demora um pouco, mas realmente ajuda com os nervos.

— Sim, — eu sussurro, respondendo-lhe finalmente.

— Você só pode estar brincando! — o homem da bandana explode, virando-se para a mesa e derrubando tudo no chão em uma enorme varredura.

Dou um passo para trás, caindo em um corpo duro como uma rocha, sem ter para onde ir. Meus olhos se arregalam quando o cara da bandana pega uma cadeira e a joga pela sala como se não fosse nada. Então ela cai no chão em um estrondo. Os braços em meus ombros me rodeiam quando ele me leva alguns passos em direção à parede oposta.

O homem da bandana está lá, seu peito subindo e descendo com esforço óbvio.

— Já acabou? Você a está assustando. — O homem atrás de mim diz e não está mentindo. No mínimo, ele traz de volta memórias de James, apenas aumentando o meu medo desse homem.

— Porra! — o homem da bandana grita e se vira de costas para mim. Ele sobe e desce, suas respirações muito audíveis na sala.

Merda, no que eu me meti?

— Vai ficar tudo bem, — é sussurrado no meu ouvido, não ajudando muito.

O da bandana se vira e me encara, realmente me encara, absorvendo todas as minhas características, fazendo sentir-me muito desconfortável. Isso continua por um longo momento enquanto estou aqui, sentindo como se estivesse me afogando, e o tempo todo, minha mãe está do lado de fora no carro. Deus, espero que ela esteja bem.

— Você se parece com ela, — o homem da bandana finalmente diz, e eu suspiro. — O mesmo cabelo avermelhado, os mesmos ricos olhos verdes. Eu deveria saber só de olhar para você. — Ele faz uma pausa. — Ela realmente acha que Cameron Wagner é seu pai?

Eu inspiro profundamente. — Ela nunca me disse o nome dele até estarmos a caminho daqui. Eu nunca soube dele. Ela disse que ele é o único que pode nos ajudar agora. Por isso viemos aqui.

— Nós? Ela está aqui? — o cara da bandana pergunta, e meu estômago cai. Eu e minha boca maldita. Como é que não consegui ocultar isso? Oh, não, pareço

continuar enfiando o pé tanto que estou surpresa por não estar sufocada. Não adianta mentir; eles simplesmente vão ao estacionamento e vêem.

— Ela está dentro do carro.

— Porra, inferno! — o homem da bandana diz, empurrando a mesa e indo para a porta.

Eu tento me mover, mas o aperto ainda está ao meu redor. Tenho que parar o homem bravo.

— Espere, por favor. Ela está muito machucada. Por favor, não a machuque mais. Tire isso de mim, não dela — digo com pressa, as palavras saindo como vômito verbal. Eu levo as pancadas por ela. Vou levar o que esse grande homem tiver, se isso proteger minha mãe.

Ele para, virando-se para mim. — O que você quer dizer com ela está machucada?

Inclino a cabeça e balanço. Eu não quero dizer isso, mas... — O noivo dela a espancou.

— Filho de uma grande puta! — ele explode. — Você… — ele aponta para mim — …vem comigo. — Rhys — ele aponta para o homem atrás de mim — fala com Pops. Feche essa merda.

Os braços fortes me deixam, e a frieza invade meu corpo. Eu imediatamente sinto falta do conforto e me viro para ele, mas ele já está indo para a porta.

— Vou dizer ao Pops e já saio. — Como ele me deixa em paz com o homem da bandana, não sei por quê, mas eu o quero de volta. Quero que me proteja desse

homem que está com tanta raiva que não tenho certeza de que minha maravilhosa mãe seja capaz de derrubá-lo um pouco.

— Vamos lá, — diz ele, saindo da sala.

Fico ali por um momento, sacudindo a cabeça e depois apressadamente o sigo - bem, o melhor que posso.

Ele abre caminho entre a multidão, gritando nomes enquanto caminha. No entanto, a música está tão alta que não consigo distinguir todos. Acho que Cruz ou GT ou algo assim.

Saímos a noite e disparamos para o estacionamento. Eu tenho que dar o dobro de passos que ele dá para acompanhar seu longo passo.

— Que carro? — ele late.

— O azul no final. — Tento dar um passo na frente dele, mas ele é rápido – concedo-lhe isso.

Ele bate na porta do lado do passageiro, e imediatamente pulo na frente dele, impedindo-o de chegar a minha mãe. Eu já agi com James por ela; assustada ou não, farei o mesmo com o homem da bandana.

— Pare! — Eu grito, batendo nele com meu quadril.

— Garota, é melhor você ver como fala comigo, — diz ele enquanto os olhos arregalados da minha mãe me olham pela janela.

— Pare com isso. Ela já passou o suficiente. Se você quiser falar com ela, tudo bem, mas ela está muito machucada, e eu não posso levá-la para o pronto-socorro,

então, só me dê um minuto. — eu atiro nele enquanto o medo recua, e meus instintos de proteção entram em ação. Ninguém machuca minha mãe.

Abro a porta.

— Cameron, — minha mãe respira.

Eu me viro para o cara da bandana. Ele é meu pai? Que diabos? Ele não poderia ter me dito isso?

CAPÍTULO 3

TANNER

Olho para ele e depois volto para minha mãe. — Ele quer falar com você, ok? — Eu digo a ela.

— Sim, — ela sussurra suavemente, os olhos ainda arregalados de choque.

Dou um passo para o lado da porta quando Cameron se aproxima, a fúria quicando nele. Então ele dá uma olhada na minha mãe. — O que diabos aconteceu? — Suas palavras são tão frias, ameaçadoras e assustadoras que arrepios se formam em meus braços.

— Cameron, — minha mãe diz em um tom calmo, me surpreendendo. Ela deve ter saído de seu choque.

— Não me chame disso. É Dagger. Segundo, me diga o que diabos aconteceu com você? Tanner aqui disse que foi seu homem?

Fecho os olhos com as palavras, lembrando apenas algumas horas atrás.

— Dagger? Realmente?

— Agora não, Mear. Conte-me.

Mear? Eu nunca ouvi alguém chamá-la assim. Nunca.

Ela suspira, mas há confiança nisso. Porra, eu amo a força dela. — Resumindo, James ficou bêbado. Ele me usou como saco de pancadas, e Tanner veio me ajudar. Nós pensamos que James estava desmaiado, mas ele não estava. Houve outra briga, e ele acabou morto.

Cameron - quero dizer, Dagger - se endireita e seu rosto fica em alerta. — Você pode andar? — ele pergunta em um tom surpreendentemente cuidadoso. Esta noite parece estar cheia de surpresas.

— Eu preciso ajudá-la, — digo de lado.

— Foda-se isso. — Ele pega minha mãe quando ela fecha os olhos com força; sem dúvida, ele está tocando algo que a machuca. Ele a carrega em estilo nupcial enquanto eu bato a porta do carro e a tranco.

Vou atrás deles, e o cara que Dagger chamou de Rhys - que tipo de nome é esse? - nos encontra quando ele sai.

— Ligue para o Doc. Precisamos dele o mais rápido possível. Encontre a Princesa — Dagger late para outro homem quando entramos. Ele tem cabelos castanhos compridos e uma bela morena está de pé ao lado dele com um sorriso suave no rosto.

Sigo pela multidão, certificando-me de que minha mãe esteja sempre à minha vista. A música parou e as luzes do teto, ainda mais brilhantes, estão acesas. Todos os olhos parecem estar em nós. Se alguma vez eu gostaria de desaparecer, seria agora. Odeio ser o centro das atenções, sempre odiei. Independentemente disso, eu puxo minha calcinha de menina grande e sigo em frente.

Dagger entra em um quarto e deita minha mãe em uma cama. A sala é revestida com painéis de madeira, com quadros e faixas penduradas nas paredes. A cama está desarrumada e as roupas estão amontoadas no chão. Latas e garrafas vazias de cerveja estão em todas as superfícies. Certamente não é o lugar mais limpo em que já estive antes.

Eu me movo para o lado da cama, ajoelhando-me, meu quadril doendo conforme o faço, e agarro a mão da minha mãe suavemente. — Você está bem?

Ela vira a cabeça rigidamente em minha direção, seus olhos brotando, e meu coração se parte por ela. — Dói um pouco, — ela murmura entre dentes. Não tenho dúvidas de que sim.

— Eu tenho mais Vicodin no carro. Você quer que eu vá buscá-lo? — Eu realmente não quero deixá-la e passar por todas aquelas pessoas do lado de fora da porta, mas farei o que for preciso para ajudá-la.

— Eu vou ficar bem, — minha mãe, sempre a soldado, responde. Bata nela com um caminhão Mack, e ela ainda fica bem.

Eu me levanto, mesmo que isso me doa, mas ela precisa do remédio, mesmo que não o diga. — Eu vou... — Minhas palavras são cortadas por uma mão no meu pulso.

Minha cabeça se levanta e olho nos olhos que me lembram o oceano, mas também o perigo que vive sob sua superfície. Rhys.

— Me dê as chaves. Diga-me onde está, e eu vou buscar. — Meu primeiro pensamento é: *Isso é doce*. O segundo pensamento é: O *quê? Ele está brincando*? Mas sou grata por sua generosidade. Minha mãe sempre me ensinou a *nunca olhar na boca de um cavalo presente*[3], e não estou começando agora.

Procuro no meu bolso e tiro minhas chaves. — Está em... — Oh, merda. — Minha bolsa. Está no banco de trás do carro. Há um frasco dentro dela. Eu realmente não quero que ele vasculhe minha bolsa, não que haja algo de real significado. Ele

[3] Nunca recuse algo que lhe está sendo oferecido, se algo é gratuito, não procure as falhas.

não parece ser um homem respeitável que manterá as mãos fora das minhas coisas, no entanto. *Agora, quem está julgando pelas aparências, Tanner?* — Ou apenas me traga minha bolsa, e eu pego.

Ele me dá essa coisa viril de levantamento de queixo, arrancando minhas chaves de mim e se vai.

Eu me ajoelho de volta, minha própria dor se intensificando profundamente quando a adrenalina que segurei desde o momento em que recebi a ligação de mamãe está vazando.

— Diga-me o problema, — diz Dagger, puxando uma cadeira e sentando-se do outro lado da cama. Seu olhar sobe e desce minha mãe. Por alguma razão bizarra, de repente eu quero encobri-la.

Quatro outros homens estão por perto, cada um com os olhos fixos na minha mãe e cada um com a confiança de que eles podem acabar com toda essa situação em um segundo.

— Você quer que eu conte? — Eu pergunto a mamãe, que assente levemente. — Ela está sofrendo muito, — digo a eles como uma idiota. Qualquer pessoa com dois olhos podia ver essa informação.

Eu passo a história inteira do que aconteceu, sem deixar nada de fora. Se mamãe está certa, e esse homem ou homens podem nos ajudar, então eles também podem ter todos os fatos.

— Depois de limpar mamãe, viemos para cá.

— Então as facas e as roupas estão no seu carro? — Dagger olha para mim, acariciando sua barba para cima e para baixo. É quase como uma coisa calmante para ele, ou talvez ele esteja pensando profundamente.

— Sim, em uma sacola plástica preta. Está tudo lá. — Agarrei a mão de mamãe durante a narrativa da história, e ela me apertou várias vezes em segurança. Eu precisava disso porque foi a única razão pela qual continuei. Ela é minha força.

Rhys voltou durante o tempo da história, e parei para dar à mamãe mais alguns remédios. Seus olhos estão ficando um pouco caídos agora, então ela provavelmente adormecerá em breve. Isso é bom. Ela precisa descansar e curar.

— Becs, Tug, — Dagger diz para dois homens na sala que estavam ouvindo cada palavra atentamente. Eles não são tão assustadores quanto Rhys, mas estão lá em cima, no topo do poste.

— Nós tratamos disso, — diz um deles enquanto Rhys joga minhas chaves para eles.

— Por que você lhes deu minhas chaves? — Eu pergunto a ele um pouco mais arrogantemente do que deveria.

— Pare com isso, — é tudo o que ele diz, e eu o encaro. — Tanner, deixe os caras fazerem suas coisas.

Eu me concentro de volta em Dagger. Odeio não ter nenhum controle. Pode me levar à beira da insanidade neste momento. Espere, eu já estou lá.

A casa. Você trancou e apagou as luzes? — ele pergunta.

— Sim.

— Você fez mais alguma coisa? Moveu-o ou algo assim?

Eu me encolho, pensando em seu corpo sem vida cercado por uma poça de sangue. — Eu não o toquei depois que descobri que estava morto. — A bile sobe na minha garganta, e a engulo.

Os olhos da mamãe se fecham, e a suave subida e descida do peito me diz que ela está dormindo. Tão pacífica. Tão ferida.

— Boa. Preciso do endereço, e cuido disso.

Meus olhos se voltam para os seus confiantes. — Como você fará isso?

— Isso, minha querida, não é da sua conta. Eu e os meninos vamos lidar com isto.

Balanço minha cabeça para a frente e para trás vigorosamente. — Você não entende que ele é um policial respeitado lá? Você não pode simplesmente encobri-lo. Você pode colocar batom em um porco, mas continua sendo um porco! — Minha voz aumenta e instantaneamente aperto a mão na boca, não querendo acordar minha mãe.

— Tanner, está resolvido, — diz Dagger. — Agora essa coisa de você ser minha filha... falarei com sua mãe sobre isso quando voltar.

Espere. O quê?

— Onde você vai?

— Eu tenho que limpar essa pequena bagunça. Vamos sair e voltar antes que você perceba.

Ele vai sair?

— Você está indo para o Tennessee? — Eu pergunto, e Dagger acena com a cabeça.

— Muito bem, o que diabos está acontecendo agora? — Uma mulher bonita com cabelos escuros e mechas vermelhas entra na sala carregando uma caixa de equipamento. Ela vai pescar?

Princesa, Tanner. Tanner, Princesa — Dagger nos apresenta quase de maneira robótica.

Dou um pequeno aceno com um 'oi' e ela levanta o queixo. Isso parece ser um sinal universal por aqui.

— Preciso que você examine Mearna quando ela acordar e Tanner agora, — Dagger diz a Princesa.

— Estou bem, — eu digo, levantando-me instantaneamente do chão. A tontura me ataca, e duas mãos grandes arragam meus lados, me segurando e me firmando. Seu toque é como um fogo que eu nunca senti. É quente, mas queima tão profundamente que irradia pelo meu corpo. — Eu estou... bem, — digo em uma expiração depois de recuperar o fôlego.

— Com certeza está. Eu stou bem. Você está bem. O mundo está bem. Sente-se na cadeira e deixe-me ver você — Princesa diz, vindo em minha direção.

Eu tenho que dizer, ela é definitivamente intimidadora, então apenas ouço e sento. — Onde dói? — ela pergunta, tocando meu braço em um ponto que não dói.

Eu rio. — Provavelmente o único lugar em que não dói é onde você está tocando agora.

Os homens na sala se afastam e começam a falar em voz baixa.

— Então, quem ganhou a luta? — ela pergunta.

— Ele está morto, então me diga você. — Meus olhos se arregalam. Não acredito que acabei de dizer isso a ela. Oh meu Deus. Uma perfeita estranha e eu apenas deixei escapar isso? Alguém, por favor, me cale a boca.

Ela ri, uma risada completa, jogando a cabeça para trás. Não sei se estou aliviada ou assustada.

— Parece que você ganhou, então. Preciso que vá ao banheiro e lave toda essa merda do seu rosto. Você fez um bom trabalho cobrindo tudo.

Sem palavras, faço o que ela pede em um banheiro anexo que está sujo como o inferno e precisa ser limpo, tipo no ano passado. Nojento.

Quando termino, sento-me e Princesa move meu rosto de um lado para o outro, inspecionando cada centímetro de mim. — O filho da puta te pegou bem. Levante sua camisa. Eu olho para os caras na sala e ela segue o meu olhar. — Não se preocupe com eles. Eles têm mais boceta e tetas do que alguma vez precisarão. — A franqueza de suas palavras é como nada que eu já tenha ouvido. — O quê? — ela me pergunta.

— Por que você fala assim? — Talvez eu deva ter vergonha, mas não estou. Chocada é mais parecido.

— Assim como? — Ela espera uma batida antes que perceba o que quero dizer. — Oh! A coisa da boceta e tetas? Irmã, se você vai ficar com esses caras, precisa deixar essa merda puritana na porta. Não vai dar certo aqui. Eu cresci em torno disso. A propósito, quem é você?

Merda puritana? Eu nunca me considerei uma puritana antes. Sinto-me um pouco ofendida, mas não digo nada.

— Aparentemente, sou filha de Dagger. — Os olhos dela se arregalam, e é meio bom. Algo me diz que ela não fica chocada com muita frequência. — Pelo menos, foi o que minha mãe decidiu me contar algumas horas atrás.

— Não brinca?

Sinto vontade de rir de sua perplexidade.

— Sem brincadeira. — Puxo a camiseta por cima da cabeça, meu sutiã preto cobrindo todos os itens essenciais.

— Porra, garota. Ele chutou você bem.

Com essas palavras, Rhys se vira para mim. Seu olhar é tão penetrante, tão profundo que tento me cobrir, me proteger de... não sei, mas alguma coisa. Seus olhos estreitam quando ele absorve todos os machucados e cortes no meu corpo. Ele nem sequer viu as minhas pernas ou costas ainda. Eu me sinto tão despida, nua, exposta.

— Deixe-me ver. Está tudo bem. — Ela segue meu olhar para Rhys. — Você a está assustando de morte. — Ela fala as palavras que eu gostaria de dizer.

Ele faz uma espécie de grunhido, balança a cabeça e volta para os outros caras.

A Princesa cutuca minhas costelas e, embora esteja dolorida, tenho certeza de que nada está quebrado.

— Você é médica ou algo assim?

Princesa sorri. — Não, apenas costurei muito ao longo dos anos. Se o Doc não puder chegar aqui rapidamente, eu vou dar uma olhada. — Então ela não tem

treinamento médico. Ótimo. — Não se preocupe. Eu assisto aqueles programas de hospital na TV. — Ela pisca, então sei que está brincando.

Quero relaxar, mas simplesmente não consigo. Existem muitas incógnitas para desfrutar de qualquer relaxamento.

— O filho da puta que você matou fez isso com sua mãe? — ela pergunta, olhando para a cama onde minha mãe está dormindo sem se importar com o mundo.

— Sim. Ele ia acabar com nós duas. Eu não pretendia... — Eu não posso mentir, porque se eu estivesse nessa situação exata novamente, eu não mudaria nada. Eu o teria matado. — Deixa pra lá. Eu quis isso. Ele a estava machucando, e eu não podia mais deixá-lo fazer isso. — Espero pelo nojo ou raiva dela por tirar a vida de outro humano. Não vem.

— Bom, — diz ela, me surpreendendo. — Idiotas assim precisam ser eliminados.

Olho para ela. Tenho certeza de que entrei em um universo paralelo. Desde quando as pessoas falam tão despreocupadamente sobre tirar a vida de outra pessoa? Nem sei o que dizer, mas choro quando ela toca em um ponto do meu lado.

— Você está fazendo xixi de sangue? — ela pergunta enquanto recupero o fôlego.

— Não, — eu cerro os dentes. Droga, isso dói.

— Boa. Provavelmente está muito machucado, mas pediremos que Doc dê uma olhada para garantir. Você quer algo para a dor?

Senhor, eu quero algo para me nocautear, para que eu possa esquecer, mas não posso, não agora. Este lugar é muito diferente e, pelo amor a minha mãe, preciso manter meus olhos abertos.

— Apenas um pouco de ibuprofeno seria bom.

— Você tem certeza que não quer algumas das coisas boas? Eu posso fazer isso para que você não sinta nada. — Ela sorri calorosamente, e não tenho dúvida, pelo olhar em seu rosto, que ela tem um arsenal de pílulas para fazer sentir bem.

— Não, obrigada.

Ela assente, abrindo a caixa que deitou no chão aos meus pés. No interior, existem muitos frascos cheios de pílulas, e no fundo existem todos os tipos de suprimentos médicos.

— As pessoas se machucam muito neste lugar? — As palavras saem da minha boca. Onde diabos está o meu filtro?

— Você ficaria surpresa.

Eu realmente não acho que quero saber neste momento. Olho para minha mãe na cama, a cama suja com lençóis sujos, e tenho certeza de que os travesseiros são tão imundos quanto o resto. Não há como eu deixar minha mãe dormir sobre isso.

— Eu não quero ser rude, — digo enquanto ela sorri para mim, dando-me toda a atenção. — Existe alguma maneira de conseguir roupas de cama limpas para minha mãe? Isso - aponto para a cama - é simplesmente nojento.

Princesa ri tanto que lágrimas começam a rolar pelo seu rosto, chamando a atenção dos caras que estão conversando em silêncio. — Oh querida. — Ela se vira para Dagger. — Cara, ela nem te conhece ainda e pode vê-lo tão claro quanto o dia.

— O que diabos isso significa? — Dagger encara a Princesa, e não posso evitar a pontada de medo naquele olhar. A Princesa não sente nada enquanto a risada continua.

— O seu Eu desleixado. — Ela balança a cabeça, virando-se para mim. — Vou pegar alguns novos. — Virando-se para a porta, ela grita: — Blaze! — tão alto que faz meus ouvidos tinirem.

Alguns segundos depois, a linda morena que estava na entrada mais cedo entra pela porta. — Você berrou? — Seu tom sarcástico me diz que essas duas têm um bom relacionamento. Tenho certeza de que não há muitas pessoas que falariam com a mulher na minha frente assim.

— Você pode conseguir lençóis limpos, fronhas, cobertores, essas coisas? O quarto de Dagger é um buraco.

Quando Blaze sorri, é hora de recuperar o fôlego. Aquele único movimento ilumina seu rosto para além do belo. — Sem problemas. Eu mudaria tudo, também.

— Pare de dar merda a Dagger, ou eu vou virar você em cima do joelho, — diz o cara que Dagger chamou Tug, dando um tapa forte em Blaze na bunda.

— Ei! Não fiz nada de errado — ela brinca, nem um pouco chateada. De qualquer forma, seu olhar de admiração me diz que ela está apaixonada por esse homem, profundamente apaixonada.

Ela o beija na bochecha e sai rapidamente da sala.

— Posso pegar alguma coisa para você? — Princesa pergunta assim que um cara enorme, com cabelos claros, entra na sala. Estou surpresa que ele possa passar pela porta.

— O que está acontecendo? — o homem questiona.

— Ei, querido. Duas mulheres foram espancadas, uma matou um cara. Oh! E esta é a filha de Dagger. — Ela aponta para mim quando o choque atinge o rosto do homem. — Cruz, Tanner. Tanner, Cruz, meu homem. — Ela pisca.

Porra, ela fez um bom trabalho ao achar esse homem.

— Puta merda, — diz ele, juntando-se aos homens reunidos, sem realmente me reconhecer.

— Então o que acontece agora? — Eu pergunto a Princesa.

— Os meninos vão embora e cuidam do problema. Você precisará responder a todas as perguntas deles e não reter nada. — Eu concordo. Eu já contei a história para eles, mas responderei o que eles quiserem perguntar.

Puta merda, no que eu me meti?

CAPÍTULO 4

RHYS

— Porra, nós não precisamos dessa merda no momento, — diz Cruz quando entra no grupo.

Ele está certo. Ravage tem muita coisa acontecendo para que isso ocorra agora. No momento, enquanto falamos, Buzz, um dos irmãos mais novos, está invadindo alguns computadores que recebemos de um cara que trabalhava com um clube rival, e ele não está pensando em muita coisa. Ainda estamos tentando descobrir quem está por trás de toda a besteira que aconteceu com Ravage nas últimas semanas. Então, tenho certeza que irritamos muita gente importante quando matamos os filhos da puta que sequestraram Blaze, a Old Lady de Tug. Agora isso.

— Você não acha que eu sei dessa merda? — Dagger rosna, indo de igual para igual com Cruz. — Essa pode ser minha filha. Se ela precisar de proteção, nós damos.

Não tenho muita certeza de que essa coisa toda de filha já tenha afundado para ele, mas está fazendo o que eu faria nessa situação – dar um jeito para que ela não sofra.

Quando ela entrou no clube, foi como se uma força magnética me fizesse ir até ela. Eu tinha cadelas fazendo fila para me foder, mas não, eu fui para ela e não tenho a menor ideia do porquê. Ela é apenas uma garota como todas as outras. Foda e siga - esse é o meu lema. Sempre foi, sempre será.

— Pare. — Pops entra na sala, absorvendo tudo. — Dagger, venha aqui — ele ordena.

Dagger, nosso Sargento de Armas, obedece, seus olhos se voltando primeiro para a mãe na cama e depois para Tanner. — Tanner, — ele chama. Não sei se ele só precisa ouvir isso ou que diabos é.

— Oi. — Ela acena alegremente, baixando a mão rapidamente. Apenas esse pequeno gesto foi sexy como o inferno, e tenho certeza que ela nem percebeu.

— Esse é Pops. Ele é o presidente por aqui — explica Princesa para Tanner, que absorve tudo silenciosamente. — Ele também é do meu sangue. — Tanner engasga.

— Seu pai?

— Sim, mas só o chamamos de Pops por aqui. — Princesa se vira para Pops e pisca.

— Parece que você se meteu em confusão aqui, Tanner. — Ela senta-se em silêncio com as palavras de Pops. — Parece que isso vem com muitas mulheres que entram na família Ravage hoje em dia. — A última parte, ele praticamente rosna. — Arranje papel e caneta para Tanner. Preciso que anote o endereço do homem que você matou e o endereço do seu apartamento.

— Por quê meu apartamento? — ela pergunta, pegando o papel da Princesa que o tirou da mesa de cabeceira.

— Foi onde você se limpou. Sangue.

Eu realmente espero que não tenhamos que incendiar o prédio. Isso seria muito suspeito junto com as chamas da casa da mãe.

— Eu... — ela começa, depois balança a cabeça e escreve no papel, devolvendo a Princesa quando termina, que entrega a Pops.

— Tudo certo. Você fica aqui com sua mãe, e nós voltaremos. Pops se vira. — Digam tchau a suas old ladies; temos merda para fazer. — Ele então sai da sala.

Não tenho nem quero uma old lady. Foda-se essa merda. Eu não quero uma mulher latindo para mim desta ou daquela maneira. De jeito nenhum. Independentemente disso, algo me obriga a virar e olhar para Tanner. Enquanto o faço, seu rosto cora quando ela respira fundo. Pelo menos eu sei que a afeto. Eu vou transar com ela, filha de Dagger ou não. Preciso deixá-la curar primeiro, no entanto.

Levanto meu queixo para ela e saio da sala.

***

Pisando no acelerador, voo com meus irmãos pela interestadual, sentindo a frescura da noite ao meu redor. Ainda está muito escuro, mas o sol estará nascendo em breve.

Nunca me sinto tão livre quanto quando estou montando. Ando de motocicleta legalmente desde os dezoito anos e, ilegalmente, muito antes. Comecei a consertar minha primeira Harley aos dezesseis anos. Eu não tinha a menor ideia do que estava fazendo e não tinha dinheiro. Era apenas um garoto de rua que encontrou um pedaço de motocicleta e queria consertá-lo.

Eu não tinha nada, mas não queria nada ao mesmo tempo. Roubei comida de supermercados locais ou de restaurantes. Como abrigo, eu encontrava uma casa

abandonada ou me escondia sob o viaduto pela interestadual. Se ficava doente, ia à clínica gratuita. Tive de me orientar.

O que eu não tinha eram pais. Nunca tive um pai, não sei quem diabos ele era. Minha mãe, se você pode chamá-la assim, usava tantas drogas que não se aguentava metade do tempo. Seu passatempo favorito era me bater na cabeça e me dizer que decepção eu era para ela. Consegui algumas cicatrizes para provar isso, porque às vezes ela era inventiva e encontrava coisas em volta de nossa casa para usar em vez de sua mão. Eu estava melhor na rua. Claro, não foram rosas. Foi difícil, letal, e a melhor educação que um cara como eu poderia ter.

Aos catorze anos, eu sabia muita merda sobre as ruas. Eu era um garoto insignificante e idiota chamado Denny Lorant, que sabia que estaria melhor na rua sozinho do que com uma mãe que nos balançava de um lugar para outro porque ela não tinha nada. Eu tentei limpá-la, mesmo com tudo o que ela me fez, tentei. Mas funcionou com ela, então desisti.

Eu lutei muito, fui derrotado muita vez. Tive um monte de ossos quebrados no meu corpo, mas com cada um, eu aprendi. Aspirei todas as informações que pude e cresci, não apenas em tamanho, mas em cérebro. Então, à medida que envelheci, tornei-me aquele que dava as batidas. Eu era o que os outros temiam, e adorava isso. Foi assim que ganhei o nome Rhys, porque me levanto acima de tudo. Uma garota que eu conhecia na época inventou esse nome, e ficou para sempre.

Quando comecei a consertar a minha primeira Harley, eu era um punk descarado de dezesseis anos de idade, e estou surpreso que as coisas aconteceram do jeito que foi. Eu me considero um dos sortudos. Sem saber o que diabos eu estava fazendo e só passeando com caras que trabalhavam em carros, comecei a ir às

garagens locais e pedir sua ajuda em troca do meu trabalho em suas lojas, limpando o que diabos eles queriam que eu limpasse. Bateram a porra da porta na minha cara vezes demais para contar.

Quando cheguei à Banner Automotive, imaginei que o mesmo aconteceria: porta, batida. Para minha surpresa, isso não aconteceu. Pops me apresentou a Bam que era um especialista em consertar coisas. Fui apresentado ao Ravage MC, e o resto é história.

Nunca tive um momento em que idealizasse meu futuro. Foda-se, não. Eu tive sorte de sobreviver a cada noite nas ruas, dormindo com um olho aberto o tempo todo. Nunca pensei que teria algum tipo de família, mas aquela parada aos dezesseis anos abriu meu mundo para Ravage.

Seguimos Pops por um beco e paramos nossas motos, desligando os motores. A casa fica a cerca de três quarteirões do caminho. As casas estão alinhadas, empilhadas demais perto umas das outras. Todo mundo nessa área vai ouvir nossas motos, então precisamos jogar essa merda legal.

São cerca de cinco horas da manhã de uma quinta-feira; portanto, tenho certeza de que a maioria desses idiotas se levantará em breve para voltar ao trabalho, o que significa que nada pode parecer fora do lugar.

— Rhys. — Eu levanto meu queixo para Pops, reconhecendo suas palavras. — Você e Tug vão até à casa verificar essa merda. Volte e nos dê informações. Então planejamos. — Eu aceno com a cabeça, assim como Tug. — Estamos indo para o parque que passamos na cidade. Coloquem suas motocicletas embaixo dos arbustos e voltem para nós.

Seguimos as instruções de Pops até a fim e seguimos pelo beco.

Puxo uma fumaça do bolso e acendo. Nervos? Que porra é isso? Eu perdi essa merda quando saí pelas ruas. Medo? Não, também não. Isso é realmente divertido.

— Este aqui, — diz Tug, apontando para a casa castanha com persianas verdes. Todo o lugar se parece com o *Brady Bunch* - totalmente voltado para a família.

Apago o cigarro com os dedos e coloco a ponta no bolso. Nenhuma evidência é deixada para trás, nada. Então calço minhas luvas de couro preto, assistindo Tug fazer o mesmo, e tiro minha Glock da parte de trás das calças. Deixamos nossos coletes presos nas motos, não querendo nada de identificação. Isso não chega nem perto de ser uma reunião amigável.

Chegamos até à porta dos fundos. Sangue seco está cobrindo o cabo. Porra. Essas mulheres não sabem nada sobre esconder as coisas. Meus pensamentos passam rapidamente para Tanner. Não, não tem como ela conhecer essa vida. Ela é muito... é tudo, porra. Balanço a cabeça, concentrando-me na minha tarefa.

Olhando pela janela, vejo pegadas cobertas de sangue por toda a entrada. Pelo menos elas foram espertas o suficiente para sair pelos fundos. Girando a maçaneta, ela se abre livremente, para que nem se desse ao trabalho de trancar a porra da porta. Mordo minha maldição quando viro a maçaneta e entro na porta com Tug nas minhas costas. Passaram umas boas doze horas, então o cheiro da morte assalta minhas narinas. Bom. O filho da puta merecia morrer.

Caminho em volta da pequena alcova da cozinha onde o filho da puta morto está deitado no chão em uma poça de seu próprio sangue. Ele é um filho da puta gordo. Do que diabos eles o alimentaram? Policial bem respeitado, o caralho. Mais como menta paga por toda a porra da comida na cidade. Idiota.

Sangue está espalhado por toda a sala. Pude ver pelas marcas exatamente onde Tanner e Mearna estavam na sala. Fazemos uma rápida pesquisa na casa e não encontramos ninguém lá, e parece que ninguém mais esteve no espaço. Encontro o celular dele, mas não tem nenhuma ligação perdida, então espero que ninguém esteja procurando por ele ainda.

Pego meu próprio celular, digitando o número de Pops. — Limpo. Se foi. Precisa de alguma coisa?

— Não. Venha até nós — ele diz cautelosamente. Certamente, usamos telefones mais baratos, mas você nunca sabe quem está ouvindo.

Tenho que dizer, discordo do Pops aqui. Acho que devemos colocar fogo no lugar agora e sair da cidade antes que todos acordem e comecem o dia. Em vez disso, ele quer planejar. Eu nunca fui muito planejador; sou mais um executor.

— Agora e fora, — digo a ele, esperando que entenda o que estou dizendo.

— Limpo? — Ele retorna, querendo saber se podemos fazê-lo de forma limpa ou se deixaria uma bagunça maior.

— Parece que sim, — eu respondo. Quanto mais cedo resolvermos essa merda, mais rápido conseguiremos dar o fora daqui.

— Faça, — ele ordena.

Não há muitos homens neste mundo de quem receba ordens, mas meu presidente é um deles. Alguns dos irmãos, possivelmente. Todo mundo pode beijar minha bunda. Estou aliviado por ele ver as coisas do meu jeito.

— Vamos. — Eu desligo o telefone.

Tug está me estudando atentamente, esperando minha liderança. Ele é um membro pleno do Ravage MC há pouco tempo, mas é um aprendiz muito rápido e um homem que estou feliz por ter nas minhas costas.

— Porão. Vamos esquentar a água. É de gás.

Vamos para o porão e apagamos a luz piloto do aquecedor de água. Tug e eu afrouxamos os canos, permitindo que mais gás flua pela sala.

— Feito, — digo a ele enquanto subimos as escadas.

Verificamos as janelas, certificando-se de que todas estejam fechadas. Estão. Em seguida, vamos para a cozinha, onde Tug pega uma panela fora do armário, enchendo-a até à metade com água antes de colocá-la no fogão. Ele acende o fogão a gás enquanto assistimos o fogo ganhar vida.

— Vai demorar uma hora ou duas. Então vai explodir, — diz Tug.

— Então vamos dar o fora daqui. — Toda a instalação tem gás natural subindo e, como fechamos a porta do porão, levará um pouco mais de tempo para chegar ao fogo, mas a essa altura, estará tão concentrado que... BOOM! A casa inteira explodirá primeiro e depois pegará fogo.

Nós vamos para as nossas motocicletas e fazemos o nosso caminho para o parque. — Feito? — Pops pergunta quando paramos.

— Enchendo com gás agora. Vai explodir em algumas horas.

— Muito ruim? — Dagger pergunta.

— As garotas não sabem merda alguma sobre encobrir uma cena de crime. Só consigo imaginar como será o apartamento quando chegarmos lá. — Balanço a cabeça, tirando as luvas. — Podemos precisar explodir o local também, se parecer com o que acabamos de ver.

— Não podemos incendiar, é óbvio demais, — diz Pops. — Você, Dagger, GT e Becs vão até à casa de Tanner e vejam como diabos está. Então vamos a partir daí — ordena Pops, agarrando sua nuca. — Juro por Cristo, vocês seus filhos da puta e suas mulheres serão a minha morte.

Eu posso ver de onde isso está vindo. Primeiro, foram a Princesa e a cadela que sequestraram ela e o filho de Cruz. Depois Casey, a old lady de GT, quando foi sequestrada. Depois disso, Blaze estava fugindo de dois idiotas que a estupraram repetidamente. As cadelas por aqui trazem muita merda. É por isso que eu não me envolvo com elas - demais problemas.

— Tudo bem, — eu digo enquanto nos dirigimos para a casa de Tanner.

Não é o que eu esperava depois de estar na casa mais nova de construção em série da mãe dela. O lugar da casa de Tanner é de dois andares, com quatro apartamentos. Enquanto subimos os degraus em ruínas para o segundo andar, me pergunto quanto ela paga por esse buraco de merda de casa. Quero dizer, porra, as malditas tábuas nas escadas estão caindo; para não mencionar que a grade é instável como o inferno.

Dagger pega as chaves de Tanner e abre a porta. Eu acendo a luz e os meninos seguem.

— Que porra é essa! — Dagger rosna alto, e eu tenho que concordar com ele. O lugar é pequeno, dois malditos quartos pequenos, mas o tamanho não é o que nos leva. São as rachaduras nas paredes e os tetos que estão caindo com baldes embaixo para pegar a água quando chove. O mofo está crescendo em uma das paredes perto da pia da cozinha, mas, apesar disso, o local está imaculado. Tanner obviamente se orgulha de seu espaço, e eu a sinto nessa merda.

Lembro-me da minha primeira casa. Eu estava completamente em êxtase por ter uma cama fodida e um chuveiro. Eu teria lidado com toda essa merda também. Mas por que ela está? Não posso evitar a curiosidade.

Dagger empurra através do espaço, cada rosnado mais alto que o anterior. Se eu tivesse um filho, de jeito nenhum eu iria querer que ele vivesse assim.

— Irmão, — ele me diz com um olhar perdido nos olhos.

Eu bato no ombro dele. — Nós vamos resolver isso.

— Porra! — ele cresce. — Eu nem sabia que tinha uma criança, e ela está vivendo assim? — Quando ele começa a andar, eu olho para os outros caras, esperando que essa merda não corra mal, e Dagger possa controlar sua merda. — Como Mearna pôde deixá-la viver assim? — Seus punhos cerram. Ele está a cerca de dois segundos de bater na parede.

Eu subo em seu espaço, ficando na sua cara. Dagger e eu somos amigos há duas décadas, e se alguém pode lidar com ele, sou eu. — Uma coisa de cada vez, irmão. Vamos limpar essa merda. Mesmo que eu não veja sangue, o que me

surpreende, ainda precisamos mergulhá-lo em peróxido de hidrogênio[4], apenas por precaução. — Então voltamos e descobrimos. Não faz sentido perder a cabeça quando você não tem todos os fatos. Me entende?

Suas narinas têm um toque e eu me preparo para o touro que é Dagger. Eu poderia estar vestindo uma porra de camisa vermelha pelo jeito que ele está olhando para mim.

— Saia dessa, — eu rugo, e seus olhos piscam. Porra, inferno. — Vamos fazer essa merda, — ordeno, parecendo ser apenas alguém que ainda tem um cérebro no momento. Quanto mais tempo estamos aqui, maior a probabilidade de alguém nos ver.

— Foda-se. Vamos fazer essa merda.

Olho para GT, que é filho de Pops e irmão de Princesa. Ele carrega os sacos de peróxido de seus alforjes.

— Banheiro, cozinha, — diz ele, saindo para limpar a merda. Dizem que o alvejante mata tudo, mas esse não é o caso quando se trata de sangue.

A única merda que torna o sangue não rastreável é o bom e velho peróxido de hidrogênio que você compra na farmácia. Funciona toda vez.

Eu me movo pelo espaço. Tanner tem fotos penduradas nas paredes rachadas e uma cômoda inteira forrada com elas. Há apenas algumas dela e outras dela com sua mãe. Não vejo nenhum amigo, o que parece um pouco estranho.

— Terminou? — Eu chamo quando Becs puxa sua luz prática do bolso. É uma daquelas que os policiais usam para encontrar vestígios de sangue nas cenas de

[4] Água oxigenada.

crime. Ele sempre foi excelente nisso. Costumávamos brincar o tempo todo que iria nos perseguir. Ele tem um talento especial e, para nós, funciona como mágica.

— Sim, tudo certo, — GT chama para fora do pequeno quarto.

— Vamos, — diz Becs, colocando as coisas de volta no bolso. Graças a Cristo.

— Ela manteve muito bem contido no banheiro, e GT o limpou. Havia uma mancha no chão do quarto, mas em nenhum outro lugar, nem mesmo na cozinha, — relata Becs.

Tanner é mais inteligente do que eu pensava, ou ela é apenas uma aberração pura e séria. Tanto faz. Estou pronto para ir para casa.

Quando voltamos para o parque, Pops está sentado lá com um sorriso de merda no rosto e Cruz e Breaker ao seu lado.

— Feito. Vamos lá.

Olho na direção da casa do idiota e vejo fumaça subindo para o céu. Então viro minha motocicleta e saímos.

Pelo menos é uma coisa a menos que eu tenho que lidar.

***

Meu telefone toca e eu o tiro do meu jeans, vendo o nome de Sandra na tela. Porra, inferno. Um tempo atrás, essa cadela foi até à polícia, dizendo que viu drogas sendo vendidas dentro do clube. Os policiais saíram com um mandado de prisão baseados em suas palavras e arrasaram completamente o local, destruindo

quase tudo o que havia dentro, procurando as drogas. Não encontraram nada, mas nos deixaram com uma bagunça revirada. Fui até Sandra e convenci-a a retratar sua história. Sim, eu peguei ela para fazer isso, mas tanto faz. Ela voltou para a delegacia e fez exatamente isso, retratou. Quando o fez, os policiais ficaram tão irritados que a pegaram e jogaram sua bunda na cadeia por mentir. Ela me chamou para tirar sua bunda de lá, mas essa merda não estava acontecendo. Eu a evitei como a maldita praga desde então.

Ela deve estar fora agora, pois está ligando do celular. Apertei ignorar na tela e enfiei de volta no bolso. Ela chamou meia dúzia de vezes da prisão, e se ela continuar com essa merda, eu irei até à casa dela e a levarei para sair hoje à noite. Está na lista de tarefas , mas não é prioridade máxima. Ela é uma merda de responsabilidade, e não podemos nos dar ao luxo de ter pessoas assim por aqui.

***

Pego a chave antes de ajustar o carburador na minha motocicleta. Fui para minha casa depois de voltar ontem à noite, mas notei que minha motocicleta não estava soando bem. A primeira coisa que fiz ao chegar ao clube foi estacionar meu bebê na garagem e começar a trabalhar. Pensei em vir diretamente para cá depois da viagem, mas, com Tanner cruzando minha mente no caminho de volta, pensei em voltar para casa e tirá-la da cabeça. Pena que não funcionou.

— Hey, — é dito suavemente acima de mim, e eu olho para cima para ver o rosto mais angelical olhando de volta para mim. Claro, existem machucados e cortes, mas nada disso diminui sua beleza.

— Hey para você também. — Eu jogo a chave e me levanto, limpando a graxa em um pano próximo.

Tanner está de pé com as mãos nos bolsos traseiros do jeans e chinelos nos pés. Sua camisa apertada tem uma boca enorme com uma língua de fora e abraça cada uma de suas curvas com perfeição. Ela é uma coisinha pequena, lembrando-me de uma pequena fada[5]. Balanço minha cabeça com meus pensamentos.

— Dagger não vai me dizer nada, — diz ela enquanto seus olhos se conectam aos meus, quase me implorando.

— Eu também não estou dizendo nada. Está resolvido, e é tudo o que você precisa saber. — Juro que a ouço rosnar baixo na garganta e tenho que admitir que é muito sexy. — O que você está fazendo aqui fora?

Ela encolhe os ombros, o ombro direito batendo na orelha. — Eu tive que sair de lá um pouco. Precisava de ar. — Eu não duvido que ela precise.

Um telefone toca e Tanner tira um celular do bolso de trás e olha para o visor. Ela não responde, apenas bate em ignore.

Eu levanto minha sobrancelha.

[5] Ele chama-a de Sprite, cuja tradução pode ser pequena fada ou duende. Optámos por deixar ficar o nome Sprite sempre que ele a trata desse modo.

— Acho que são os policiais, — explica ela. — Estou esperando que eles deixem uma mensagem para que eu tenha certeza. É o telefone da minha mãe, na verdade. Eu o tenho carregado por aí.

— Vamos. — Saio da garagem, indo até à mesa de piquenique perto do enorme conjunto de brinquedos que foi construído para as crianças. Pulo na mesa, e a bunda sexy de Tanner me segue. Ela não fica nem a um pé de mim, os cotovelos apoiados nos joelhos. O cheiro de flores doces invade minhas narinas, e eu inspiro profundamente.

— Você sabe o que vai dizer a eles? — Eu pergunto.

— Sim. Dagger não me diz nada, mas me disse para contar aos policiais que mamãe me trouxe aqui para encontrá-lo, e sofremos um acidente de carro. Eu entendi; só não quero lidar com isso.

— Melhor mais cedo do que mais tarde.

Ela assente. — É bom aqui, — diz ela suavemente.

— Não é ruim. Eu cresci aqui, então estou acostumado.

A cabeça dela se vira para mim. — Você tem família por aqui?

Eu olho através do complexo. — A única família que tenho são os irmãos que você vê.

— Eu só tenho minha mãe. — Ela faz uma pausa e olho para ela. — Ela sempre foi meu rochedo. É meio estranho ser eu em vez dela.

— Aposto que sim, mas pelo que posso dizer, você fez a coisa certa ao vir aqui.

Seus olhos esmeralda se conectam com os meus. — Acho que sim, mas sou uma merda nisto de fugir da lei. — Ela ri. Eu realmente gosto do som.

— Sim, você não é boa nessa área. Preciso te ensinar uma coisa ou duas.

Ela balança a cabeça enfaticamente. — Não. Eu não quero saber. Nunca mais vou passar por isso. — Eu gostaria de poder dizer a ela que não vai, mas por vezes acontece. Isso é a vida. Não lhe vou mentir.

O telefone dela vibra. — É melhor verificar. — Ela começa a apertar botões e, em seguida, seu olhar se afasta ao longe, como se estivesse pensando profundamente. Desliga o telefone e se vira para mim. — Sim, os policiais precisam conversar com minha mãe o mais rápido possível. Acho que devo ligar de volta.

— É melhor fazê-lo agora e acabar logo com isso. — Também não me importaria de ouvir a conversa.

Ela disca tremendamente o número. — Oficial Mayer? — Ela faz uma pausa. — Sou Tanner O'Ryan, filha de Mearna O'Ryan. Você ligou? — Ela continua sentada ao meu lado, os olhos desviados.

— Tivemos um acidente de carro e mamãe não está se sentindo bem; é por isso que estou ligando para você em vez dela.

— Ela está bem. Dorida, mas se curando.

— Eu estou bem. Você pode me dizer por que está ligando? — Tenho que admitir que ela é convincente, muito melhor nisso do que suas habilidades de limpeza de assassinatos.

— Eu entendo que você gostaria de falar com ela, mas ela está dormindo. Ficarei mais do que feliz em falar com você em nome dela... Ok... Mamãe me trouxe para a

Geórgia para conhecer meu pai pela primeira vez — ela diz ao policial, e eu absorvo tudo nessa conversa unilateral. — Não, partimos logo depois que saí do trabalho para minhas férias na quinta-feira... Certo... acredito que ela contou a ele.

Os olhos de Tanner se voltam para mim, seu rosto branco como um fantasma. Acho que ela está descobrindo o que aconteceu com a casa. Seu queixo fica frouxo enquanto ela escuta o telefone, seus olhos me procurando, mas eu não dou nada.

— Oh meu Deus. James está bem? — Isso parece bastante crível até para mim. — Ah não! — ela diz um pouco demais, mas de alguma forma se enrola. — Você quer dizer que ele se foi?… Nada sobrou? — Seus olhos crescem para o tamanho de discos enquanto ela olha para mim, silenciosamente me pedindo respostas. — Entendo... vou ter certeza de contar para minha mãe imediatamente... Os pais dele fizeram? — Estou definitivamente curioso sobre isso. — OK. Vou contar para minha mãe. Obrigada — ela diz e depois desliga o telefone.

— Vocês explodiram a casa? — ela praticamente grita.

Envolvo meu braço em torno dela, puxando-a para o meu corpo. Ela tem uma luta séria nela. — Fizemos o que tinha que ser feito para resolver o problema, — digo em voz baixa. — Você acha que a polícia comprou a história?

Ela bufa. — Parece.

— Boa. O que está acontecendo com os pais dele?

Ela ainda está nos meus braços, então eu a solto. Ela envolve as mãos ao redor do corpo. — Eles reivindicaram o corpo de James. Estão fazendo os preparativos para ele. — Ela balança a cabeça. — Nós vamos ter que voltar para isso.

— Vai dar tudo certo, Sprite, — digo a ela, meio acreditando. É ela quem precisa acreditar para que possa manter a cabeça no lugar.

Ela pula da mesa, roçando a bunda com as mãos. — Preciso ir e falar com minha mãe. — Ela sai antes que eu possa dizer outra palavra.

***

A risada feminina vem do bar do clube, e meus olhos se voltam para ele como ímãs. Tanner e Princesa. Do ponto de vista das coisas, é mais Princesa que Tanner. A expressão dela é meio triste, mas ela está com um rosto corajoso. É falso como o inferno, mas está tentando.

Eu estive fora no último dia e meio nos negócios do clube e não tive a oportunidade de vê-la desde a nossa pequena conversa fora da garagem. Depois de ouvir a conversa dela com a polícia, contei a Pops e Dagger, e tudo parecia bem.

Olhando para ela agora, vejo exatamente o que estou perdendo.

Ela está vestindo esses jeans sexy que moldam sua bunda enquanto se senta no banquinho e uma camisa azul marinho que a abraça com a mesma firmeza. Sem dúvida, sob essas roupas é um inferno de um corpo.

— Não pense sobre isso. — Dagger chega à mesa em que parei minha bunda e cai no assento ao meu lado. — Eu não tenho a menor ideia se ela é minha filha ou não, mas se for, fique longe.

— Desde quando eu escuto você, porra? — Eu mordo de volta. Odeio pessoas tentando me controlar. Eu sou o único no controle. E mantenho assim por uma porra de razão. Essa merda não está relacionada ao clube. Se eu quero transar com ela, eu irei. Ele pode ser meu melhor amigo, mas nem ele me diz o que fazer.

— Eu sei, mas foda-se. — Ele esfrega a mão no rosto, frustrado. — Não acredito que posso ter uma filha. Eu cubro esse pau religiosamente, mas naquela época... — Sua cabeça treme como se ele estivesse se lembrando de alguma lembrança querida. — Porra, eu não sei, irmão.

— Não sei o que te dizer. — Mearna tem estado nocauteada devido aos analgésicos nos últimos dois dias, enquanto seu corpo se cura, então Dagger foi comigo na corrida. Foi bom porque Tanner não sabe nada, e Dagger andando como um animal enjaulado não é divertido.

— Por que diabos ela não me contou sobre Tanner? Minha porra de criança? Eu senti falta dela a vida inteira — ele continua.

Eu tenho que dizer que sinto pelo irmão. Não sei o que faria se fosse comigo.

Ela se virou para mim várias vezes, nossos olhos se conectando como um fio elétrico entre nós, mas nenhum de nós se mexeu.

Breaker chama minha atenção no bar, conversando com Tanner. Ele está encostado nela, cerveja na mão, e o que diabos ele está dizendo está fazendo-a rir. Desta vez, não é a merda que eu notei alguns minutos atrás. Não, essa merda é real.

Enquanto ela agita seus cabelos loiros avermelhados sexy pra caralho - que eu pensei que eram vermelhos quando a vi pela primeira vez, mas percebi que eram as

luzes da festa - por cima do ombro, a raiva borbulha dentro de mim como lava quente. Não sei de onde vem, nem sei por quê, mas está lá e firme. Não gosto do fato de alguém a estar fazendo rir, e não gosto do fato de ela sair para ir ao funeral daquele babaca. Porra!

O aperto na minha garrafa fica mais forte e minha respiração acelera sem aviso. Quando a cabeça dela cai para trás com outra risada, seguro mais forte, e a garrafa se quebra na minha mão, cerveja derramando por toda a mesa e cacos de vidro entrando na mão. Eu sei que estou cortado, provavelmente bastante, mas meus olhos não deixam Tanner. Não posso nem forçar os filhos da puta a se afastarem.

— Irmão! — Dagger grita ao meu lado, de pé rapidamente e sua cadeira raspando no chão. — Que porra é essa?

Tanner, Princesa e Breaker todos olham para nós. Os olhos da Princesa se arregalam quando ela pula do banquinho, pegando uma toalha e correndo por mim. Tanner rapidamente a segue.

— Que diabos, seu grande idiota? — Princesa diz enquanto a sinto envolvendo minha mão.

Eu preciso me controlar. Essa merda não está certa. Não, eu não faço essa merda. Eu não ligo. Compartilho o tempo todo. Isso tem que acabar.

Levanto-me abruptamente, segurando a toalha na minha mão. — Eu não preciso da sua porra de ajuda, — rosno para Princesa e então corro para meu quarto.

Os olhos de Tanner ficam em mim, e não consigo dar o fora de lá rápido o suficiente.

CAPÍTULO 5

TANNER

Que diabos foi aquele olhar que ele me deu quando saiu daqui? Era uma mistura de contentamento e nojo. Eu sei que estou mal com as contusões, mas não esperava esse tipo de reação.

Antes de sairmos, pensei que ele tivesse sentido o que quer que me invade toda vez que ele está por perto. Claro, foi breve, mas não pude ficar com ele nem mais um minuto, pois estava muito nervosa. Como resultado, dei a desculpa de que minha mãe precisava de mim. Então ele saiu com Dagger por mais ou menos um dia, e agora isso.

— Qual é o problema dele? — Princesa pergunta a Dagger.

Percebo que minha mãe diga que ele é meu pai, mas ainda tenho um problema em chamá-lo de papai querido. Eu nem conheço o homem. Não conheço nenhum deles, e eles agem de maneira diferente de mim.

Encurralei Dagger, dizendo a ele o que os policiais me disseram, mas ele se recusou a me dizer qualquer coisa, exceto que o que eu disse a eles estava bem. Eu não acho que isso funcionou, no entanto. Claro, eu não tinha ninguém em casa que estava ansiando por mim e, com minhas férias, ninguém estaria me esperando. Sou praticamente uma solitária e gosto dessa maneira. No entanto, se a casa explodisse, imaginei que haveria alguma investigação ou algo assim.

Tentei fazer mais perguntas, mas Dagger apenas balançou a cabeça.

Eu nunca tive um pai antes, mas não acho que você tem de ter medo dele, não é? Porque estou com medo de Dagger. Apenas uma pessoa me assusta mais, e é Rhys.

— Foda-se, se eu sei. O babaca jogou cerveja por toda a porra da minha calça jeans — Dagger morde. — Um minuto, estamos conversando, e no minuto seguinte, ele está esmagando garrafas com a mão.

Provavelmente não devo ficar totalmente e absolutamente impressionada com isso, mas estou e também estou intrigada. Não acredito que ele seja forte o suficiente para fazer isso. Nunca conheci alguém que pudesse, não que eu tenha muito por onde escolher. Tenho ido a bares onde brigas começam, no entanto. Garrafas são batidas e quebradas em cima da mesa, mas nunca com um punho.

— Quem diabos sabe com Rhys? — Princesa diz, balançando a cabeça. — Eu juro que o homem vai queimar um dia.

— Por que você pensa isso? — Eu questiono. Quero dizer, tem que haver uma razão para alguém pensar assim.

— Ele não é alguém com quem mexer, Tanner. Ele é duro. Motociclista duro.

— Eu a encaro, atordoada. — O que diabos é duro para motociclistas?

Princesa faz um gesto para eu voltar para o bar. Eu sigo e pulo no banquinho. — Motociclista duro... — Ela senta lá em contemplação seriamente profunda.

— É tão difícil de descrever?

— Para mim, meio que é. Eu cresci nesta vida; é tudo que conheço. Alguém de fora provavelmente não verá as coisas da maneira que nós vemos. É difícil de explicar. — Princesa pega sua cerveja e dá um longo gole nela.

Não digo nada, porque o que eu posso dizer? Não tenho ideia, e se ela não consegue explicar quando ela mesma vive isso, como diabos eu vou descobrir?

— Vamos fazer algo fácil. — Princesa aponta para o canto da sala, meus olhos seguindo seu dedo. — O que você vê?

— Uh... Três mulheres sentadas no sofá praticamente sem roupas. — Bem, realmente, sem roupa. O que elas têm são pequenos pedaços de tecido que cobrem seus mamilos e outras partes femininas. Porra, eu nunca usaria algo assim em público e em torno de todos esses caras.

— Essas são vadias do clube.

Eu viro para ela. — Vadias do clube?

— Sim. Boceta grátis. — Eu suspiro com o pensamento. — Elas entregam a quem quiser, quando quiser e como quiser. Qualquer um dos irmãos, é isso.

— Elas fazem o quê? — Eu paro. — Como prostitutas? — Nunca estive perto de uma. Claro, eu vi filmes e vi na televisão, mas nunca encontrei uma. Não sou uma puritana de forma alguma, mas sério?

— Não, não prostitutas. Essas garotas não são pagas.

— Então por que elas fazem isso? — Pelo menos sejam pagas por isso.

— Fazem parte do clube. Elas não são realmente, mas é o mais perto que vão chegar. Elas colocam sua boceta lá fora para todos os caras, então conseguem um lugar no sofá e proteção, mas se trouxerem alguma coisa ruim para o clube, elas estão fora, — explica Princesa.

— É isso que você é?

Princesa respira fundo e as ondas pulsam fora dela. Eu imediatamente sinto que a piquei. Eu e minha boca estúpida.

Dagger ri. — Não, a Princesa não vai ceder essa boceta bonita para ninguém além de Cruz. É uma pena. — Eu continuo com suas palavras, e a Princesa deve ver.

— Você está enlouquecendo sua filha, Dagger, — ela diz, balançando a cabeça, mas um sorriso enfeita seu rosto.

— Eu sou quem eu sou, Princesa. — E estou recebendo essa vibe dele totalmente. Parece que todo homem aqui é quem ele é e não faz alterações por ninguém. *Ok, Tanner, bem-vinda ao mundo dos motociclistas.*

— Não, Tanner, eu não sou vadia do clube. Eu sou uma old lady. — Eu realmente preciso rever essa merda, porque se eu chamasse minha mãe de *velha*[6], ela iria me bater.

— Preciso de outra cerveja, — Princesa murmura antes de pegar uma e voltar. — Uma olda lady é uma das mulheres dos irmãos. — Ela se vira, me mostrando a parte de trás do colete de couro. Diz ' *Propriedade de Cruz* '.

— Propriedade? — Eu questiono.

— Sim. Eu sou sua. Em nosso relacionamento, isso também significa que ele é meu. Estamos comprometidos um com o outro e com mais ninguém. Ele não brinca com outras mulheres, e eu não brinco com outros homens. É como casamento, mas estilo motociclista. — Ela gira a garrafa enquanto eu recolho as informações, minha mente acelerando com todos os pensamentos que a rodeiam, começando a juntar as

[6] Referência ao fato de Old Lady significar traduzido à letra – Senhora Velha – mas em linguagem de MC, que a mocinha ainda desconhece, significa 'sua mulher', 'sua companheira'.

peças. — Só uso isso quando estou aqui no clube com os irmãos ou com meu homem. Existem regras para usá-lo.

— Então, alguns 'irmãos'… — eu meio que tropeço nessa palavra — …têm old ladies e ainda têm outras mulheres?

— Sim. Se ambas as partes concordam com o cenário, é isso que acontece.

Mais uma vez, tento entender essa informação. Eu acho que não seria trapaça se os dois concordassem com isso, mas quem aceitaria? Quem permitiria que sua cara-metade estivesse com outra pessoa? Olho para as mulheres ainda sentadas no sofá. Eu nunca poderia permitir que meu homem fizesse essa merda comigo. Nem está no meu radar.

— Tenho certeza de que não poderia fazer isso. Então, como isso funciona? Com você e elas aqui no mesmo espaço?

— Às vezes fica complicado, especialmente se um dos irmãos está fazendo isso e a old lady não sabe. Uma coisa que você precisa saber sobre o clube é que o clube e os irmãos vêm primeiro. Não importa qual é a situação; essas duas coisas são sempre as primeiras.

Parce meio louco, mas guardo isso para mim. Quem diabos sou eu para dizer alguma coisa? Não tenho ideia. Não tenho motivos para julgar. Se esta é a vida do meu pai, então que seja. Isso também não significa que minha mãe e eu precisamos fazer parte disso.

— É apenas muito para absorver.

Princesa ri. — Você não tem ideia, irmã.

Irmã? Ela realmente acabou de me chamar assim? Calor chega ao meu coração. Eu nunca tive uma irmã antes, e apenas ser chamada assim é... bem, incrível.

— Irmã? — Eu questiono.

— Por aqui, nós, senhoras ou filhos de irmãos, somos uma família. Nós nos chamamos de irmãs. É um carinho entre nós.

Sorrio para isso. Eu só tive minha mãe. Tinha alguns bons amigos, mas eles se foram há muito tempo, vivendo suas vidas. Eu não falo com eles há anos. Claro, tenho meus colegas de trabalho, mas é exatamente isso que eles são - pessoas com quem trabalho. Eu não os chamaria exatamente de amigos.

Eu sempre me perguntei como seria ter uma família de verdade, com quem você passa férias ou faz grandes refeições. Não me interpretem mal, minha mãe fez o melhor que pôde e eu não a invejo nem um pouco por isso. É apenas algo que eu nunca experimentei antes, e tenho que admitir que gosto, talvez até mais do que deveria. Também estou confusa porque não sei exatamente como agir com isso.

— É melhor eu checar minha mãe. — Pulo do banquinho e inicio meu caminho para o quarto de Dagger.

Mamãe está muito confusa, e eu sei que Dagger quer falar com ela, mas isso ainda não é uma opção. Inferno, eu também gostaria de algumas respostas.

Tenho dormido com mamãe, por isso sou grata a Blaze por receber esses lençóis limpos. Até esfreguei o banheiro de Dagger ontem, com muito medo de sentar nele para fazer xixi.

— Porra! — é gritado através de uma das portas enquanto eu desço. Eu paro com o som semi torturado. — Filho da puta. — Desta vez, ele rosna em pura dor. Rhys.

Devo bater? Devo continuar andando? Merda. Ele pode ser meio empertigado, mas eu sei que o cara que falou comigo ontem está lá.

Bato suavemente e abro a porta, enfiando a cabeça. — Rhys? — Seus olhos se voltam para os meus, a fúria pulsando em seu corpo em ondas tão espessas que eu fico surpresa de ainda estar de pé e não estou caindo de bunda.

— Eu disse que você poderia entrar? — ele late, e eu pulo com suas palavras inesperadas.

— Eu…

— Não. Eu não disse que você poderia vir aqui.

Estou tão surpresa com o tom severo que não sei o que fazer. Meus pés estão presos no chão. Fico? Saio? Não tenho certeza de qual. E por que diabos ele está tão chateado?

— Eu ouvi você gritando e pensei que poderia ajudar. Desculpe. — Começo a fechar a porta, percebendo que preciso dar o fora daqui. Felizmente, meus pés estão finalmente ouvindo meu cérebro.

— Pare, — ele late, e mais uma vez, meu corpo escuta, parando. — Feche a porta e venha aqui.

Antes que eu possa pensar, estou de pé na frente dele, perto de sua mesa, onde ele se senta com a mão ensanguentada enrolada em uma toalha, a vermelhidão penetrando no tecido.

— Você pode tirar os vidros? — ele me pergunta.

Mais uma vez, eu nem penso, apenas movo-me por instinto, agarrando as pequenas pinças sobre a mesa e puxando a lâmpada para mais perto de sua mão para ver melhor.

— Você vai tirar a toalha? — Eu pergunto, pronta para examinar sua mão. Ele grunhe, colocando-a de lado.

O corte do copo é profundo, vermelho e está um pouco inchado. O sangue diminuiu para apenas uma gota desde que ele segurou a toalha para compressão. No entanto, pequenos fragmentos de vidro refletem a luz.

Rhys não diz nada, mas pega uma garrafa de líquido âmbar do chão embaixo dele, dando um forte puxão nele e colocando-o de volta no chão.

Cuidadosamente, retiro cada pedacinho que vejo enquanto Rhys nem se mexe ou se move uma polegada. Isso tem que doer de alguma maneira. Mesmo quando puxo um pedaço maior de vidro, nenhuma reação vem dele. Ele fica sentado estoicamente, imóvel, inflexível. Não posso deixar de ficar impressionada com a força dele.

— Isso dói? — Eu pergunto com cuidado, tentando avaliar como ele está se sentindo e não conseguindo grande resultado.

— Não se sente bem, — ele observa, pegando a garrafa e tomando outro gole.

Pego o último fragmento e olho para ele. — Você realmente deve limpar e suturar.

Minha boca se abre quando Rhys pega a garrafa de licor e a derrama diretamente no corte. Mais uma vez, ele age como se tivesse derramado água sobre

ela, e é como se não queimasse nem um pouco. Ele não se move, simplesmente puxa a garrafa de volta aos lábios e bebe.

— Limpe, — ele comenta.

Fecho minha boca, reunindo meus pensamentos porque, no momento, eles estão por todo o lado: confusão de sua raiva, admiração por sua força, desejo por seu corpo e tantas outras que não consigo identificar.

— Líquido? — Ele pousa a garrafa e me joga uma pequena garrafa de líquido.

— Tudo certo então, — murmuro, abrindo a garrafa. Eu já usei isso antes; não é nada de mais.

Estendo a mão para uma caixa de lenços de papel, puxo um pouco e toco nas feridas, retirando o líquido. Começo a colocar o líquido transparente na ferida.

— Por que você fez isso consigo mesmo? — Eu pergunto, puxando a pele para selar o corte e depois mantendo-o esticado.

Rhys toma outro gole da bebida. Se eu tivesse bebido tanto quanto ele, estaria bêbada como o inferno agora. Um calafrio percorre minha espinha ao lembrar da última vez que eu estava na presença de um bêbado, e minhas mãos ainda tremem.

— O quê? — ele pergunta, me assustando com meus pensamentos.

— Nada, — eu respondo rapidamente, precisando acabar com isso e sair daqui e para minha mãe. Rhys ainda me assusta, e tê-lo bêbado, meu instinto me diz que não é uma boa situação.

Rhys pousa a garrafa enquanto eu seguro seu corte, deixando os pontos fazerem o trabalho deles. Sua outra mão vem ao meu queixo enquanto ele levanta minha cabeça, e meus olhos voam para os dele.

— Você não mente para mim, Sprite. Nunca. — A seriedade em seu tom e olhos me interessa. Sinto-me compelida a ouvi-lo e não faço ideia do porquê.

Dou um aceno suave. Eu também não posso evitar a pontada que corre através de mim com o nome *Sprite*, outro coisa confusa.

— O que você estava pensando? — ele pergunta.

Quando mordo meu lábio inferior e tento pensar em como explicar isso, o polegar dele chega ao meu lábio, afastando-o dos dentes. Abro os lábios, minha língua disparando para tocar o topo de seu dedo automaticamente. Ele tem gosto de homem e sal.

Rhys rosna baixo e profundo enquanto meu pulso começa a bater rapidamente em minhas veias. O que está acontecendo aqui? Com quem estou brincando? Eu sei exatamente o que está acontecendo. Meu corpo está respondendo a esse homem assustador como o inferno, que pode ter idade suficiente para ser meu pai.

— Você está bebendo muito, — finalmente respondo. — A última vez que estive com alguém bêbado, não terminou tão bem.

— Eu não estou nem um pouco bêbado, — ele me diz, e não consigo evitar a incerteza, então desvio.

— Há quanto tempo você conhece Dagger?

Ele franze a testa enquanto eu trabalho. — Boa mudança. — Ele me pega. — Eu o conheço há vinte anos.

— E isso faz você com quantos anos? — Eu estou cavando. Admito. Quero saber mais sobre esse homem. Ele me intriga como nenhum outro. Eu meio que estou me habituando a esse motociclista duro por fora, mas será assim por dentro também? Apenas em nossas breves conversas, eu aprendi que ele não tem família, mais ou menos como eu. De alguma forma, sinto que isso nos conecta.

— Quarenta e quatro.

Penso por longos momentos, tentando decidir como me sinto sobre isso. Por um lado, a sociedade teria um prato cheio com isso, mas eu não sou a sociedade. Não posso me preocupar com o que os outros vão pensar, mas o que mais me preocupa é minha mãe. Ouça-me só, já pensando no futuro, quando não tenho ideia do que está à minha frente.

— O quê? — ele pergunta.

— Você é vinte e um anos mais velho que eu, — digo a ele, algo que ele já sabe. — Quantos anos tem Dagger?

— Cinquenta e um. — Meus olhos se arregalam enquanto eu faço as contas na minha cabeça. Minha mãe tem 41 anos, o que torna meu pai dez anos mais velho que ela. Uau. Eu deixei isso afundar por um momento. Quando minha mãe disse que era jovem quando ficou com meu pai, eu não sabia que ele era muito mais velho.

Saio de meus pensamentos, termino sua mão e depois me sento nos meus calcanhares, olhando para ele.

— Você vai falar ou me deixar adivinhar o que está acontecendo na sua cabeça bonita?

Ele disse bonita. Eu mordo meu lábio. — Apenas fazendo as contas com as idades.

— A coisa da idade te incomoda?

Essa é uma pergunta muito carregada. Eu acho que estou um pouco atordoada mais do que incomodada.

Eu dou de ombros. — É a vida de minha mãe e Dagger, — eu finalmente digo, porque esse fato é verdadeiro. Não posso julgar nada disso.

— Eu quis dizer do fato de ser vinte e um anos mais velho que você.

Meus olhos se arregalam quando o ar na sala começa a estalar com uma carga entre nós. Alguma conexão invisível entre nós dois flerta com a vida, e minha respiração acelera quando a sinto profundamente nos meus ossos.

Rhys me olha. — Foda-se, — ele mói.

Sua mão no meu queixo me deixa e é colocada atrás da minha cabeça. Ele me puxa para ele, seus lábios tocando os meus. Retiro o que eu disse. Seus lábios não tocam os meus; seus lábios devoram os meus. Já fui beijada, mas isso não é beijar. O que Rhys está fazendo comigo consome totalmente, sugando todo o meu fôlego e me deixando tão libertina que me deixo levar. Seus lábios se movem com a precisão de anos de prática, conhecendo cada movimento com facilidade. Eles são macios, mas exigentes, enquanto mergulha a língua na minha boca, pegando tudo o que dou e depois pegando mais.

Envolvo meus braços em torno de seu corpo duro enquanto ele se levanta da cadeira, nos puxando juntos. Cada plano de seu corpo definido toca uma parte do meu. Suas mãos se movem para os meus braços, puxando-os para longe dele. Eu sigo

de bom grado, envolvida demais com o beijo para pensar em algo. Tudo o que consigo pensar é nele e no fogo queimando dentro de mim.

Ele aperta meus pulsos em uma de suas grandes mãos atrás das minhas costas, me subjugando. A outra mão dele vem ao meu rosto, o calor dela penetrando no meu sangue.

Ele se afasta abruptamente, e o meu desejo dos seus lábios quer segui-lo para recuperá-los, para ter a sensação gloriosa que ele me deu de volta.

— Eu vou amarrá-la na minha cama e te foder a noite toda. — O barítono profundo de sua voz, combinado com as palavras que ele falou, acendem um fogo tão quente por dentro que me inflama.

Nunca fui amarrada, nunca pensei que gostaria de ser, mas neste momento, tenho certeza de que faria qualquer coisa que ele dissesse.

Rhys me estuda atentamente. — Porra. Suas pupilas estão dilatadas e as bochechas estão rosadas. Você gosta disso. — Ele não me dá um segundo para responder enquanto colide seus lábios nos meus novamente, me levando em um beijo punitivo, brutal e delicioso.

— Tanner! — A voz de Dagger entra pela porta fechada no momento em que Rhys se afasta.

— Foda-se, — Rhys rosna. — Aqui! — ele fala para a porta quando ela se abre. Os olhos de Dagger me examinam de cima a baixo e eu viro minha cabeça de seu olhar. Não me sinto mal pelo que fiz, mas ele é meu pai, e isso deve ser estranho ou algo assim. Inferno, não sei. Minha cabeça e corpo ainda estão tão envolvidos em Rhys que não consigo pensar.

— Porra, Rhys, — Dagger diz em um tom irritado.

— O que você quer, porra? — Rhys rosna, sua mão ainda restringindo a minha.

Eu puxo, tentando me afastar, mas ele apenas aperta ainda mais, então olho para ele.

— Fique, — é tudo o que ele me diz, e eu pisco meus olhos rapidamente.

Ele acabou de me dizer para ficar como se fosse um cachorro? A névoa em que ele me colocou começa a evaporar quando a raiva a substitui.

— Me deixe ir. — Dou a ele minha voz fodida e puxo meus braços novamente.

— Não, — ele diz, em seguida, volta sua atenção para Dagger. — O quê?

— Irmão, deixe-a ir. — O ar na sala muda, tornando-se espesso e denso. Está saindo de Rhys e Dagger como uma fumaça volumosa.

Respiro fundo, sabendo que só adicionarei combustível a este fogo se não pisar com cuidado.

— Rhys, — eu chamo, recuperando sua atenção. — Por favor, deixe-me ir. Eu tenho que checar minha mãe. — Digo isso calmamente, tentando desarmar a bomba que sinto que pode explodir a qualquer momento.

— Foi por isso que vim te procurar. Ela está acordada e exigindo que a veja. — Dagger balança a cabeça de um lado para o outro. — Ela não mudou nada.

Há tanta coisa que quero saber nessa história, mas uma situação de cada vez.

— Vê? Eu tenho que ir — digo a Rhys, cujos olhos estão irritados como o inferno e as sobrancelhas unidas.

Depois do que parece ser o olhar mais longo da minha vida, ele solta minhas mãos e eu as puxo para minha frente e começo a esfregar os pulsos, esperando que ele não tenha deixado marcas no meu corpo. Já tenho o suficiente disso.

Dou um passo para trás, dando-nos alguma distância. — Espero que você se sinta melhor, — digo a ele, ainda esfregando a pele sensível enquanto me viro para Dagger. — Estou indo vê-la.

Saio da sala tão rápido que alguém pensaria que minha bunda está pegando fogo, mas não me importo. Eu preciso de tempo para processar tudo isso.

CAPÍTULO 6

TANNER

Corro para o quarto de Dagger para encontrar a cama vazia e meu estômago cai.

— Mamãe? — Eu grito, preocupação e medo cortando através de mim como uma faca afiada.

A porta do banheiro se abre e minha mãe aparece com Princesa segurando-a.

— Aí está você. — Sua voz está cheia de dor. Eu faria qualquer coisa para consertar isso por ela.

Eu me movo rapidamente para o seu lado.

— Ela teve que fazer xixi enquanto esperava por você, então eu a levei, — diz Princesa, sentando mamãe na cama suavemente.

Ajudo-a a se sentir confortável na cama, movendo os travesseiros e puxando os cobertores para cobrir seu corpo.

— Obrigada, — digo a Princesa, feliz que ela estava aqui para ajudar minha mãe.

— Parece que você estava ocupada. — Princesa ri.

Meus olhos piscam para os dela, minhas mãos se movem para os meus lábios. Eles se sentem cheios e inchados. Balanço a cabeça, esperando que ela me entenda. Minha mãe está deitada aqui, magoada, e não há razão para preocupá-la mais agora.

— Como você está se sentindo? — Pergunto a mamãe, focando nela. Suas sobrancelhas estão tensas, e com apenas lascas de seus olhos disponíveis para ver, não consigo lê-la completamente.

— Como se eu tivesse sido espancada. — Ela dá uma risada suave e imediatamente começa a tossir.

Sento-me na cama, instantaneamente me sentindo como a adulta para ela e ela sendo a criança. Agarro sua mão. — Mãe, respire por mim. Lento e constante. Dentro e fora. — Imito o que quero que ela faça e ela começa a segui-lo. Apenas segurando a mão dela, posso sentir seu corpo começar a relaxar.

— Quer que eu lhe dê algo? — Princesa pergunta, inclinando a cabeça para a caixa de remédios.

Eu aceno com a cabeça, não querendo que minha mãe sinta qualquer dor. Nunca.

— Mãe, o que dói mais? — Quando o médico veio e a verificou enquanto os meninos estavam fora, ele disse que nada estava quebrado, mas levaria um tempo para ela se curar. Também devo ligar para ele quando ela estiver lúcida o suficiente para responder a perguntas. Preciso me lembrar de fazer isso.

— Minhas costelas e peito. — Sua respiração sai um pouco chiada.

— Suas costelas estão machucadas, mas não quebradas. O médico disse que vai demorar um pouco para que se sinta melhor.

Minha mãe vira a cabeça para a Princesa. — Você é o médico? — Princesa sorri. — Não. Sou Princesa, a filha de Pops e Ma.

Mamãe tenta arregalar os olhos, mas fica sem ar e geme de dor. — Realmente? — ela pergunta através do lábio quebrado.

— Sim. Tenho um irmão, GT. Ele está por aqui em algum lugar. — Princesa vasculha sua caixa. — Então, você e Dagger? — ela pergunta.

Minha mãe vira a cabeça. — Sim, — é sua única resposta e, desta vez, a dor em sua voz não provém da dor física que sente. Isso é mais profundo. Ela respira fundo. — Como está Ma? — Ela muda de assunto.

— Ótima. Ela está com Cooper, meu garotinho, agora. Ela passou algumas vezes enquanto você estava dormindo.

Mamãe olha. — Ela provavelmente pensa o pior de mim. Inferno, aposto que todo mundo neste clube o faz neste momento. — Uma lágrima solitária cai pelo canto do olho.

— Mãe, todos eles foram ótimos. Você estava certa; não sei o que eles fizeram, mas Dagger cuidou de tudo. Só precisamos melhorar você. — Afasto o cabelo do rosto da minha mãe.

— Mas precisa responder a perguntas. — Eu pulo com a voz profunda de Dagger, que caminha pelo quarto e para ao lado da cama.

O aperto de minha mãe fica mais forte na minha mão, e tento obter um pouco de alívio puxando para trás, mas isso não ajuda. Não é medo, no entanto. Ela não está assustada, mas também posso dizer que ela não quer que eu a deixe, e não vou.

— Aqui, — diz Princesa, quebrando a tensão que parecia entrar no ar. Ela me entrega um frasco com comprimidos. — Isso vai ajudá-la. Dois a cada quatro horas,

não mais. Eles são fortes como o inferno, então a manterão nocauteada, mas é a melhor coisa para ela enquanto seu corpo se cura.

Eu pego a garrafa. — Obrigada. — Coloco na cama ao meu lado.

— Estou saindo. Ligue para Doc. — Princesa se dirige a mim e eu aceno. — Ele precisará fazer o que for e garantir que ela fique boa, mas pelo que parece, ela vai ficar bem.

— Obrigada. — Sinto que tudo que fiz até agora com a Princesa é agradecer-lhe repetidamente, mas ela ajudou muito minha mãe, então o que mais posso fazer?

Depois que ela me dá um sorriso suave e sai do quarto, Dagger puxa uma cadeira, aproximando-a da cama e de mim. É incomum sentir-se desconfortável com seu pai há muito perdido ? Espero que sim, porque é o que sinto e é uma merda.

— Mearna, me diga, — Dagger pressiona.

Eu realmente gostaria de ouvir isso sozinha. O que ela me disse no carro tinha que ser a versão curta a história. Muito mais parece ter acontecido aqui.

— Eu descobri que estava grávida depois que fui embora, Cameron. — Ela fecha os olhos e respira fundo. — Quero dizer, Dagger.

— E você tem certeza que ela é minha? — ele pergunta, fazendo minhas costas endurecerem.

Minha mãe abre os olhos e os estreita para Dagger. — O que você acha? Pense bem sobre sua resposta. — Ele demora um pouco, e mamãe não deixa descansar. — Você quer um teste de paternidade para provar isso? Tudo bem, faça-o. Mas você sabe que ela é sua. Nunca brinquei com você, e depois de tê-la, eu não estive com ninguém por mais de três anos. — Essa informação me surpreende, mas, quando

penso no passado, não me lembro de ter visto minha mãe com ninguém, não que me lembrasse nessa idade. Éramos apenas eu e ela, e eramos felizes com isso.

Algo brilha nos olhos de Dagger e então se dissipa. — Você não pensou em me dizer? — Dagger pressiona, a rudeza em sua voz mudando de questionadora para irritada, mas seu corpo permanece bastante relaxado, dado o tópico da conversa.

— Não, — minha mãe responde uniformemente. — Eu não ia te contar.

— Por quê, por causa do clube? — A voz de Dagger se eleva.

— Você não me amava, Cam… Dagger. Eu já tinha decidido sair. Não havia necessidade de você saber. — Mamãe fecha os olhos como se as lembranças fossem poderosas demais para suportar.

— Você está errada como a porra. Eu te amei, então não ouse jogar essa merda em mim.

De repente, sinto que não deveria estar aqui para esta conversa íntima. Eu me sinto como alguém estranho, mas o aperto de aço da minha mãe na minha mão me diz que não vou a lugar nenhum.

— Além disso, se eu soubesse que tinha uma filha, gostaria de ter feito parte da vida dela.

Essa afirmação dói um pouco, mas eu inspiro. Eu sempre me perguntei se meu pai gostaria de ser um pai para mim ou se ele teria me ignorado se soubesse da minha existência. Não tenho certeza de como me sinto sobre a resposta que ele deu. Parte de mim dói o tempo todo em que senti falta de conhecê-lo e a outra parte está muito confusa.

— O quê, Dagger? Ia trazê-la para festas do clube? Para bebe com seus amigos? Vamos. — A voz irritada de minha mãe me pega desprevenida. Inferno, ela não tem força suficiente para ir ao banheiro sozinha, e muito menos ir de igual para igual com Dagger.

— Besteira. Isso não é comigo, Mear. *Você* fez essa merda. Você escondeu minha filha de mim. Os punhos de Dagger se cerram, e eu entro em modo de proteção, imediatamente me aproximando de minha mãe.

Seus olhos brilham nos meus em reconhecimento à minha posição. — Eu nunca colocaria uma mão nela. Mesmo que eu esteja chateado por ela te esconder de mim, eu nunca a machucaria. — Ele se vira para minha mãe, que assente. Eu relaxo um pouco, mas fico em guarda.

— Foi a melhor decisão, Dagger. Você tem que admitir.

— Besteira. Você não me contou, porque não queria voltar. Você queria ficar longe de mim; foi por isso que você não me contou. Você sabia que, se eu soubesse do bebê, eu teria tomado conta de você e você estaria presa aqui comigo. Você queria sair, então não tente essa besteira de dar uma de moralista. Isso não funciona. — O tom de Dagger é cortante, fazendo meu coração partir pela minha mãe. Ela ainda ama esse homem, e não tenho dúvidas de que o que ele diz é cem por cento verdadeiro da maneira como minha mãe está agindo. Quão diferente teria sido minha vida?

Minha mãe vira a cabeça para longe de nós, o som de uma fungada soando na sala.

— Ok, — eu digo, terminando com isso. Ela já passou por muita coisa, e isso não está ajudando a situação. — Eu preciso dar o remédio para mamãe e checar as bandagens. Você pode dar um tempo a ela? — Eu pergunto a ele, bem, mais parecido com demanda, mas ele não parece o tipo de cara que aceita demandas muito bem.

— Mearna, essa merda não está terminada. — Dagger se levanta da cadeira no momento em que a porta do quarto se abre, todos os nossos olhos se movendo ao som.

— Dagger! — uma mulher de cabelos castanhos claros grita. — Onde diabos você esteve? — ela diz para ele.

A mulher está usando um colete de couro como o que a Princesa usa, mas é o rosto irritado que chama minha atenção.

— Flash, dê o fora daqui. — O tom de Dagger é impassível.

Meus olhos se arregalam quando Rhys se move pela porta atrás da mulher, seus olhos concentrados em mim e depois na mulher.

— Você nem fez check-in. Você sempre faz check-in para que eu saiba que você não está morto. — A mulher coloca a mão no quadril, projetando-a em uma postura de cadela.

A mão da minha mãe começa a tremer.

— Não preciso fazer nada. Dê o fora daqui.

— Quem diabos é essa? — Os olhos da mulher vêm para mim e minha mãe, sua raiva irradiando dela. — Esta é a sua escapada? — Eu quero dar um soco na porra da mulher. Ela não consegue ver o quanto minha mãe foi espancada? O que diabos há de errado com ela? Levanto da cama, minha mãe ainda me segurando.

— Eu não sou escapada alguma, — eu digo enquanto seus olhos penetram nos meus.

— Eu não te perguntei nada, sua puta estúpida, — a mulher rosna, e minha coluna se endireita.

— Já chega! — Dagger late.

Rhys vem atrás de mim, com a mão apoiada no meu ombro, e sinto conforto instantâneo.

— Já chega uma merda. Essa cadela fala comigo, e *'já chega'*? — A mulher - Flash é isso? - não quer desistir.

Dagger se move rapidamente, agarrando a mulher e empurrando-a contra a parede da sala com o antebraço.

Eu pulo quando o medo me toma. Que diabos ele está fazendo? Ele disse que não machucaria minha mãe, mas machucaria essa mulher?

— Vê aquela garota parada lá?

Flash acena com a cabeça, os olhos arregalados quando Dagger aponta para mim. — Essa é minha filha.

— O quê? — Flash diz em um suspiro de descrença, mas Dagger não responde. — Essa mulher na cama é a mãe da minha filha. Agora você sabe o que diabos está acontecendo. Dagger se afasta de Flash, mas ela fica contra a parede, atordoada. Dagger se vira para mim. — Dê a sua mãe o remédio. — Meus ombros saltam quando ouço o que ele diz, e ajudo minha mãe a sentar-se e tomar as pílulas, enquanto a sala permanece em silêncio. — Você tem um filho? — Flash pergunta.

— Parece que sim, — responde Dagger.

Rhys fica lá, quase se sentindo como um guarda-costas de algum tipo, mas certamente Flash não viria atrás da minha mãe ou de mim, viria?

— Mas…

— Não há mais perguntas! — Dagger grita, e minha mãe geme. — Cameron, pare de gritar, — diz ela calmamente.

Flash respira tão profundamente que leva todo o oxigênio da sala. Então seus olhos se arregalam e vão para Dagger. — Cameron? — ela sussurra, balançando a cabeça. — Ninguém... — Ela pára.

— Não, e não comece, porra.

— Qual o seu nome? — Flash pergunta a minha mãe.

— Não é da sua conta. Saia — ordena Dagger.

— Mearna, — minha mãe responde suavemente.

— Merda, — sussurra Flash, olha para Dagger e sai da sala às pressas. Que diabos é isso?

Volto minha atenção para mamãe, cujos olhos estão começando a brilhar. — Mãe, você está bem?

— Cansada, — ela responde, fechando os olhos. Demora alguns segundos antes de sua respiração se dissipar, e então ela está completamente adormecida. Graças a Deus.

— Vamos deixá-la descansar, — digo a Dagger e Rhys. Dagger olha para minha mãe, vira e sai da sala. — Vá em frente, Rhys. Vou ficar com ela por um tempo.

Seus olhos perfuram os meus, me segurando no lugar. Eu não sei o que é esse homem, mas algo me puxa, e isso está me assustando.

— Uma hora. Então eu venho buscá-la.

Eu tento refutar sua declaração, mas antes que diga uma palavra, ele se foi, fechando a porta atrás dele.

Tiro os sapatos e deito cuidadosamente na cama queen-size ao lado de minha mãe, tomando cuidado extra para não tocá-la. Deito de costas e olho para o teto marrom manchado.

O que diabos eu vou fazer? Mamãe e eu precisamos de dinheiro. O que ela trouxe não vai nos sustentar por muito tempo. Mas preciso que minha mãe melhore primeiro. Esse tem que ser o objetivo agora. Deixar mamãe bem, e então eu vou descobrir para onde podemos ir e o que precisamos fazer. Tudo está no ar agora, e eu preciso simplesmente relaxar e deixar as cartas descansarem, pelo menos por enquanto. Dentro de alguns dias, quando mamãe puder ficar acordada por mais de algumas horas, conversaremos e descobriremos.

Não acredito que tenho pai. Bem, eu não sou burra. Eu sabia que tinha um, mas você entendeu. Vê-lo maltratar Flash foi assustador como o inferno. Isso me lembrou James e a maneira como ele tratou minha mãe. Eu vi uma diferença, no entanto, porque Dagger disse à mulher para sair, e ela não quis ouvir, enquanto James fazia isso pelo inferno. Ainda me assusta. Talvez seja por isso que minha mãe o deixou, mas se esse é o motivo, por que diabos ela ficou com James? Essa é a parte que eu simplesmente não entendo. Felizmente, ela será capaz de me esclarecer quando seu corpo se curar um pouco, pois as perguntas continuam se acumulando.

Estes últimos dias me desgastaram. Não dormi muito tentando garantir que minha mãe estivesse bem e depois me preocupando com a volta dos meninos e o que eles faziam.

Eu permito que meu corpo relaxe enquanto rolo para o meu lado e olho para minha mãe, observando seu peito subir e descer suavemente. Permito que os sons me embalem para dormir.

***

Acordo com uma sacudida. Olho em volta, rapidamente percebendo que estou no quarto de Dagger. Minha mãe está desmaiada ao meu lado enquanto o zumbido suave da música bate pela porta.

Limpo meu rosto, levanto-me e uso o banheiro. Olhando no espelho, estremeço com as marcas roxas e amarelas no rosto. Não que eu esteja tentando impressionar alguém, mas por que diabos Rhys me beijou quando me pareço com isso? Balanço a cabeça. Apenas o pensamento de seu beijo faz minha cabeça girar. Isso foi apenas um beijo?

Os gemidos de minha mãe me tiram dos meus pensamentos enquanto eu me movo rapidamente para a cama. Ela está se debatendo, sem dúvida se machucando ainda mais do que o necessário. Relutantemente, seguro seus ombros para que ela não possa se virar.

— Mãe, acorde, — digo a ela, sentindo seus músculos enrijecerem debaixo de mim. — Mamãe! — Eu digo um pouco mais alto, e seus olhos se abrem.

— O quê? — ela geme, os olhos semicerrados. Seu corpo se acalma e eu tiro minhas mãos.

— Você está acordada? — Eu pergunto, precisando saber se estou falando com ela ou se ela está dormindo conversando. Quando eu era mais nova, minha mãe falava durante o sono o tempo todo. Eu costumava pensar que era hilário. Agora, nem tanto.

— Sim. — Sua voz é áspera e rouca. — Preciso de algo para beber. — Ela faz uma pausa. — Algo quente.

Afasto os cabelos do seu lindo rosto, notando que parece muito pior do que o meu. — Vou pegar uma coisa para você. Talvez eles tenham alguma sopa ou algo assim. Você realmente precisa comer. Eu a tenho forçado a beber, conseguindo que ela beba líquidos uma vez que se recusou a comer nos pequenos períodos em que ela acordou, mas está na hora. Ela precisa tentar alguma coisa.

— *'Kay'*[7], ela diz, com os olhos fechados. Vou ter que acordá-la quando voltar.

Quando esteve aqui, Princesa me mostrou a cozinha e a despensa. Este lugar mantém comida suficiente à mão para alimentar um exército. Eu ainda me sinto incomodada de me servir do que precisamos, mas a Princesa não tem sido nada além de gentil comigo, e ela é definitivamente uma pessoa sincera. Se houvesse um problema de comermos aqui, tenho certeza que ela seria uma das primeiras pessoas a dizer algo.

Sigo o corredor forrado com fotos e placas diferentes. A cada passo, a música fica um pouco mais alta. Entrando na sala principal do clube, vejo pessoas espalhadas

[7] Okay.

por toda a parte. Alguns dos irmãos que conheci antes estão entre outros que não conheço. Rhys senta-se de costas para mim, o braço estendido sobre a cadeira vazia ao lado dele, o conjunto de seus músculos flexionando e enrugando. Por outro lado, ele toma uma cerveja e está conversando com Cruz, que está sentado ao lado dele.

Olho para o canto da sala onde meu pai está de costas para mim. Ele está de pé na frente de um sofá e as mãos de uma mulher estão enroladas em suas coxas. Seus quadris estão se movendo para frente e para trás, e eu paro em um passo. Puta merda, ele está...? Choque me enche com a visão. Por favor, me diga que não estou vendo meu pai, o pai que acabei de conhecer, com seu pênis sendo chupado por uma daquelas vadias do clube que a Princesa me falou. Isso realmente não está acontecendo.

Eu forço meus pés a se moverem em direção à cozinha, meus olhos grudados no meu pai. No entanto, uma vez que vejo a confirmação do que pensei estar acontecendo, eu jogo minha cabeça para a frente. Ele está bem no meio do clube, com pessoas ao seu redor. Eu... Meus pensamentos pulam quando me forço a entrar na despensa grande onde a comida está guardada e procuro algum tipo de sopa.

Inspiro profundamente e inclino a cabeça. Não acredito que acabei de ver isso. Nenhuma filha deveria ter que ver isso, novo pai ou não.

Mãos seguram meus ombros para que eu não possa me mover, e grito alto o suficiente para acordar os mortos.

— Shh... — A voz profunda de Rhys treme no meu ouvido, mas minha respiração não diminui. Desta vez, é amplificada por sua voz de barítono e respiração leve. Suas mãos me soltam e se movem para cima e para baixo nos meus braços. — Você está bem?

Eu aceno com a cabeça, tentando me controlar.

Ele me puxa para o seu corpo duro, e eu fecho meus olhos, aproveitando a sensação dele. Cada movimento de seus dedos em minha carne envia meu corpo a um estado de excitação que é tão exagerado que não tenho certeza de como descer ou mesmo se quero. Não só isso, mas é reconfortante e seguro. Como esse homem pode provocar esses sentimentos dentro de mim é insano. Eu deveria estar correndo para as colinas, mas não posso, não quero.

— Viu um show lá fora? — O fracasso que senti começa a desaparecer à medida que as imagens que não quero ver voltam. Tremo.

Ele ri, o que parece tão estranho nele que eu me viro, vendo um pequeno sorriso no rosto. Estou surpresa com isso porque essa pequena mudança em seu rosto o transforma completamente, quase criando uma pessoa totalmente diferente. Como isso é possível? Como uma expressão pode transformá-lo totalmente de cruel, assustador e sexy para pecaminoso, divertido e lindo de morrer? É como se ele fosse duas pessoas diferentes.

Ele não me permite processar esses pensamentos. Em vez disso, o sorriso desaparece e o calor acende em seu olhar quando ele bate seus lábios nos meus, tirando meu fôlego pela segunda vez esta noite.

O corte no meu lábio curou o suficiente para não haver dor, mas a cada movimento de seus lábios, eu o sinto arrancar um pedaço da pele. Apenas aumenta o prazer no beijo.

Rhys se move, envolvendo seus braços com tiras de aço em volta de mim, não deixando uma polegada entre nossos corpos. Estou tão perdida no beijo que é a única coisa em que posso me concentrar.

— Droga. — A voz de Dagger da porta ecoa pelo pequeno espaço.

Eu me afasto, me sentindo como uma adolescente sendo pega pelo pai. Ah, espere, tudo nesse cenário está certo, exceto a parte do adolescente.

Rhys rosna, obviamente chateado pela segunda interrupção de Dagger. Não tenho certeza se sou ou não, mas uma coisa é certa, pai ou não, ele vai ver a verdadeira Tanner O'Ryan.

CAPÍTULO 7

RHYS

Estou surpreso por não ver o vapor saindo dos ouvidos de Tanner neste momento. Seu corpo está tão tenso, e, pelo jeito que ela aperta e abre as mãos, está ansiosa para soltar algumas frustrações. Pelo jeito, em Dagger.

Claro, ver o seu pai sendo sugado por alguma vadia aleatória deixará alguém que não está nesta vida um pouco chateado. Mas se ela sair pela metade, perceberá rapidamente quem realmente é seu pai, e isso iria foder com os dois.

Eu sei que não deveria me importar, mas o mais estranho é que sim. Eu realmente me importo que eles estejam prestes a estragar o relacionamento deles antes que ele comece.

— Você, — ela rosna, virando-se em meus braços para enfrentar Dagger.

Aperto meu abraço nela, sentindo por instinto que ela está planejando se lançar a qualquer momento. Não vou permitir isso, mas parar a boca dela é outro obstáculo.

— O quê? — Dagger encolhe os ombros, cruzando os braços sobre o peito.

Dagger é quem ele é. Ninguém, nem mesmo a menininha, vai mudar essa merda. Estou com ele aqui no clube há vinte e poucos anos. Dagger é Dagger. Ela terá que entender o verdadeiro, se quiser alguma parte dele em sua vida.

— Como você pôde ter seu...? — Tanner desaparece, engolindo em seco e depois recomeça. — …pênis sugado na frente de um grupo de rapazes? — Seus braços se agitam no ar enquanto ela fala. — Eu não sei o que é pior: você recebendo um boquete na frente de um grupo de homens ou o fato de que era uma coisa tão

normal que nenhuma pessoa sequer lhe deu uma segunda olhada. — Tanner bufa enquanto tenta se afastar de mim, mas eu me recuso a deixá-la ir.

— Eu precisava gozar, e é para isso que elas estão aqui, — diz Dagger, apenas irritando mais Tanner.

— Não é à toa que minha mãe queria me tirar daqui, para longe de *você*, — ela cospe. Pela primeira vez na vida, Dagger parece como se Tanner tivesse dado um tapa no rosto com uma placa de madeira. Nunca pensei que veria o dia em que isso acontecesse. — Fazer sexo em público enquanto as pessoas assistem, sem se importar nem um pouco... Ela sabia que era melhor que esse lixo.

Dagger vai de chocado a irritado em um nanossegundo, dando um passo mais perto. Porra.

— Escute aqui. Eu teria dado a sua mãe...

— O quê? — Tanner pula. — Assim como você tem aquela garota Flash? Ela é sua esposa e você veio aqui para se satisfazer? — As unhas de Tanner mordem a pele do meu antebraço, mas eu não a solto. Essa seria uma das piores coisas que eu poderia fazer neste momento.

Dou um passo para trás, colocando os dois fora do alcance do braço.

— Eu sou um homem crescido; farei o que diabos eu quero, quando eu quiser. Você ou qualquer outra pessoa não vão me dizer algo diferente — Dagger atira de volta, apontando para o peito.

— Eu não estou lhe dizendo o que fazer. Só não acredito que minha mãe ainda te ama depois de saber tudo isso. O braço de Tanner voa enquanto ela balança o braço, apontando para a sede do clube.

— Sua mãe quase se casou com um homem que lhe deu uma surra. Eu nunca toquei um cabelo na cabeça dessa mulher por raiva — Dagger dispara de volta.

— Ela nunca disse que você fez. Inferno, eu nem sabia que você existia.

— Querida, isso serve para os dois lados.

Tanner solta um suspiro enorme e longo, os músculos do corpo perdendo parte da energia. — Olha, eu preciso fazer minha mãe comer alguma coisa. Quanto mais cedo eu melhorá-la, mais cedo poderemos sair daqui. — Ela agarra meu braço novamente. — Me deixe ir.

Dou um passo para trás quando ela pega a lata da prateleira, vira as costas e caminha para a cozinha principal.

— Foda-se, — diz Dagger, passando a mão sobre o rosto. — Nunca em um milhão de anos isso aconteceu. Merda, ela é uma bomba. — Ele balança a cabeça em reflexo silencioso. — Deveria saber. Mearna também é. — Dagger parece quase triste, e isso não é nem um pouco dele.

— Quer falar sobre isso? — Eu pergunto.

— Nah, eu estou bem. — Ele passa a mão no pescoço. — Tenho que sair um pouco. Precisa andar. — Ele sai às pressas. Isso é típico de Dagger, no entanto.

Quando a merda fica difícil, ele monta. Ele voltará melhor.

Entro na cozinha, localizando Tanner rapidamente enquanto ela enfia uma tigela no microondas, apertando os botões para ligá-la. Ela olha para mim, com a frustração estampada no rosto e depois abaixa a cabeça.

— Eu não deveria ter gritado com ele. — Ela balança a cabeça, com os braços apoiados no balcão para suportar o peso do corpo. — Eu nem conheço o homem. Por que eu me importo?

— Bem, você se importa porque ele é seu pai. Toda a outra merda, você precisará conversar com a Princesa ou com uma das outras senhoras.

Sua cabeça se levanta quando a campainha apita no microondas. Ela puxa para fora e se afasta. — Eu preciso ajudar minha mãe.

Eu quero agarrar seu braço quando ela sai, mas não sou um idiota o suficiente para querer machucá-la pelo líquido quente que poderia derramar se eu o fizer.

Eu disse a ela mais cedo uma hora, mas quando fui buscá-la, ela estava dormindo tão em paz ao lado de sua mãe que não a acordei. A preocupação que ela parece carregar consigo o tempo todo tinha sido apagada do rosto.

A maneira como ela cuida de sua mãe, não tendo um ato egoísta com ela, é inacreditável. Eu nunca tive outro ser humano se importando comigo até me juntar a Ravage, e o fato de Tanner dar com todo o seu coração... Balanço minha cabeça.

Eu a deixei dormir antes, mas agora vou dar a ela trinta minutos para cuidar de sua mãe, e depois vou atrás dela.

Pego uma cerveja e me aproximo do bar, dando um longo gole e acendendo um cigarro. Breaker aparece, me acenando com o queixo e caminhando para a despensa para pegar comida.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

— Buzz. Ele está chegando perto de quebrar o computador, então estou pegando algo para mantê-lo.

Levanto meu queixo em resposta e tomo um gole da garrafa.

Uma mão forte aperta meu ombro. — Como tá indo? — Pops pergunta com um sorriso largo.

Eu nunca esquecerei o que Pops fez por mim todos esses anos atrás - pegando um garoto punk que não tinha nada e dando-lhe mais do que ele jamais imaginou ser possível.

— Bem. — E é na maior parte. Meu pau está duro como uma pedra, mas fora isso, nada mais.

— Correndo atrás de mulheres? — Pops pergunta com uma risada.

Cerro meus punhos. — Eu não corro atrás de nada. — Isso é totalmente verdade. Eu não o faço, e não estou começando agora.

— Tenho notícias. — Seu sorriso desaparece quando se senta ao meu lado no banquinho, agarrando minha atenção. — Tentei encontrar Dagger, mas Cruz disse que ele partiu em sua motocicleta.

— Sim, você acabou de o perder.

— Os policiais estão descendo aqui para interrogar Mearna e Tanner. Acho que o pequeno bate-papo por telefone não os convenceu. Eu sabia que um telefonema não seria suficiente. — Ele e eu sabemos disso. — Eu preciso que elas vão para a casa segura em Marquette. Não quero essa merda na porta do Ravage. Temos que levá-las lá amanhã e nos acomodarmos um pouco.

— E o acidente de carro que Tanner teve?

— Vou mandar Tug e Breaker destruir a frente do carro assim que você a conseguir acomodar para tornar a história verdadeira. Mearna não precisa dizer nada, exceto acompanhar a história de Tanner. Pops estende a mão e pega uma cerveja, arrancando a tampa e jogando-a no lixo. — Simples, certo? — Certo.

— Dagger as leva? — Eu pergunto.

— Ele e você. Amanhã de manhã. Resolva as coisas, — ele ordena, em seguida, se levanta do assento.

Porra.

***

Não posso deixar de querer Tanner debaixo de mim. A maneira como ela lida com a vida de frente, consertando a merda enquanto segue... A maneira como ela pensava sobre o que dizer aos policiais... Quão amorosa e protetora ela é em relação à mãe... Inferno, ela até se revela suave, o que me surpreende como o inferno.

Entro no quarto de Dagger, onde Mearna está dormindo profundamente. Olho no banheiro, pensando que é onde vou encontrar Tanner, mas não tenho tanta sorte.

Andando pelo corredor, os sons da sede principal ecoam por toda parte. Giro a maçaneta da porta do quarto para descobrir que ela ainda está trancada.

Ela não está em lugar nenhum. Onde diabos ela está?

Ando pela sala principal, sem vê-la, e desço as escadas para o porão, onde há beliches de quarto individual por toda a parte, juntamente com um grande quarto

infantil. Estamos sempre preparados para confinamentos, trazendo a família Ravage para cá, protegendo e mantendo-os seguros. Ultimamente, tivemos muitos deles, e espero que, com o que o Buzz descobrir, não tenhamos a ameaça novamente.

Movendo-me pelos quartos, ouço o som fraco do choro vindo do corredor. Eu sigo até onde os quartos individuais estão localizados. A maioria das portas está escancarada, mas uma só está rachada, o fraco som de fungadas vindo do outro lado.

Abro a porta e encontro Tanner sentada no chão, as pernas puxadas contra o peito e os braços em volta delas. Sua cabeça está abaixada e todo o seu corpo está tremendo de soluços. Ela não olha nem se move quando entro na sala. Porra, eu não sou bom nessas mulheres chorando besteira. Foda-se.

Eu a levanto do chão, sua cabeça aparecendo com um suspiro. Seus olhos estão vermelhos de lágrimas escorrendo.

— O que você está fa…?

— Calma, — digo a ela enquanto me sento na pequena cama de solteiro no quarto. Ela descansa a cabeça no meu peito e leva um tempo para os soluços amolecerem. Só então eu falo. — Quer me dizer por que você está aqui chorando?

— Não.

Solto uma pequena risada. Dagger com certeza estava certo sobre ela ser uma bomba.

— Tanner, o que há de errado?

Agora é sua vez de rir, mas não é feliz. Não, isso é entristecido ao ponto da histeria.

— O que está errado? Hmm OK. Deixe-me ver, Rhys. — O jeito que ela diz meu nome me irrita, mas eu a deixo falar. Quanto mais cedo eu descobrir o problema dela, mais cedo eu posso transar com ela. — Eu matei alguém. Estou fugindo com minha mãe. Minha mãe está machucada a ponto de ser drogada a maior parte do tempo. Eu praticamente menti para a polícia, tirando merda da minha bunda que eu não tenho ideia de como criei. Quando ela melhorar, tenho certeza de que nunca poderei voltar para casa. Ela não tem casa e ninguém vai me contar o que aconteceu com o meu apartamento. Nós não temos dinheiro. Eu não tenho emprego. E não sei o que diabos vou fazer! — Até à última frase, ela se afastou dos meus braços e agora está sentada, olhando para mim como se eu estivesse perdendo a cabeça.

— Querida, tudo vai dar certo, — digo a ela, o que a faz rir. Porra, eu odeio essa risada.

— Certo. Assim como as fadas mágicas vão aparecer, os arco-íris são incrivelmente fofos e tudo será perfeito e maravilhoso.

Eu rio com o drama dela. — Pare de ser espertinha.

Ela revira os olhos. — Você não entende.

— Eu entendo mais do que você pensa. Você tem muita merda sobre você e não sabe o que fazer. Entendi. Mas precisa acalmar para que as coisas melhorem.

— E como você acha que vou esquecer tudo o que está errado e torno tudo melhor? — ela pergunta.

— Oh, eu tenho maneiras.

Seus olhos se arregalam quando ela respira fundo.

Inclino-me e roço meus lábios lentamente contra os dela. — Conheço muitas maneiras diferentes, Sprite.

Seu corpo inteiro estremece quando sinto seu coração batendo forte no peito.

— Quer que eu faça você esquecer?

Seus olhos procuram os meus por um momento, uma tempestade se formando dentro deles. — Sim, — ela sussurra.

Não perco um segundo antes de beijá-la, levantá-la e carregá-la direto para o meu quarto. Se vou transar com ela, estarei fazendo isso na minha maldita cama.

Chuto a porta, a viro e pressiono contra ela antes de levantar as mãos acima da cabeça e depois bater meus lábios nos dela. O beijo é intenso e brutal como o inferno, mas ela me encontra a cada passo, surpreendendo minha mente. Ela não luta fora do meu controle e cede, derretendo completamente em mim.

Minha mão livre traça as curvas sobre seu corpo, do peito ao quadril, sua pele tão macia contra as pontas dos meus dedos ásperos. Tanner mexe os pés enquanto minha mão passa por baixo da blusa, sentindo sua pele quente enquanto eu cuidadosamente a levanto. Quebro o beijo por tempo suficiente para colocar a camisa sobre sua cabeça e fora de seu corpo.

Seus seios são gloriosamente cheios e lindos.

Tanner continua a me beijar de volta, sem protestar nem um pouco. Bom.

Desabotoo seu short jeans e os empurro sobre seus lindos quadris. Então dou um passo para trás abruptamente, precisando vê-la. Ela geme com a perda, mas não move as mãos acima da cabeça, mesmo que eu não as esteja mais segurando lá.

O corpo de Tanner é sexy pra caralho. Claro, existem alguns machucados, mas quem se importa? Um sutiã de renda rosa claro mantém seus seios no lugar, e a calcinha combinada só me faz querer arrancá-la de seu corpo. Uma tatuagem de flor e borboleta tece habilmente a lateral do corpo. Foda-se.

Seu peito sobe e desce pesadamente, seus olhos líquidos. Vou fazê-la queimar com necessidade, queimar para me ter dentro dela. Queimar.

— Na cama, — eu ordeno.

Seus olhos brilham quando uma tonalidade rosa se forma em suas bochechas. Ela hesita, depois obedece e sobe no edredom preto.

Observá-la mover esse corpo é a maior foda. O jeito que seus quadris balançam e aquele traseiro firme... Minhas bolas se apertam, e é preciso tudo em mim para me controlar.

— Braços para cima.

Tanner acalma-se como se alguma luz se acendesse em sua cabeça, e seu corpo começa a enrolar quando seus pensamentos começam a chutar. Eu me movo rapidamente para a cama e coloco meus lábios nos dela, beijando-a profundamente e com força. Eu preciso que ela pare de pensar e apenas sinta.

Suas mãos vêm à minha cabeça e imediatamente as agarro e as coloco acima da dela. Eu não deixo ninguém tocar minha cabeça. Quando eu era mais novo, não podia controlar isso, agora posso e me recuso a ser tocado lá. Tanner está perdida demais no beijo para se importar. Sinto cada um dos músculos dela relaxarem antes de me afastar.

— Mantenha-os lá, — eu exijo.

Ela acena com a cabeça suavemente em conformidade.

Com as pontas dos dedos, traço o lado de seu rosto, seu pescoço, sua clavícula, sentindo sua pele tremer sob o meu toque. Eu puxo um seio, enfiando a tira debaixo dele para segurá-lo. Então seguro sua carne na minha mão e começo a massagear enquanto o corpo de Tanner se arqueia. Coisinha responsiva. Espere até eu chegar aos mamilos dela. Tenho certeza que vou ter que amarrá-la para mantê-la quieta.

Trilho minha língua no mesmo caminho que meus dedos acabaram de fazer e acabo em seus peitos gloriosos. Eu sou um homem de peitos e bunda. Porra, amo essa merda. O maior e mais redondo, melhor, e Tanner tem essa merda de sobra.

Lambo todo o seu peito, sem tocar seu mamilo, enquanto ela geme em agonia. Chupando sua carne na minha boca, dou-lhe um pequeno beliscão com os dentes, e seu corpo estremece. Ela não tem ideia do que vou fazer com esse belo corpo dela.

Quando toco apenas a ponta da minha língua na ponta do mamilo e dou uma pequena batida, o corpo de Tanner se mexe.

— Acalme-se, — eu ordeno.

— Eu não posso quando você está fazendo isso, — ela arfa.

Eu levanto de seu peito e procuro seus olhos. Eles estão dilatados e pegando fogo, assim como o resto do seu corpinho quente. — Eu controlo isso. Você me entende?

Ela solta um suspiro de ar. — Controla o quê?

Sprite nem sabe que está se submetendo. Porra, agora isso é uma coisa linda, natural, nenhuma dessas merdas falsas que eu posso ver a uma milha de distância só para me foder.

— Sexo. Você faz o que eu digo.

O corpo dela fica parado com as minhas palavras. — Não. Sexo é dar e receber , — ela combate.

Eu quero rir, mas abstenho-me. Ela precisa saber onde eu estou nesse cenário.

— Você está certa. Eu vou te dar prazer e você vai recebê-lo.

— Rhys, eu...

Subo em seu corpo rapidamente e a beijo furiosamente. Continuo até que seu corpo inteiro derreta no colchão. Então me afasto para encontrar seus olhos ainda fechados.

— Tanner? — Os olhos dela se abrem suavemente. — Eu controlo isso. Você faz o que eu digo. Estou fazendo você esquecer - eu a lembro.

— Ok, — ela diz tão baixinho que quase não ouço. Suas mãos voltam para o meu pescoço.

— Tanner, eu preciso amarrar suas mãos acima da cabeça, ou você pode mantê-las lá sozinha? — Eu pergunto. Inferno, se eu soubesse que experiência ela tem. Ela pode não ter nenhuma e não saber de nada.

Os olhos dela se arregalam. — Me amarrar? — Ela deve ter pensado que eu estava brincando antes. Com certeza não estava.

— Isso aí, amor. Você confia em mim para amarrá-la?

Algo brilha em suas íris. — Eu vou mantê-las aqui em cima. — Ela move as mãos para trás da cabeça e agarra as ripas da cabeceira da cama. Ainda bem que ela não confia em mim, mas segue bem as instruções.

Usando minha boca, língua e a barba, desço por seu corpo, meu pau crescendo e doendo no meu jeans. Abro a calça jeans e a tiro, meu pau instantaneamente sentindo alívio da pressão.

Sou um homem muito controlado, e o fato de Tanner estar testando seriamente não é algo em que preciso pensar agora.

Tiro minha camisa e me coloco entre as pernas dela, onde arranco sua calcinha antes de me agarrar ao seu clitóris, chupando com força enquanto ela está chorando. Descanso meu braço sobre seus quadris, segurando-a na cama enquanto continuo chupando com pequenos beliscões no processo. Ela sai como um foguete, gritando, mas eu não desisto. Foda-se isso. Quero que ela goze antes que eu a leve.

— Rhys, — ela geme, e meu pau aperta. Foda-se, eu preciso estar dentro dela.

Faço um rápido trabalho ao provocá-la novamente e, quando ela entra em erupção, continuo movendo meus dedos rapidamente enquanto minha outra mão coloca a camisinha.

— Sprite, prepare-se. Quero prolongar isto, mas mal posso esperar.

Deslizando dentro dela está o céu que eu sei que não mereço. Eu não deveria ser o único a ter isso agora, mas estou aceitando. Eu nunca fui um homem nobre e não planejo começar hoje.

As paredes de sua vagina me apertam, e eu tenho que me parar por um momento para segurar minha merda. Eu não posso estar gozando como se fosse uma porra de adolescente.

— O que você está…? — Suas palavras param quando eu empurro com força, sentindo-a tão profundamente que tenho certeza de que talvez nunca queira ir embora. — Por favor, — ela implora.

Eu perco todo o controle. Ele se encaixa como um elástico. Meus quadris se movem rapidamente enquanto agarro seu mamilo e o chupo com força enquanto sua boceta me aperta em resposta. Foda-se, sim. Não lhe dou alívio, me perdendo em Tanner.

Abafo seus gritos com meus lábios quando seu orgasmo bate e o meu segue. Por longos momentos, ficamos exatamente assim, meus lábios apenas saindo dela para que eu possa respirar. Sua calcinha me excita, e eu a quero de novo.

Eu a puxo e saio para o lado. — Já volto. — Eu me limpo e volto para a cama.

Os olhos de Tanner estão fechados, e sua respiração é calma. Porra, ela adormeceu. Subo na cama, puxando as cobertas sobre nós dois e depois a curvo em meus braços. Tento não pensar no por quê de estar fazendo isso, permitindo que a respiração lenta dela me embale até adormecer.

CAPÍTULO 8

TANNER

Acordo com um sobressalto e absorvo o meu redor através da minha grogue. Abrindo os olhos, encontro Rhys deitado ao meu lado, os olhos fechados e a respiração lenta e profunda, as ondulações do peito em sintonia com as inspirações e expirações. Ele está de costas, com a cabeça apontada para o teto. Seu perfil lateral é forte, exigente e pronunciado. Pequenas cicatrizes brincam na lateral de sua bochecha e pescoço, mas entre a barba e as tatuagens são difíceis de ver. Se eu não estivesse tão perto, não as teria visto. São fracos como se estivessem lá há muitos, muitos anos.

Eu apenas deixei esse homem me ferrar ao ponto de desmaiar na cama dele. Esta não sou eu, e isso não tem nada a ver com a idade dele. Isso não é algo que eu faria. Não vou para a cama com homens aleatórios e deixo que eles façam sexo comigo, e me digam que vão me amarrar. Nas poucas vezes em que tentei ser amarrada, era com um namorado em quem eu confiava plenamente. É claro que tudo acabou, mas pelo menos eu tentei. No entanto, Rhys sabe o que está fazendo. Ele sabe exatamente quais lugares tocar no corpo de uma mulher para fazê-la gritar. Ele é definitivamente experiente, muito mais do que qualquer homem com quem já estive.

Ele absolutamente tem mais tatuagens do que qualquer pessoa com quem eu já estive também. Há tanta tinta que cobre seus braços, pescoço e parte do peito. Eu tenho que admitir, é uma grande mudança.

O que diabos estou fazendo? Eu não posso estar com esse cara. Ele é assustador como o inferno. Um olhar daquele homem e eu juro que Superman, Batman e Capitão América desmoronariam no chão e implorariam por perdão. Ele me perguntou se eu confiava nele, e achei que confiava nele com meu corpo, mas, na realidade, acho que não.

Ele foi sensacional, no entanto. Eu tive um orgasmo, ou devo dizer orgasmos, como nunca tive. Eu nem sabia que poderia levá-los ao ponto em que todo o raciocínio lógico se evapora completamente, e tudo o que resta é o que você sente. Foi a euforia mais maravilhosa que já experimentei. Não só isso, mas mesmo depois de me acordar durante a noite, esse homem grande, forte e assustador realmente cuidou de mim depois, me segurando até meus tremores cessarem, e então eu devo ter desmaiado porque não me lembro de nada depois disso. Mas era suave e, ouso dizer, doce. Não, Rhys é tudo menos doce. Doce nem chega perto.

Eu preciso sair daqui, voltar para minha mãe e ficar o mais longe possível desse homem. Não posso deixar que meu jeito me faça nublar meu melhor julgamento. Este homem grita *ruim*, e eu tenho muita coisa acontecendo.

Seu peito ainda está subindo e descendo constantemente, então eu puxo o lençol, cobrindo meu corpo nu e bem utilizado, e saio da cama.

Uma mão forte agarra meu braço, me parando. Porra. — Onde você vai? — Rhys pergunta.

Fecho os olhos e inspiro profundamente, sentando na cama de costas para ele. — Vou checar minha mãe.

Seus dedos flexionam minha carne, me dando uma leve mordida de dor. A cama atrás de mim muda, mas seu toque não sai. — Não terminei com você ainda. — Deus, aquele homem e sua voz sexy e profunda. Meu corpo treme e grita comigo para fazê-lo, e tento bloqueá-lo, mas parece ficar mais alto e mais alto conforme os segundos passam.

A outra mão de Rhys chega à minha perna e desenha círculos preguiçosos com o polegar. A cada movimento, os nervos ganham vida e eu fecho meus olhos, respirando profundamente.

— Eu tenho que ir, — digo a ele com o pouco controle que tenho. Pena que sai fraco e ofegante. Merda.

Rhys move seu corpo atrás de mim, montando em mim, de frente para as minhas costas, com as mãos em volta do meu estômago. Seus lábios roçam a curva do meu pescoço, para cima e para baixo eroticamente, e minha cabeça se inclina, dando-lhe melhor acesso. Sua mão serpenteia, agarrando um dos meus seios e apertando-o. Então ele puxa meu lóbulo da orelha na boca e suga com força, e faíscas de desejo e necessidade dançam em um caleidoscópio na minha barriga.

— Seu corpo está me dizendo que você quer ficar. — Ele rola meu mamilo entre os dedos, dando um beliscão, e meu corpo estremece. — Veja o que eu quero dizer.

Eu tento ao máximo limpar a névoa que é esse homem, mas não posso. Meu centro está escorregadio e latejante. Eu preciso que ele solte, solte essa bobina que está tão firmemente enrolada dentro de mim.

Ele passa o braço em volta do meu cabelo e puxa minha cabeça para trás, para que meu queixo esteja apontando para o teto. — Estou pegando esses lábios fodidos,

— ele rosna antes de bater seus lábios nos meus. Deus, eu amo como ele apenas pega o que quer.

Sigo sua liderança, admitindo plenamente que, quando estou assim, sendo devorada por esse homem, todo pensamento, todo medo, todo problema desaparece, e me sinto tão leve. Esse é o sentimento que desejo dele, aquele que somente ele foi capaz de me dar.

Ele interrompe o beijo e eu recupero o fôlego, finalmente lembrando que precisava respirar.

— Fique, — ele ordena, soltando meu cabelo enquanto alcança a mesa de cabeceira, pegando uma camisinha.

Quando sua ereção dura pressiona minhas costas, meu núcleo implora por ele, implorando para ser levado. Aperto minhas mãos nos lençóis, surpresa por não estar arrancando-as da minha força.

Meu corpo obedece quando suas mãos chegam aos meus quadris, e ele me levanta sem esforço.

— Coloque-o, — ele ordena.

Estendo a mão, agarrando seu comprimento grosso e colocando-o na minha entrada. Ele apenas permite a ponta dentro de mim, e mesmo que eu mexa, isso não me leva a lugar algum. Seus braços são fortes e inflexíveis.

Eu gemo de agonia. Tudo o que ele toca está pegando fogo. — Pernas juntas.

Eu aceito, e ele se sente ainda mais grosso assim.

— Desça sobre mim, baby. — Ele solta as mãos e, sem nenhuma ajuda minha, desliza por todo o meu corpo, chocando meus nervos já sensíveis. Não me mexo, apenas sinto cada centímetro dele, minhas mãos descansando em suas coxas em busca de apoio. — Pés no chão e um passo à frente.

Eu paro por um momento. Ele quer que eu fique com ele dentro de mim? Como isso funciona?

Rhys não espera. Ele me empurra para fora da cama, e meus pés pousam firmemente no chão enquanto minhas mãos descansam nos meus joelhos, sustentando meu corpo. As costas das minhas panturrilhas tocam a cama enquanto ele permanece dentro de mim. Então ele começa a mover seus quadris para fora da cama, o tempo todo segurando meus quadris exatamente onde ele os quer.

O deslize dele dentro de mim aumenta rapidamente enquanto ele acelera o ritmo. Eu quero me virar e ver como diabos ele é capaz de segurar meus quadris e ter músculos suficientes para entrar e sair de mim, mas não consigo. Não posso. Estou muito perdida em seu toque. Cada deslize para dentro e para fora toca uma parte de mim que geme e arde. Eu só preciso de algo mais para me levar ao limite. Não posso...

Um tapa forte chega ao meu quadril, e eu explodo, as chamas se tornando um inferno, enchendo todas as partes do meu corpo. Fecho meus olhos quando os gemidos e gritos saem dos meus lábios. Não há como detê-los. Não há como controlá-los. Não posso. Tudo o que posso fazer é deixar as sensações fluírem através do meu corpo.

Rhys me bate com força em seu colo enquanto seus braços vêm em volta da minha cintura, me segurando em seu corpo enquanto ele goza com um

grunhido. Ficamos sentados exatamente assim por longos momentos enquanto eu deito minha cabeça em seu ombro, tentando controlar minha respiração. Não sei se estou conseguindo ou não.

Suas mãos roçam para cima e para baixo nos meus lados quando eu volto a mim, seu comprimento dentro de mim ainda semi-duro.

— Bom dia, — ele rosna, e eu sorrio.

— Bom dia. — levanto minha cabeça e tento me levantar, mas ele me segura nele. — Preciso arrumar suas coisas, querida. Você e sua mãe estão tendo a visita da polícia, então temos que afastá-las do clube.

Os policiais estão chegando? Aqui?

— O quê? — Eu suspiro, não gostando de uma coisa do que ele está dizendo.

— Você conta aos policiais a mesma história de antes. Em vez de ir ao hospital após o acidente, você cuidou de sua mãe.

— Essa é a história que eu já contei a eles. Eles não acreditaram em mim? — pergunto, um arrepio subindo por minha espinha.

— Mais do que provável, não, mas apenas mantenha a história, e você ficará bem. — Meus nervos se agitam.

— Eu preciso falar com minha mãe. Eu preciso... — Faço uma pausa. O que eu preciso? Meu cérebro começa a disparar rapidamente. — Eu preciso arrumar nossas malas. Onde estamos indo?

— Temos uma casa longe daqui. Dagger e eu vamos instalar vocês.

Eu deveria me sentir aliviada com isso, certo? Então, por que me sinto tão tensa com a coisa toda?

— OK. Você vai me deixar levantar agora?

Seu abraço aperta. — Eu vou com você, Tanner. Nós não terminamos. — Parece mais um aviso do que uma promessa, mas tenho algo mais importante para fazer agora.

Deus, espero que minha mãe esteja melhor hoje.

— Rhys, me deixe levantar, — eu exijo.

Ele solta uma risada suave e depois me libera. Ele sai de mim quando eu me levanto, e rapidamente pego minhas roupas no chão e as jogo no meu corpo.

— Tchau, — eu digo, segurando a porta.

Uma banda de aço envolve meu estômago. Ele estava tão quieto que nem ouvi ele se levantar. Enquanto seu peito quente descansa nas minhas costas, eu deveria me sentir totalmente relaxada e satisfeita, mas infelizmente não.

— Lábios, — ele ordena, mas não estou de bom humor.

— Rhys, me deixe ir.

Ele me vira em seus braços, seu rosto próximo ao meu, enquanto seguro seus braços fortes. — Primeiro, você não me deixa sem um beijo. Nunca. Segundo, lembre-se do que eu disse; eu mando aqui. — A maneira como ele diz faz meus joelhos fracos, e eu realmente não sei por quê.

— Tenho que ir, — digo a ele baixinho, meu pulso acelerando novamente pela segunda vez esta manhã.

— Eu provei você, Tanner, mas estarei comendo até ficar completamente.

Não respondo. Não posso, com sua língua na minha garganta enquanto ele tira tudo de mim, sua boca quente e deliciosa. Ele se afasta e meus lábios querem segui-lo.

— Vai. Esteja pronta em uma hora. — Ele me vira, abre a porta e, com um pequeno empurrão, estou no corredor.

O que diabos aconteceu aqui? Respiro com dificuldade. Eu preciso chegar na minha mãe.

Um assobio alto sai do corredor e minha cabeça dispara para ele. Princesa fica lá, balançando a cabeça para frente e para trás, mas ela tem um sorriso no rosto. Não sei se está descontente comigo ou se acha que sou louca. Eu sei que sou louca, então essa é uma ligação fácil.

Caminho pelo corredor em direção a ela - bem, em direção à porta onde minha mãe está.

— O que eu te disse sobre esse, Tanner? — Ela balança a cabeça como se não pudesse acreditar em mim. — Garota, você não sabe onde se meteu.

Eu suspiro. Talvez ela possa me dizer.

— Importa-se de me dizer, porque, neste momento, eu realmente não sei. — Olho para o teto como se daí viesse alguma intervenção divina. Não vem.

— Eu te disse que ele é hardcore. Não se surpreenda se ele tiver outra mulher naquela cama hoje à noite. Inferno, até mais tarde hoje. Não envolva seu coração. Eu amo Rhys, mas ele segue suas próprias regras. — Ela balança a cabeça, incrédula. — E você é inocente demais para ser pega nisso.

— Foi apenas uma noite. Não é como se eu estivesse pedindo para ele se casar comigo ou algo assim. — Não estou. Não. Mas o pensamento de outra mulher em sua cama faz alguma coisa no meu estômago, fazendo-o girar ao ponto de querer vomitar.

— Vamos ver, — diz ela, afastando-se da porta da minha mãe.

Abro para descobrir que minha mãe está sentada. Ela está acordada, mas sonolenta. — Onde você esteve? — ela pergunta, suas palavras um pouco lentas.

— Eu estava apenas saindo. — Como eu posso dizer a minha mãe onde passei a noite. *Mãe, eu tive uma noite com o amigo do meu pai.* Isso não é algo que ela precisa saber.

Quando me sento na cama ao lado de minha mãe e pego sua mão, ela não se encolhe tanto quanto antes. Acho que isso é progresso. Certo? Ela parece melhor hoje, mais alerta. Mais como minha mãe.

Não posso mentir para ela, mas não estou pronta para falar com ela sobre Rhys. — Precisamos arrumar algumas coisas. Os policiais de casa estão vindo aqui para falar conosco. O clube tem um lugar que eles vão nos levar para que possamos ser interrogadas.

Os olhos dela se arregalam. — Eu pensei que tudo isso tinha sido feito. Liguei para eles e alinhei em sua história.

— Eles têm mais perguntas.

— Droga, eu aposto qualquer coisa em como é o amigo dele, Griff, que está vindo. Aquele homem... — Ela fecha os olhos. — Ele será duro, e precisamos manter nossas histórias juntas.

— Por que simplesmente não dizemos a verdade? Ele estava batendo em você, e eu te salvei.

— Porque você e eu sabemos que é tarde demais para isso, e o que os caras fizeram... — Ela pára, balançando a cabeça.

Também não quero pensar na casa dela explodida, então mudo de assunto. — Como está se sentindo, mãe?

— Dorida, mas preciso deixar os analgésicos, especialmente se os policiais estão chegando. Preciso estar lúcida e no controle. Eu preciso falar com Cam… Dagger para saber as coisas. — É bom que ela tenha a cabeça pelo menos parcialmente ocupada.

— Vou arrumar nossas coisas. — levanto e faço exatamente isso quando minha mãe fecha os olhos e se afasta.

***

Um golpe bate na porta, o único aviso que tenho antes que ela se abra e Dagger entra forte e imponente. Mesmo que eu seja do sangue dele, ainda me deixa nervosa.

— Cameron, — minha mãe diz da cama, abrindo os olhos.

— Dagger, — ele corrige. — Vocês estão prontas?

— Precisamos conversar, — diz minha mãe. Dagger cruza os braços sobre o peito e acena com a cabeça para ela continuar. — Se Griff está chegando, ele não vai

parar até descobrir exatamente o que aconteceu. Ele é o parceiro e o melhor amigo de James.

— Você sabe que eu farei qualquer coisa para proteger você e Tanner.

— Eu sei, — ela responde com tanta sinceridade que seus olhos brilham com pequenas lágrimas não derramadas.

— Exatamente. Você segue a história e tudo mais se encaixa. — A voz rouca ainda está presente em sua voz, mas há uma preocupação subjacente que eu estou admirada de ver. — Vamos. Vou ajudá-la a entrar no carro e vamos liderar em nossas motocicletas.

Só então, Rhys entra, e a sala instantaneamente se torna menor apenas com a presença dele. Ele dirige direto para mim, nem mesmo olhando para mais ninguém. Quando o braço dele me envolve e ele me beija profundamente, minhas mãos sobem por seu braço e me seguro nele. Quaisquer protestos são interrompidos junto com o ar nos meus pulmões. Ele se afasta de mim e eu suspiro, tentando inspirar oxigênio para meus pulmões privados.

— O que diabos? — minha mãe diz e eu fecho meus olhos. Bem, acho que fomos descobertos.

Olho para Rhys, que apenas sorri para mim daquela maneira sexy que faz meu interior tremer.

— Nada, mãe. Vamos para onde precisamos estar.

— Você vai falar, mocinha, — minha mãe repreende, e eu pego o leve sorriso e os olhos apertados dos olhos de Dagger. Que bom que ele acha isso divertido, mas a coisa é, vou dizer a ela. Eu conto tudo para ela. Pena que ela não falou comigo sobre

James. Poderíamos ter evitado tudo isso. Eu afasto esses sentimentos, precisando me recompor.

— Breaker, Tug! — Dagger grita para a porta aberta, me fazendo pular ao som exigente. Os dois homens entram na sala. — Vocês podem pegar as malas? — Eles levantam o queixo e agarram nossas poucas malas. — Tanner, siga atrás das motos. Tug and Breaker estarão atrás de vocês. Me entendeu? — Sua sobrancelha se levanta enquanto ele espera pela minha resposta.

— Tudo bem, — eu digo, me afastando de Rhys. Não chego longe, pois ele novamente envolve o braço de aço em volta de mim.

Seu hálito quente chega ao meu ouvido. — Espere até eu chegar lá. Nós temos nossa própria ala da casa. Oh Deus. — Eu vou fazer você gritar.

Eu deveria negar. Eu deveria dizer para ele pular de uma ponte, mas meu corpo está me traindo. Meu corpo anseia por esse homem como se fosse minha última refeição. Como diabos isso aconteceu depois de uma única noite com ele?

***

Quando chegamos à casa, parece mais um grande armazém transformado em casa. É grande como um edifício, mas tem dormitórios e janelas que o fazem parecer uma casa. É como um combinado, e parece bom, bem conservado.

— É aqui que estamos hospedados? — Eu pergunto a mamãe.

— Acho que sim. Só será por um pouco. Quando eu ficar de pé, vamos descobrir o que vamos fazer a seguir. — Eu deveria ficar tranquila por essas palavras, mas com a polícia chegando, não posso deixar de me sentir ansiosa.

— Espero que tudo com a polícia corra bem. — Acredito que estou tentando tranquilizar minha mãe, mas, na realidade, estou tentando me tranquilizar. É incrível como, um dia, sua vida é relaxante e despreocupada, e depois, no próximo, BAM! Tudo está de cabeça para baixo e você não sabe se está indo ou vindo.

Eu tive sorte. Minha mãe deixou de lado a questão de Rhys e eu por enquanto. Sei que é apenas uma questão de tempo, mas sou grata pela pausa. Realmente não há muito o que dizer a ela. Nós fizemos sexo, e isso é tudo.

***

Rhys abre uma porta no corredor da sala de estar, que é um enorme espaço aberto com cadeiras suficientes para um exército e um enorme aparelho de televisão. É definitivamente mais do que minha mãe e eu precisamos. Dentro do quarto há uma cama queen-size com capas azuis claras e paredes de cor creme. Não é pequena, mas não extravagante. Na verdade, é bem aconchegante.

Um grande estrondo vem de trás de mim e eu pulo. Sou arrastada para um nupcial e grito alto. Então sou jogada na cama onde pulo duas vezes.

— Que diabos?

O corpo duro de Rhys desce sobre o meu, seu peso me empurrando para o colchão. Eu não tenho tempo para apreciar a sensação antes de sua boca descer à

minha enquanto ele comanda meus lábios para fazer exatamente o que ele quer. Meus lábios estão mais do que felizes em seguir sua liderança.

Movo minhas mãos para sua cabeça, e ele instantaneamente as agarra e as segura acima da minha em um aperto forte. Não sei por quê, mas gosto da pressão que ele exerce sobre elas. Eu gosto que posso esquecer, e ele faz tudo de bom. Também é estranho que ele não me deixe tocá-lo lá, mas apenas olhando suas cicatrizes, posso ver que ele viveu uma vida difícil. Ele pode nunca me dizer o motivo, mas também nunca perguntei, então isso é por minha conta.

Ele quebra o beijo. — Eu preciso estar dentro de você. — Ele se levanta da cama, puxando meu short e calcinha do meu corpo, meus chinelos desaparecidos há muito tempo.

Eu me apoio nos cotovelos e olho para o homem acima de mim enquanto ele desabotoa e abre o zíper da calça apenas o suficiente para puxar seu comprimento e embainhar com um preservativo, e meu núcleo aperta. É tão quente que ele queira estar dentro de mim tanto que ele não se incomoda em tirar as calças. Nunca me senti tão desejada na minha vida.

Quando seu corpo forte novamente me pressiona para baixo na cama, levanto meus braços acima da cabeça, assim como seu comprimento se espalha dentro de mim. Eu grito, mas rapidamente viro minha cabeça para pressionar a boca no meu braço, sufocando o som. Deus, espero que minha mãe não tenha ouvido isso.

Rhys ri. — Desista. — Ele puxa meu braço para longe da minha boca, colocando-o acima da minha cabeça enquanto ele implacavelmente pega meu corpo, acariciando dentro e fora de mim em um ritmo punitivo. — Isso vai ser rápido, — ele resmunga.

Seus dedos se movem para a minha carne dolorida e esfregam círculos rápidos em sintonia com seus impulsos. Eu desmorono, tentando o meu melhor para conter os barulhos, mas alguns escapam porque o prazer é muito forte.

Com dois impulsos tão fortes que o sinto esbarrar em algo dentro de mim, Rhys pára, fechando os olhos enquanto goza dentro de mim. As linhas em seu rosto são mais proeminentes, fazendo-o parecer mais velho, e o prazer que senti revirou no meu estômago.

O que diabos estou fazendo? Esse homem é muito mais velho do que eu e nunca fui o tipo de garota que faz sexo com um homem apenas por diversão. Eu não posso estar fazendo isso. Merda.

Sua testa desce até à minha enquanto recuperamos o fôlego, desfrutando de um pequeno alívio.

— Rhys, eu preciso verificar minha mãe, — digo a ele, quebrando qualquer que seja essa conexão. Eu me mexo para tentar fugir. Eu preciso fugir. Não deveria estar fazendo isso. Não posso.

Seus olhos azuis olham para mim e ele ri. Do que ele está rindo?

— Sprite, sua mãe já sabe que eu estive dentro de você. Você é uma mulher crescida .

Eu empurro seu peito. — Sai fora. — A raiva me ultrapassa. Como ele ousa? — Então, porque eu me importo em não fazer coisas para ser uma decepção para minha mãe, estou errada?

Ele olha para onde minhas mãos repousam na camisa que ele não tirou. Decepção? Algo acontece nos olhos dele. O fogo que estava lá se transforma em fúria, e isso me assusta de imediato.

— Saia, — digo a ele novamente.

Ele me empurra, arrancando a camisinha e joga em uma lata de lixo próxima. Abotoa e fecha as calças, a raiva vincando as sobrancelhas.

Corro pela cama, pressiono as costas contra a cabeceira da cama e encolho os joelhos no peito, sentindo-me completamente exposta no momento. Ele é tão louco, e eu não sei como consertar isso.

— Rhys? — Eu chamo.

— Sprite, não se preocupe com isso. Você foi uma boa transa. Estou fora. — Ele abre a porta e a fecha atrás dele, o barulho tão alto que fecho os olhos e estremeço.

Eu fui uma boa transa. Meu interior aperta. É melhor perceber isso agora do que mais tarde. Princesa me avisou. Eu apenas escolhi ouvir minha libido ao invés de bom senso.

Saio da cama, me limpo e coloco minhas roupas de volta, encontrando meus chinelos na porta. Meu coração está pesado e eu não gosto disso.

Entro na sala onde minha mãe está sentada no sofá, com os pés para cima e um cobertor sobre as pernas. Seus olhos estão abertos e muito mais alertas.

Dagger vem da cozinha, segurando um copo de água, e o coloca na mesa de café que ele aproxima do sofá.

— Como está se sentindo? — Eu pergunto a minha mãe, ignorando Dagger. Tenho certeza de que cheiro a sexo, mas a única opinião que me interessa é a de minha mãe.

— Na verdade, estou bem. Dorida, mas bem. Eu posso pensar, o que aprecio. — Ela me dá um sorriso fraco quando Dagger se senta na poltrona.

Olho para ele. — Você pode ir agora. Nós ficaremos bem.

Ele acaricia sua longa barba para cima e para baixo e clica a língua na boca. — Não vou a lugar nenhum. — Seus olhos encontram os meus. — Por que meu irmão saiu correndo daqui? — ele acusa, e é minha vez de fechar os olhos e desviar o olhar dele.

Minha mãe coloca a mão no meu braço. — Você quer falar sobre isso?

— Não. — Balanço a cabeça. Eu definitivamente não quero discutir isso na frente de Dagger, principalmente ele.

— Querida, pelos barulhos vindos do seu quarto, ele não parecia chateado. — A mão de mamãe no meu braço aperta.

Sinto o calor subir pelo meu corpo e até o meu rosto quando o constrangimento me atinge. Minha mãe e Dagger nos ouviram, mas naquele momento, tudo o que importava era Rhys.

— Está tudo bem. Quando os policiais devem estar aqui? — Desvio enquanto Dagger balança a cabeça. Não quero falar sobre Rhys. Talvez, se fosse apenas minha mãe, eu contasse mais a ela, mas o constrangimento que sinto me faz querer mudar para outra coisa.

— Daqui a algumas horas. Você vai ficar bem. Estarei no corredor, ouvindo. Não mostrarei meu rosto a menos que precise. Você se apega à história e ao choque de James estar morto, e será bom, — ele diz como se tivesse feito isso muitas vezes, e não é grande coisa. Não sei se devo estar assustada ou impressionada.

— Há comida aqui? — Eu pergunto a ele, precisando de uma distração. Se tiver comida na boca, não posso falar.

— Algumas coisas. Depois que a polícia for embora, voltaremos para o clube, — diz Dagger.

Meus olhos se arregalam quando uma pedra cai no meu estômago. — Eu pensei que estávamos ficando aqui. — A ideia de voltar para o clube quando Rhys está chateado comigo não me parece bem.

— Não, é mais seguro lá até sabermos o que esses caras querem. — Ele vê meu lábio enrolar. — Você vai ver Rhys, então é melhor você superar qualquer merda que esteja acontecendo.

— Maneira de defender sua filha, — eu resmungo, saindo da sala.

— Tanner. — Sua voz é profunda e autoritária. Isso me faz parar. — A vida no clube significa irmãos e clubes antes de todos, incluindo mulheres e crianças.

As coisas começam a aparecer na minha cabeça rapidamente: a razão pela qual minha mãe foi embora, a razão pela qual ela não contou a Dagger sobre mim.

— Foi por isso que... porque você nunca colocaria minha mãe em primeiro lugar em sua vida, — digo a ele.

— Tanner. — Isso vem da minha mãe que me olha em silêncio.

— Querida, eu daria tudo para sua mãe, — diz ele, o que faz minha mãe ofegar. — Mas isso não é da sua conta. Você precisa se lembrar que o que quer que aconteça no clube não é da sua conta. A única razão pela qual estamos ajudando você agora é porque cuidamos de nós mesmos, mas nada disso se resume ao clube.

Então, eu sou uma merda na escala de quem se importa. — Tanto faz. De qualquer forma, teremos ido embora, e então você poderá continuar sua vida. — Entro na cozinha, precisando de algum espaço.

CAPÍTULO 9

RHYS

Decepção. Rhys, você não passa de uma decepção. A frase percorre minha cabeça repetidamente. Normalmente, é a voz da minha mãe dizendo isso várias vezes, mas desta vez é a de Tanner.

Eu ando de motocicleta com força e rápido pelas estradas do país, tentando limpar a porra da minha mente. Independentemente disso, essas palavras continuam correndo pelos meus pensamentos, me puxando por um caminho que eu pensei que estava fechado para sempre.

Minha mãe sempre me dizia o quanto eu falhava. Mesmo que ela estivesse irritada o tempo todo, ela sempre fazia questão de colocar o máximo de socos possível. Para uma criança, essa merda fica com você. É uma ferida que nunca cura totalmente.

Eu sei que Tanner não estava ciente de que ela tocou num nervo sensível, mas, porra, ela desenterrou alguma merda que eu não queria colocar em seu colo.

Ela está certa, no entanto. Transar com ela deveria ter sido um show único. Eu não deveria ter continuado. Eu deveria ter recuado imediatamente. Definitivamente não deveria ter dormido com ela nos meus braços. Isso foi um enorme erro de merda.

Ela é inocente demais para esta vida. Porra, ela é inocente demais para mim, mesmo que derreta como manteiga sob o meu toque. Não é como se eu fosse sugá-la

para esta vida e que ela ficasse comigo. Foda-se isso. Eu não quero ser amarrado. Certo?

Balanço a cabeça para limpar as redes de Tanner dali. É melhor assim, de qualquer maneira. Ela precisa de um desses idiotas que ficam juntos ou o que seja.

Preciso apagar Tanner da minha mente.

CAPÍTULO 10

TANNER

Uma batida pesada soa da porta da frente.

Dagger agarra meu braço e me puxa para o corredor. — Lembre-se, eu não posso proteger você e sua mãe, a menos que vocês façam o que eu digo, — ele me diz, com sinceridade nos olhos.

— Entendi. Vai ficar tudo bem. — Vou para a porta, olhando pelo olho mágico. O primeiro homem que vejo é Griff, que eu conheci em algumas das festas da minha mãe e de James.

Eu me viro para minha mãe e aceno quando ela fecha os olhos e solta um suspiro exasperado. Giro a maçaneta e abro a porta, meus nervos me atingindo com força total enquanto olho nos olhos do parceiro e melhor amigo de James.

— Olá.

— Boa tarde, Tanner. Precisamos fazer algumas perguntas a você e sua mãe , — diz Griff com toda a formalidade e poder que ele pode reunir. Porra.

— Certo. Entre. — Eu mantenho a porta aberta e Griff e outro oficial, que não conheci antes, entram.

— Mearna, desculpe ter que vê-la nessas circunstâncias, — diz Griff à minha mãe, passando para a cadeira em frente a ela.

— Ainda não consigo acreditar que ele está morto, — diz mamãe. Eu tenho que dizer que ela é muito boa nisso. Ou talvez ela realmente se sinta assim. Seja como for, isso é bom.

— Eu também. Este é o oficial Miller.

Mamãe acena para ele enquanto eu me sento no sofá aos pés da minha mãe. Antes que esses caras chegassem, eu peguei minha maquiagem e dei a ela muita cobertura, deixando apenas o suficiente para tornar o acidente de carro uma história plausível.

— Você disse ao telefone que você e sua filha decidiram fazer uma viagem. Acontece que foi no mesmo dia em que sua casa foi queimada até o chão com o corpo de James dentro.

Eu me viro para minha mãe e vejo uma lágrima solitária cair de seus olhos. Minha mãe não teve nada fácil na vida, trabalhando duro por tudo o que tínhamos, inclusive ajudando James a pagar por aquela casa. Merda!

— Sim.

— Por que você decidiu sair naquela manhã?

Minha mãe limpa a lágrima perdida do rosto e funga. — Tanner continuava me perguntando sobre o pai dela, e eu finalmente desisti. Eu disse a James para onde estávamos indo, e ele me disse para ficar segura. — Isso não era uma mentira total. Eu tinha perguntado sobre meu pai repetidamente, mas não recentemente.

Os olhos de Griff se contraem. — James disse para você estar segura. Isso é tudo?

Porra. Griff conhece James. James a teria machucado se minha mãe dissesse que iria ver meu pai. Ele não gostava de outros caras nem olhando para minha mãe, muito menos para ela pegar e ir embora.

— Sim, — minha mãe diz com a calma de um gato ronronando.

— Mearna, eu conheço James há muito tempo. Você quer que eu acredite que ele disse isso? — Griff pergunta.

Minha mãe o olha com cara de morta. — Ele disse.

— Eu não acredito em você. — Ele olha para o parceiro, que o olha cansado. — Não há como ele deixar você fora de vista, quanto mais encontrar o pai de Tanner, que faz parte do clube Ravage Motorcycle pelo que ouvi. Não sabia que você era uma cadela de motoqueiros. — O desprezo em sua voz me fez endireitar no meu lugar. Aí está o Griff que eu conheci, aquele que sempre fazia minha pele arrepiar apenas por estar no mesmo quarto que ele.

— Oficial Miller, saia e verifique o carro, — ele ordena. — Cadê? — ele pergunta a minha mãe.

— Garagem, — ela responde.

— Você tem certeza? — O oficial Miller diz, e Griff lhe dá um olhar que sopraria fogo. Eu realmente não quero que o outro oficial saia agora. — OK. — Ele se levanta e sai pela porta.

— Eu sei que você fez alguma coisa, — Griff começa no minuto em que o outro oficial está do lado de fora. — Não resta nada do corpo além de ossos, mas eu sei que James nunca deixaria você sair pela porta para ir para outro homem. Você está cheia de merda. Diga-me o que fez com ele. — Seus olhos perfuram minha mãe e eu, e meu

estômago cai, lembrando a faca na minha mão e como se sentia entrando e saindo de sua carne.

— Eu não fiz nada, — minha mãe diz honestamente, porque ela não fez.

— Besteira. Eu soube que o papai de sua filha faz parte de uma gangue cheia de criminosos, gângsters, assassinos, traficantes de drogas e bandidos. Você quer que eu acredite que James permitiria isso? O que aconteceu? Ele colocou você no seu lugar, Mearna?

A fúria cresce no meu estômago e lentamente começa a aumentar. Como ele ousa achar que estava tudo bem, porque James a estava colocando no lugar dela!

— Isso é o suficiente, — eu o interrompi.

Seu olhar gelado vem até mim. — Suficiente de quê? — ele cospe. — A verdade? Talvez eu precise começar a investigar esse clube de onde você veio.

A fúria misturada ao pânico aumenta.

— Por quê? Não temos nada a ver com o que aconteceu com James.

— Você é uma putinha mentirosa. James me disse como você se jogou nele, implorando para ele te foder. A cada vez, ele recusou.

Minha boca cai no chão e respiro fundo. — Eu nunca…

— Guarde isso, — ele me interrompe. — Eu acredito mais em James que em você sempre. Vocês são ambas lixo inútil. — Ele se levanta da cadeira, sua presença me fazendo tremer.

Ele se move rapidamente na minha frente, agarrando meu braço e me puxando do sofá com um grito.

— O que você está…? — A mão de Griff vem em volta da minha boca, abafando minhas palavras, e minha mãe tenta se levantar do sofá.

— Sua putinha estúpida. Talvez eu deva foder você até lhe arrancar respostas — ele diz alto o suficiente para minha mãe ouvir enquanto pressiona sua ereção dura na minha bunda. Pânico como nenhum outro me invade. Balanço a cabeça e grito não.

— Tire as mãos fodidas de cima dela, — a voz de Dagger vem da entrada da sala de estar.

Paro de lutar e graças a Deus que Dagger ficou. O braço de Dagger está estendido e, no final, sua mão segura uma arma de prata. Oh inferno. Ele está ameaçando um policial.

— Quem diabos é você? — Griff para por um instante. — Oh, você deve ser o papai.

— Porra, certo, e se você não soltar minha filha, eu vou colocar uma bala na sua cabeça, — responde Dagger.

Meus olhos se movem para minha mãe. Ela não está dizendo isso com palavras, mas me dizendo através de seus olhos que tudo vai ficar bem. Eu com certeza espero que sim.

— Você não vai. O oficial Miller lá fora teria sua bunda — ele se vangloria.

— Oh, você quer dizer Matthew Miller, que deve trinta e sete mil dólares em contas de cartão de crédito, para não mencionar uma casa à beira de ficar penhorada. Ah, e ele tem uma esposa e três filhos para cuidar. Esse oficial Miller? — Os olhos de Dagger são frios e pedregosos. — Você não acha que eu tenho algo que fará todos os seus problemas desaparecerem?

Griff engole audivelmente. — Besteira.

— Você não fez sua pesquisa muito bem. — Dagger balança a cabeça. — Nós não aguentamos merda. Deixe. A. Minha. Filha.

Uma pontada de medo desliza pela minha espinha quando Griff me empurra a cabeça primeiro para o sofá, me fazendo bater nas pernas da minha mãe.

— Me dê sua arma, Taser, e o que mais você tiver com você. Deslize-os pelo chão.

Lentamente, Griff faz o que ele diz, puxando três armas, uma faca e Taser junto com spray de pimenta.

— Agora sente-se nessa cadeira e me conte tudo sobre o caso. — Dagger pega o telefone e parece que está enviando uma mensagem. — Tanner, saia e prenda o policial Miller. Quando ouvir as motos, saberá que é hora de trazê-lo.

Concordo, sem realmente saber o que diabos devo fazer. Minha mãe diz para confiar nele, e eu realmente não tenho muita escolha neste momento.

Eu me levanto e vou para a porta. Trêmula, vou até ao oficial Miller, surpresa por Dagger me querer aqui sozinha, mas ele não deve ver esse cara como uma ameaça.

— Conseguiu tudo o que precisa, oficial?

Ele se vira para as minhas palavras ao examinar o carro. Dou um suspiro com a aparência dele. Quando nós dirigimos para a casa, estava tudo bem, mas Dagger disse que alguns caras o consertaram. Eu não tinha visto até este momento. A parte frontal do carro está completamente esmagada, parecendo exatamente como se chocasse

com uma árvore, exatamente como dissemos a Griff por telefone. Eu tento esconder minha reação rapidamente.

— Parece cortado e seco para mim. Você está bem depois desse grande estrondo? — ele pergunta preocupado.

— Estou bem. — Coloco minhas mãos no bolso de trás. — Minha mãe ficou um pouco chateada, mas estamos bem.

Ele dá a volta no carro, tira algumas fotos e escreve algumas coisas em seu caderno enquanto eu fico lá e o observo.

— Que vergonha o que aconteceu com James, — diz ele na frente do carro.

— Sim. Minha mãe o amava. — Isso não é mentira. Ela amou até que ele começou batendo nela. — Compreensível.

Enquanto os segundos passam a minutos, sinto a ansiedade aumentando rapidamente. Finalmente, o barulho baixo de uma motocicleta vem à distância, e eu fecho meus olhos, sentindo o conforto me cercar com o som. Quando as motos entram na garagem, o oficial Miller chega ao meu lado.

Meus olhos estão colados em Rhys: a maneira como seus músculos se flexionam enquanto ele manobra a motocicleta - diabos, a maneira como ele parece na motocicleta. Eu nunca me imaginei tendo uma queda por um cara como Rhys, mas está lá.

Apesar de, quando ele saiu mais cedo, me ter assustado, nunca fiquei tão feliz em vê-lo. Ele e vários membros do clube desligam os motores das motocicletas.

— Seu pai? — O oficial Miller pergunta.

— Não, — eu respondo.

Eu não espero e praticamente corro até Rhys e envolvo meus braços com força em seu pescoço, enfiando minha cabeça em seu couro e camisa. Sinto as lágrimas ameaçando cair, mas respiro profundamente dentro e fora quando seus braços me envolvem. Suas mãos enluvadas chegam ao topo da minha cabeça quando ele apenas me segura, meu corpo decidindo que é a hora de começar os tremores. Não me importo que ele tenha saído daqui chateado há pouco tempo. Nada disso importa. O que importa agora é que me sinto segura em seus braços.

— Sprite, onde está Dagger? — ele pergunta no meu cabelo.

— Na casa. Ele me disse que, quando vocês aparecessem, eu deveria trazer o oficial Miller de volta para casa. — digo, sem levantar o rosto, sugando seu perfume como se nunca mais sentisse o cheiro dele em vez disso.

— Ele foi ruim para você? — Rhys pergunta. Quando balanço minha cabeça em seu peito, sua mão esfrega meus cabelos. — Bom baby. Bom.

— Rhys, — diz Pops.

Eu pulo, quase esquecendo que todos os caras estão lá e o inferno em que estou.

— Casa, — ele responde. — Oficial Miller, venha conosco.

— O que está acontecendo? — o oficial pergunta atrás de mim.

— Entre na casa e vamos explicar.

Algo acontece atrás de mim, mas não tiro minha cabeça da camisa de Rhys. Eu o seguro com tudo o que tenho.

— Se Dagger não estivesse aqui, ele teria me estuprado, — confesso, uma lágrima caindo do meu rosto.

— Quem? — O corpo de Rhys fica tenso quando a palavra é latida, me fazendo pular.

— Griff. Na casa.

Ele se afasta e meus braços tentam apertar para mantê-lo perto, mas ele é definitivamente mais forte do que eu. Seu dedo indicador chega ao meu queixo enquanto ele o levanta, então eu estou olhando para suas profundezas ardentes.

— Aquele filho da puta colocou as mãos em você? — ele rosna.

Eu apenas aceno com a cabeça porque seu rosto zangado é assustador, mas também me sinto tão segura com ele. O que diabos há de errado comigo?

— Vamos lá. — Ele me leva para dentro de casa, e noto que todos os outros caras, exceto Breaker, já estão lá dentro. Breaker nos segue.

Rhys envolve seu braço em volta dos meus ombros, e eu me sinto envolta em seu calor.

Entrando na sala, paro de correr. Griff está amarrado com fita adesiva a uma cadeira de madeira que estava na área de jantar e o policial Miller está sentado no sofá, de olhos arregalados. Puta merda, o que está acontecendo?

Os olhos da minha mãe encontram os meus, mas ela não parece tão chocada quanto eu.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Dagger que está andando atrás de Griff, a raiva saindo dele.

— Tanner, leve sua mãe para o quarto dela e feche a porta, — Dagger me ordena, fazendo minha espinha endurecer. Eu quero saber o que diabos está acontecendo.

Rhys me aperta. — Vai.

Eu olho para ele. Algo naqueles olhos de comando me fazem obedecer. Ajudo minha mãe e a levo para o quarto dela.

— Mãe, o que está acontecendo? — Eu pergunto depois de colocá-la na cama e fechar a porta. — Não podemos deixá-los matá-los! — Eu grito, mas baixo, apenas para minha mãe ouvir.

— Venha aqui. — Ela dá um tapinha na cama ao lado dela e eu sento. — Querida, eu trouxe seu pai para essa bagunça. Temos que deixá-los lidar com isso. Acredito plenamente que ele nos protegerá, não importa o quê.

— Mas, mãe, eles são policiais! Você não acha que será suspeito se eles não voltarem? Quero dizer, sério, eu sou a única aqui que está pensando claramente? — E Dagger já disse que o clube vem primeiro! Ele não vai nos colocar no clube.

— Acalme-se. Você tem que confiar que ele vai nos proteger.

— Você quer que eu confie em um cara que conheço há dias?

— Você confia em Rhys? O braço dele em volta do seu ombro me diz que ele é muito protetor com você.

Caio na cama ao lado da minha mãe e olho para o teto. — As coisas com ele não podem funcionar, mãe. Há tantas coisas de errado com ele e comigo.

— Você acha que eu não sei disso? Você acha que não me matou deixar seu pai? Você não acha que eu tenho meus próprios arrependimentos? — Minha mãe diz.

Eu me viro para ela. — Você está brava por ter partido? Eu pensei que você estava feliz por ter partido?

— Não sei mais. Só estar perto daquele homem... — a voz dela desaparece.

Eu preciso distraí-la. — O que você acha que os caras estão fazendo?

— Eu não tenho ideia, — ela responde.

CAPÍTULO 11

RHYS

Eu dou um soco no peito do filho da puta, ouvindo-o chiar. — Nunca coloque uma mão sobre ela, — eu rosno.

— Irmão, relaxe, — diz Pops, colocando a mão no meu ombro.

Porra, eu poderia rasgar esse pedaço de merda. Ele tem sorte no momento porque que estou sendo afastado, senão ele estaria morto. No momento em que vi aquele olhar aterrorizado no rosto de Tanner, não consegui segurar. Como um puxão magnético, eu tinha que senti-la, cheirá-la. Protegê-la.

Pops dá um passo para trás e pega um pedaço de papel. — Diz aqui que você está aqui não oficialmente. — Isso me choca, e pelo olhar no rosto de Dagger, ele também. — Você tirou uma semana para vir aqui.

— O quê? — isso vem do oficial Miller. — Não estamos sendo pagos para estar aqui? — O choque em seu rosto corresponde ao nosso.

— Não, — responde Pops, me surpreendendo.

O oficial Miller está sentado no sofá, pasmo. — Você me disse que a delegacia disse que tínhamos que descer aqui e questionar essas duas. O que diabos está acontecendo?

— O que está acontecendo é que esse idiota pensou que ele poderia ameaçar e tocar minha filha. Ele pensou que conseguiria uma confissão estúpida delas ou que viria descontar nelas — responde Dagger.

O oficial Miller para e, se eu tivesse um coração, poderia ter sentido algo por ele. — Porra, inferno! Eu preciso voltar. Não posso faltar ao trabalho!

— Cale-se! Eu tirei suas férias para você — Griff cospe para ele.

— Você desperdiçou minhas férias por essa merda! — Miller responde.

— Por mais que esse pequeno concurso de mijar que você esteja fazendo seja bem-humorado, temos coisas a fazer, — eu interrompo. — De quem é o carro que você dirigiu até aqui?

— Meu, — Miller responde. Juro que, se ele fosse um desenho animado, a fumaça sairia de seus ouvidos.

— Bom, — diz Pops, olhando para o homem. Ele pega alguns tijolos de dinheiro, entregando a Miller. Miller não aceita.

— Para que é isso? — ele pergunta, olhando o dinheiro, sua boca quase salivando.

— Você, para dirigir de volta. Você não fala nada disso. Leve sua família em uma pequena viagem com o resto do seu tempo de férias. Você não diz nada do que aconteceu aqui.

Miller olha o dinheiro então Pops. — Minha esposa sabe que estou aqui.

— Então você a convence de que mentiu, — responde Pops.

— Não ouse sair, porra. Eles vão me matar — diz Griff.

Miller olha entre todos os caras. Ele pondera por longos momentos, mas vejo no instante em que ele olha para o dinheiro e percebe que muitos de seus problemas desapareceriam por causa disso.

— Estou fora daqui. Eu não queria vir em primeiro lugar, — diz Miller, levantando-se.

Pops lhe entrega o dinheiro. — Nem uma palavra ou eu te encontro e coloco uma bala na sua cabeça, na sua esposa e nos seus filhos.

Miller empalidece. — Nenhuma palavra. Nunca. — Ele dá mais uma olhada em Griff e aproveita o momento. — O caso foi praticamente encerrado após o término da conversa com a noiva. Griff não quis deixar para lá, disse ao sargento que ele investigaria para ter certeza. Eu vim porque ele disse que eram ordens.

— Vá, — diz Pops, e Miller fecha a porta atrás dele.

— Agora, esse problema, — diz Pops, virando-se enquanto Breaker segue o policial para fora para se certificar de que ele desaparece. — Liguei para sua esposa que disse que você estava em uma viagem de pesca.

Griff empalidece.

— Diga-me tudo, e eu vou fazer isso rápido, — diz Dagger. — Ou não, e eu vou bater em você. De qualquer maneira, funcionará.

Enrolo meus dedos, colocando o punho na palma da minha outra mão. Quero que esse filho da puta jogue duro. Como ele ousa tocar Tanner! Ninguém a toca. Nunca.

Griff vomita suas entranhas, mas tudo no caso está praticamente acabado. Os investigadores dizem que foi do aquecedor de água - vai entender - e o fecharam.

— Tug, GT, Cruz,— Pops chama, — levem esse cara para pescar. Há um carro extra na parte lateral da garagem.

Griff empalidece ainda mais. — Vocês realmente vão me matar, não é? — Dagger bate com a ponta da arma no pescoço do imbecil e ele desmaia.

— Meninos, façam o melhor, — é tudo o que Pops diz quando os três tiram Griff. — Parece que suas damas podem sair quando quiserem. — Meu estômago revira. Foda-se isso. — Faça o que tem que fazer. — Com isso, ele sai, os outros o seguindo pela porta. O som dos motores disparando e saindo ecoando pela casa.

— O quê agora? — Eu olho para Dagger.

— Dizemos a elas que a merda está sendo resolvida e elas precisam ficar. — Dagger sorri como se estivesse lendo minha mente. Claro, eu provavelmente vou me foder mais tarde por isso, mas foda-se, ter outro cara tocando Tanner... Eu não posso fazer essa merda. Eu não a mereço, mas também não a deixarei ir.

Caminho pelo corredor, morto por ver minha garota. Bato e abro a porta.

Tanner está ao lado de sua mãe, cara a cara. Parece que elas estão conversando. A cabeça de Tanner aparece. Então ela sai da cama e se atira em meus braços, e eu a pego com facilidade. Porra, eu gosto do fato de que ela se sente segura comigo.

Inspiro o cheiro dela, nem dando a mínima para que seus braços estejam em volta do meu pescoço. No entanto, eu gosto. Foda-se. Estou ferrado.

— Eu não queria te deixar bravo, — diz ela no meu pescoço.

— Eu não estou. Essa é a minha própria merda. Conversaremos. — Mesmo que eu não queira trazer essa merda, ela merece saber que não é ela. É tudo eu.

— Mearna, você está bem?

A preocupação está em todo o rosto de sua mãe. Eu sei o quanto Tanner ama sua mãe. Foda. Eu realmente tenho que conquistar a mãe dela? É exatamente por isso que eu não faço essa merda.

— Estou bem. — Os olhos dela se estreitam. — Quais são suas intenções com minha filha?

Fodê-la até morrer. — Dando um passo de cada vez.

— Tanner, — ela chama, e Tanner se vira para a mãe. — Tenha cuidado, querida. — Tanner assente, e então Mearna se vira para mim. — O que está acontecendo lá fora?

— Não se preocupe. Está sob controle — respondo.

— Então, se tudo estiver sob controle, podemos ir para casa? — Mearna pergunta, observando minha reação de perto. Eu disfarço minha irritação com a pergunta dela.

— Não, vocês duas precisam ficar um pouco. Saberemos mais amanhã. — Eu puxo Tanner comigo. — Vamos, Sprite.

— *Sprite*? — a mãe dela pergunta.

— Eu não sei onde ele conseguiu, mãe, mas tanto faz. — Tanner encolhe os ombros.

— Isso encaixa em você. — Mearna sorri. — Gosto disso.

Tudo bem, chega dessa merda delicada.

— Vamos. — Conduzo Tanner pelo corredor e para a sala de estar. Ela olha em volta, encontrando-a vazio, além de Dagger sentado na cadeira.

Assim que passamos, ouço o rangido da cadeira. Ele sem dúvida vai falar com Mearna. Eu chuto a porta do outro quarto, e Tanner se senta na cama.

— Vai haver merda por um tempo. Quero você na minha cama no clube.

— Dagger disse que voltávamos depois que isso terminasse, — diz Tanner, tirando o cabelo ruivo do rosto. — Rhys, fale comigo.

— Baby, apenas role com essa merda. Eu não tenho respostas para você. Tudo o que sei é que não consigo tirar o seu gosto dos meus lábios, e não consegui me satisfazer. — Sento-me ao lado dela e coloco minha mão em sua coxa. Sua mão vem em cima da minha.

— A Princesa diz que você tem suas próprias regras, e eu entendo. — Ela aperta minha mão, e eu tenho uma súbita vontade de chutar o traseiro da Princesa. — Eu tenho minhas próprias regras. A Princesa disse que você tem mulheres diferentes o tempo todo.

— Princesa do caralho, — murmuro. Vou fazer com que Cruz a puna.

— Bem, eu sou do tipo de um homem só e espero que meu homem seja o mesmo. Se você não quer isso, precisa me deixar em paz. — Ela dá um tapinha na minha mão e depois remove a dela, o calor se foi.

Algo dentro de mim dói. Nunca fui fiel a ninguém, nunca tive nenhum tipo de compromisso com ninguém, exceto meus irmãos. Não tenho certeza se posso fazer essa merda.

— Baby, eu... — Ela coloca o dedo nos meus lábios.

— Você vai me dizer que não sabe se pode fazê-lo. — Eu aceno com a cabeça, seu dedo permanecendo em seu lugar. — Você estaria disposto a tentar? — Ela remove o dedo.

— Você sabe que merece muito mais, — digo a ela, o que a faz sorrir suavemente.

— Eu só vou ficar aqui por um curto período de tempo, então não é como se eu estivesse pedindo para você se casar comigo, mas enquanto eu estiver aqui… — ela pega meu pau na calça jeans… — isso é meu.

Eu rio. Ela ainda não disse a palavra pau na minha frente, e eu acho isso hilário. Ela terá que superar isso rapidamente enquanto estiver na sede do clube.

— Tudo bem, Sprite. Contanto que você saiba que essa boceta, seios e bunda são minhas para fazer o que eu quiser, sempre que eu quiser. — Eu a empurro para a cama enquanto seu lindo sorriso aparece em seus lábios.

— Onde você inventou *Sprite*? — ela pergunta.

— Olhe para você e olhe para mim. Para mim, você é *pequena* com coragem.

Ela revira os olhos. — Tanto faz. — O rosto dela fica sério. — Me desculpe, eu disse que minha mãe ficaria decepcionada. Não sei o que quis dizer, mas não foi...

— Querida, essa é minha merda, não sua. Falaremos sobre isso mais tarde, mas não hoje. — Eu saio dela e pego meu celular, digitando uma mensagem para Dagger. — Hoje à noite, ficamos aqui, longe do clube. Só você e eu. — Eu digo a ela. Pela primeira vez na minha vida, estou realmente empolgado com essa merda.

Jogo o telefone e a sufoco com meu corpo. Seguro seu rosto, mantendo-o imóvel antes de me inclinar e escovar meus lábios nos dela. Eu amo a inspiração que

ela me dá. Quem se importa se ela é mais nova que eu e inocente? Vou me divertir corrompendo-a.

Eu a beijo e a engulo.

CAPÍTULO 12

DAGGER

Bato na porta e entro sem esperar Mearna dizer alguma coisa. Foda-se, esta mulher me colocou em queda livre. É como se ela nunca tivesse ido embora.

Está deitada na cama, de olhos fechados. A ligeira subida e descida do peito me diz que está dormindo. Sento-me na cadeira no canto da sala e a assisto com os cotovelos nos joelhos, enquanto limpo o rosto com as mãos.

Essa mulher era tudo para mim. Tudo. Eu teria passado por cima de tudo por ela. Inferno, eu fiz. Ela ficou comigo durante o período de prospecto. Então fomos a uma festa uma noite, e ela decidiu que estava saindo. Estrondoso! Bem desse jeito.

Tentei falar com ela, descobrindo o que diabos aconteceu naquele curto espaço de tempo, mas ela não quis. Eu era um garoto jovem e burro, com o coração quebrado pela primeira e única vez. Lembro-me daquele momento em que ela saiu pela porta. — *Eu te amo, Cameron. Sempre lembre disso.* — Ela me beijou e depois se foi. Poof. É uma memória que se cavou dentro de mim até agora, não há como eu sair. Ela era a única mulher que eu amava, a única mulher que mudou o curso da minha vida.

Depois que Mearna desapareceu, o velho eu desapareceu. Eu não dava a mínima e fodia qualquer coisa com uma boceta. Inferno, eu ainda faço. Até meu acordo com Flash apenas lhe dá um lugar para dormir. Nenhum de nós se importa com o outro. Eu sei que ela fode tudo com um pau, e ela sabe sobre mim. É assim há anos, e ela nunca pediu mais, então eu a mantive por perto.

Olhando para Mearna, me sinto tão velho. Eu tenho dez anos mais que Mearna, mas ela ainda está tão bonita quanto na época. Porra.

Eu sinto que deveria pegar um bloco de papel e fazer alguma merda de cartão de saudação da Hallmark ou algo assim. Eu não posso evitar quando se trata dessa mulher. Eu a amei a vida toda e pensei que estava fazendo o certo por não ir atrás dela quando queria. Porra, uma vez que entendi onde ela foi, eu estava indo para ela trazê-la de volta, mas não acabou do jeito que eu queria.

E porque não fui buscá-la, ela acabou com um idiota que batia nela.

Mearna é a única mulher pela qual desistiria de toda a boceta aleatória. Desistiria de Flash em um piscar de olhos e ficaria com Mearna de todo coração. Porra, inferno.

Os olhos de Mearna se abrem e ela me encara. — Está tudo bem?

— Tudo está resolvido, — digo a ela, sem me mover da cadeira.

— Rhys disse que precisávamos ficar na cidade por um tempo.

— Sim. É melhor. — Olho para o chão. O que diabos estou fazendo?

— Cam… Dagger? — Eu fecho meus olhos; meu nome verdadeiro causa uma dor que só ela poderia me dar. — Por favor, olhe para mim. — Olho para ela enquanto ela tenta se mover para sentar. Seu rosto se contorce de dor, e eu me movo rapidamente para o lado dela, levantando-a e movendo-a para sentar na cama. — Obrigada. — Ela dá um tapinha na cama. — Senta. Acho que precisamos conversar.

Conversar. Porra, inferno. — Sim, acho que sim.

Malditos olhos. Eles são exatamente iguais, mas por trás deles há muita dor. Tudo o que eu quero fazer é limpar tudo.

— Você tem uma filha, — diz ela calmamente.

Eu dou uma risada suave. — Sim, acho que sim. — Corro os dedos pela barba. — Por que você não me disse, Mear?

Ela olha para o teto como se ele tivesse as respostas ou algo assim. — Eu queria. Deus, eu queria. — Seus olhos voltam para os meus. — Muitas vezes, peguei o telefone e disquei e desliguei. — Sua risada suave me lembra melhores tempos. Ainda amo esse som. — Eu queria. Eu queria apenas voltar e ficar com você.

— Então por que você não veio?

Os olhos dela caem para as mãos atadas à sua frente. — Vi o que era essa vida. As mulheres estavam por toda parte, vestindo nada além de pedaços de tecido e se agarrando a cada palavra sua como se fosse ouro. Eu não pertencia aqui.

— Nunca te traí, Mearna. Você não pode jogar essa merda na minha cara — eu rosno, sentindo a raiva começar a queimar.

— Eu realmente acredito nisso. — Ela abaixa a cabeça. — Eu não era bonita como elas. Eu não tinha peitos enormes ou cabelos aqui. — Seus braços saem para os lados da cabeça, demonstrando. — Eu não falava o idioma que você estava começando a aprender. Eu era uma estranha. Por isso saí.

— Mear, isso é besteira, e você sabe muito bem disso. Você saiu porque estava com medo.

— Eu... — levanto minha mão, não querendo ouvir as palavras que ela vai dizer.

— Você sabe que você era a única mulher para mim. Nenhuma dessas putas significava merda alguma. Eu não transei com nenhuma delas, e tive muitas oportunidades para isso, Mear - não me interprete mal. Mas eu mantive meu pau nas calças e voltei para casa todas as noites.

— Eu sei, — ela sussurra.

— Então por que você foi embora?

Ela descansa a cabeça na cabeceira da cama. — Eu não achava que tínhamos futuro. Você estava tão encantado com o clube e fazendo corridas ou o que quer fosse. Eu senti que não importava, que você não me amava o suficiente para me escolher em vez do clube.

E a verdade finalmente aparece. — Essa merda foi tão difícil de dizer?

Sua cabeça endireita e ela me lança um olhar gelado. Porra, eu também perdi essa merda.

— É verdade - o clube vem primeiro - mas isso não significa que eu não iria protegê-la e mantê-la segura até o meu último suspiro, — digo a ela com toda a sinceridade.

Uma lágrima cai do olho direito e viaja pela bochecha, caindo nos lençóis. — Isso nunca teria funcionado. Eu era tão jovem.

— Você era jovem, mas isso não é motivo para supor que não funcionaria, — eu respondo.

— Vi uma das old ladys levar um tapa no rosto, — diz ela em voz baixa. — Eu não queria terminar assim.

— Não sei qual era a situação, mas nunca lhe dei a impressão de que seria assim com você, Mear. Essa merda pertence ao imbecil que está morto agora. — Seu corpo treme quando mais lágrimas caem. — Então, por que não me contou sobre o bebê?

— Tudo o que você teria me dito era 'Mearna, volte', e eu teria. Eu estava tão perdida sem você. Queria tanto você. Eu tinha pavor de ter um bebê sozinha. Por mais que eu quisesse voltar para você, eu sabia que, depois que descobri que estava grávida, não havia como. Não podia expor um bebê a isso. — Ela move a mão pelo ar. — Chorei o tempo todo. Às vezes eu não parava por dias, apenas desejando estar com você.

Ah, foda-se. Vou para o outro lado da cama, tiro minhas botas e entro. Puxo Mearna em meus braços e a seguro enquanto os soluços a percorrem.

— Você está certa. Eu teria ido buscá-la e trazê-la de volta. Eu teria cuidado de você e Tanner.

— Mas um bebê no clube? — Mearna diz através das lágrimas.

— A Princesa cresceu muito bem. Ela está com os caras desde que nasceu. Você já viu Casey? — Ela balança a cabeça. Princesa é uma puta durona, e tenho orgulho do jeito que ela saiu, boca esperta e tudo. — Essa é a filha de Bam e a old lady de GT. Ela está na faculdade, indo bem.

— Ma fez um ótimo trabalho com a Princesa, — diz ela através de um soluço.

— Você teria feito um ótimo trabalho aqui também comigo. — Porra, pareço uma merda de boceta. Alguém precisa tirar meu maldito cartão de homem. — Está no passado agora. Conte-me sobre Tanner.

Os soluços avassaladores diminuem quando ela funga minha camisa. — Ela nasceu à meia-noite, nem um minuto antes ou depois. Até os médicos e enfermeiras disseram que não tinham tido um bebê logo à meia-noite há muito tempo. — Ela suspira. — Ela saiu berrando, e eu sabia que ela era minha garota. Aparentemente, ela era perfeita, mas tinha um pequeno defeito. — A cabeça de Mearna se move um pouco e meu estômago cai com a palavra defeito. — Ela nasceu com uma fenda palatina. Dentro da sua boca, você tem um teto como eles chamam. Bem, ela nasceu sem ele. Então havia um buraco entre a boca e o nariz. Ninguém podia vê-lo por fora, mas por dentro, não havia como negar. Alimentá-la era difícil porque tudo o que passava pela boca saía do nariz.

Puta merda!

— E você lidou com tudo isso sozinha?

— Em geral. Tanner teve que passar por uma cirurgia para repará-lo. Duas, na verdade. Cada vez, eles tinham que colocar palafitas nos braços ao lado do cotovelo para garantir que ela não colocasse as mãos na boca e estragasse os pontos. — Mearna se recosta em mim. — Após a segunda cirurgia, ela ficou perfeita. Era capaz de comer e beber sem sair nada do nariz. Tirei fotos, mas não tenho certeza se as peguei quando saímos.

Esfrego a mão para cima e para baixo na suavidade do seu braço. — Como ela era quando criança?

— Problema. — Ela ri. — Ela gostava de *tudo*. Tínhamos um apartamento pequeno, e eu fiz o que era possível à prova de bebê, mas ela sempre encontrava uma maneira de superar isso. Até fechaduras. Não tenho ideia de como ela as descobria, mas o fez e abria com facilidade.

— Parece que ela tem um pouco de mim nela.

— Mais do que você pensa. Ao crescer, ela tinha amigos, mas apenas alguns. Ela gostava de ficar sozinha. Nunca foi uma borboleta social e ainda não é. Durante toda a escola, tirou notas decentes e acabou aprendendo a fazer o cabelo depois do ensino médio. Trabalha em uma loja da cidade e diz que adora. — Orgulho enche nas palavras de Mear, e não posso deixar de sentir isso também.

— Então ela está feliz?

— Ela nunca gostou de James.

— Garota esperta.

Mearna ri. — Sim. — Ela para de rir e fica quase estática. — A primeira vez que ele me bateu, foi ruim, mas eu escondi a maior parte de Tanner. Então aconteceu mais algumas vezes, e eu fiquei porque ele me assustou pra caralho. No momento em que Tanner viu, ela ficou lívida comigo, mas não tão brava quanto eu por tolerar isso.

— Continue, — peço.

— Tanner me disse que, se isso acontecesse novamente, ela me tiraria de lá, e foi o que aconteceu. Aquela garota é a luz da minha vida.

— Eu posso ver isso.

— Às vezes, eu me preocupo que ela seja tão organizada porque tem medo que eu fique decepcionada com ela ou algo assim. A verdade é que eu só a quero feliz. Eu não me importo como isso acontece, apenas feliz.

— Mesmo com Rhys? — Eu pergunto. Ele é meu irmão e eu o amo como tal, mas se ele machucar minha filhinha, vai enfrentar o inferno.

Mearna solta um suspiro profundo. — Se é isso que a faz feliz, que assim seja. Eu vou apoiá-la, não importa o que ela escolha.

— E você? — Eu me sinto um idiota assim que as palavras saem da minha boca, mas foda-se. Eu sempre fui fodido.

— Eu o quê?

— O que te faz feliz?

Mearna se levanta de mim e agora está sentada ao meu lado. — Muito tempo se passou. Somos pessoas diferentes agora.

— Verdade, querida.

— Estou ficando velha, Dagger. Eu acabei com os jogos e as promessas quebradas. Quem quer que me faça feliz será direto e chegará ao ponto rapidamente. Não gosto de toda essa porcaria de namoro. Tem sido muito tempo. — Os braços dela envolvem seu corpo protetoramente. — E eu não pareço mais como costumava. — Então é disso que se trata.

— Estou abandonando Flash, e você está na minha cama a partir de agora. — Ela engasga. — Eu vi seu corpo quando o médico te examinou, e você é perfeita para mim. Isso é direto o suficiente para você?

Ela olha para mim com olhos de corça, e preciso de tudo em mim para não rir da visão.

— Por que você me quer agora? — Mulher estúpida.

— Olha, eu não brinco. Também estou velho para essa merda. Dito isto, mesmo depois de todos esses anos, quero você na minha cama, comigo.

— Eu... — Eu não quero ouvir o que ela tem a dizer, então pressiono meus lábios nos dela, calando-a e pegando-a, marcando-a como minha.

CAPÍTULO 13

RHYS

TANNER se deita com os braços acima da cabeça, pernas afastadas, mostrando-me aquela linda boceta rosa dela. Porra, ela é gostosa. Seus lábios de boceta brilham com a umidade, e eu não quero nada além de lambê-la e prová-la até que ela grite.

Lentamente subo por seu corpo, usando as pontas dos meus dedos para traçar suas pernas. Sua pele pinica quando meus dedos sobem, e seu corpo estremece lindamente. Eu continuo com meus dedos pelas coxas dela até o V entre as pernas, mas sem tocar no alvo. Em vez disso, eu a movo, subo pelo estômago, pelo umbigo e até à parte inferior dos seios.

— Rhys, — ela suspira, me fazendo sorrir.

Eu nem comecei a torturar seu corpo ainda, e ela já está doendo por mim. Quando circulo seus mamilos com as pontas dos dedos, eles se unem firmemente, quase ficando roxos. Não posso acreditar como ela é sensível a mim, como se fosse feita especificamente para mim. Merda.

Eu afasto esse pensamento da minha cabeça. Não é o momento para isso.

Suas costas arqueiam, colocando aqueles seios lindos bem na minha cara. Chupo um mamilo, sentindo-o alongado no céu da minha boca, enquanto minha mão brinca com o outro mamilo. Os barulhos que ela faz são tão excitantes.

Eu peço a meu pau para acalmar a porra, mas ele tem dificuldade em ficar calmo quando se trata de Tanner. Já faz muito tempo desde que uma mulher me deixa jogar assim. Elas nunca querem a não ser uma foda rápida. Mas não é assim com

Tanner. Cada centímetro dela, eu quero demorar e acariciar até que eu seja a única pessoa ou coisa em que ela pensa. Quero inflamar o seu corpo ao ponto de combustão, apenas deixando brasas queimando em seu rastro.

Faz um longo tempo desde que amarrei uma mulher, mas foda-se, é algo que estou desejando fazer com esta mulher aqui – amarrá-la e nunca a deixar ir.

— Deixe-me tocar em você, — diz ela sem fôlego.

— As mãos ficam lá em cima.

Ela geme de frustração, mas ouve e obedece.

Eu tomo meu tempo, dando o mesmo tratamento ao outro seio e até embaixo de cada um deles. Usando minha língua, faço uma trilha pelo estômago dela, para a sua lateral, em torno de seu seio e o mesmo do outro lado. A pele de Tanner se arrepia e incha a cada lambida. O gosto de sua pele é o paraíso - salgado, mas toda mulher.

Movendo-me para o pequeno pedaço de cachos vermelhos em sua boceta, eu esfrego minha barba por toda parte, de um lado para o outro, apenas precisando marcá-la. Inspiro profundamente, sentindo o cheiro da excitação de Tanner e preciso do meu pecado. Eu preciso disso agora.

Do topo ao clitóris, faço um enorme golpe com a língua e Tanner explode na minha língua. O sabor é tão sexy que fecho meus olhos brevemente, apenas para catalogá-lo na minha cabeça, para nunca esquecer.

Eu a puxo para mim, levantando sua bunda com as mãos e a como em movimentos longos, curtos e rápidos, combinando meus dedos dentro de sua boceta

quente e macia. Ela geme, mia e implora, mas eu não cedo. Tenta mover os quadris de um lado para o outro, mas eu a seguro ainda, levando-a ao limite.

Seu clitóris fica duro como pedra sob o meu toque, e eu recuo um pouco, fazendo movimentos mais rápidos e puxando meus dedos de seu calor.

— Não pare! — ela grita, mal conseguindo levantar a cabeça da cama.

— Sprite, o que eu te disse antes? Eu lidero as coisas. Você vai conseguir o que eu tenho para dar a você, que prazer eu lhe dou.

— Por favor, — ela implora. Eu amo o som dessa merda.

— Espere por mim. — Volto ao pecado que está entre suas coxas e a devoro, memorizando cada dobra e curva que sua boceta tem.

Aperto suas bochechas, parando seu movimento. Então puxo seu clitóris na minha boca e chupo com força. Ela solta um grito, mas ainda não gozou.

Afasto-me, levanto as pernas da cama e as pressiono contra o peito, os pés balançando acima dos ombros. Coloco uma camisinha rapidamente e dirijo para casa dentro de Tanner, que goza instantaneamente, as pernas de cada lado da minha cabeça se juntando e me prendendo.

Dentro e fora, empurro o meu pau para abranger cada centímetro dela. Eu quero ir tão profundo que ela me sinta por dias, para que saiba que fui eu quem a fodeu. Fui eu quem lhe deu prazer. Eu.

Minha espinha formiga e minhas bolas se enrolam. Eu vou gozar, e não há como parar. Bato nela, esfregando seu clitóris com força com os dedos, e assim que ela goza novamente, eu gozo. Isso bate tão forte que eu ficaria surpreso se a parte superior do meu pau ainda estivesse intacta.

— Puta merda, — diz ela, respirando fundo. Acho que é a primeira vez que a ouço xingar e não consigo parar de rir. — O quê?

— Engraçado, Sprite. Ouvindo você xingar.

— Tanto faz, — diz ela.

Deito-me nela, a cabeça dela descansando em cima da minha. Eu posso sentir seus músculos faciais puxando, sem dúvida em um sorriso. Porra, eu estou tão fodido.

***

Esfrego minha mão de um lado para o outro no braço de Tanner. Ela está dormindo há um bom tempo, mas eu preciso que ela acorde. Acabei de receber uma mensagem do Pops de que precisávamos voltar agora para o clube. Foda-se se eu sei o que está acontecendo, mas nosso tempo sozinhos foi interrompido.

— Ei, — ela sussurra grogue.

— Ei. Preciso que você pegue suas coisas. Temos que voltar para o clube.

A cabeça dela aparece. — Já?

— Sim. Vista-se.

Tanner geme, mas apressadamente puxa suas roupas e enfia o resto de suas coisas em uma bolsa. — Pronto.

— Vamos pegar Dagger e sua mãe.

***

Eu queria Tanner na parte traseira da porra da minha motocicleta, mas isso não é uma opção quando Mearna não pode ficar na parte traseira de Dagger. Tanner insistiu que ela dirigisse com sua mãe, então tive que deixá-la dirigir aquele pedaço de merda que nós danificamos. Não é a coisa mais ideal, mas quando liguei para Pops, ele nos disse para regressar, por qualquer meio, e esse é o nosso meio. Não gosto, mas é tudo o que temos. Dagger está liderando, seguido por Tanner e sua mãe, e depois eu. É o melhor que podemos fazer.

Uma coisa boa, porém, é que o carro não está vazando merda por todo o lugar, então poderia ser pior.

Ao entrar no complexo, Derek, o novo prospecto, está no portão e nos leva para dentro. O carro de Tanner para no momento em que entramos no portão, e eu tenho que desviar para não acertá-lo. Porra, inferno. Eu deveria estar chateado, mas não estou. Não é culpa dela, e é por algum milagre que chegamos aqui.

Estacionamos e ajudamos a mulher a entrar no clube. Dagger carrega Mearna. Algo estranho está acontecendo com essa merda, mas não tenho tempo para isso agora.

Entrando na sala principal, Pops nos cumprimenta na porta.

— Você tem dois problemas. Um... — Ele aponta para o bar onde a cadela Sandra está olhando para mim com os olhos arregalados e se levantando do banquinho do bar. — E dois, estamos discutindo na igreja em dez minutos. — Eu

puxo Tanner para perto de mim e Pops levanta a sobrancelha. — Resolva essa merda, — diz ele antes de sair.

— Quem é aquela? — Tanner pergunta, olhando para mim.

— Problema, — eu resmungo. — Por que você não vai com Dagger e deixa sua mãe acomodada? — Afasto meu braço enquanto ela assente com ceticismo. Inferno, eu não a culpo nem um pouco.

— Rhys, baby, onde você esteve? Eu tenho tentado ligar para você. — Sandra entra no meu espaço e trava os lábios nos meus.

Eu a empurro com força, e ela cai de bunda na minha frente. — O que diabos te dá o direito de me beijar, sua puta? — A raiva arde em mim. Não vejo nada além de vermelho. Ninguém me toca, muito menos me beija, sem o meu consentimento.

— Eu só queria vir te ver. — Ela tenta ficar firme em seu salto alto.

— Grande erro de merda. — Viro-me para Tanner, cuja boca está aberta. — Sprite, vá para o seu quarto com sua mãe. — Ela não se mexe. — Sprite! — Eu grito. Ela pula, olhando para mim como se eu tivesse perdido a cabeça, e quase perco quando se trata da cadela na minha frente.

Tanner não diz nada, mas ela se afasta.

— Cruz, GT, — eu chamo, e os caras se aproximam. — Preciso de um lugar para trancar essa cadela até que eu possa lidar com ela. — A puta do caralho é uma mentirosa, e eu deveria ter lidado com a bunda dela há muito tempo.

— Quarto do pânico, — grita GT. Na verdade, não é chamado assim, mas isso assusta as pessoas que ouvem. É um quarto que podemos trancar do lado de fora sem janelas, então sabemos que a cadela não pode sair.

Depois de trancá-la e ouvi-la implorar, vamos para a igreja. — Sabe do que se trata essa merda? — Eu pergunto a Cruz.

— Foda-se, não. Pops acabou de chamar todo mundo. — Ele joga o telefone na mesa de sinuca com o meu.

— As meninas estão bem, — diz Dagger, entrando na sala. Não tenho dúvidas de que Tanner não está bem. Mais uma vez ela tem que conhecer os dois lados de mim, por isso não me arrependo de nada. Essa cadela Sandra tem mais do que um pequeno empurrão chegando até ela. Estou meio tentado a colocar a Princesa lá com ela por meia hora.

Ergo o queixo e sento-me na grande mesa retangular que está nesta sala há gerações. Todos estão aqui, incluindo Tug, Buzz e Breaker, os mais novos membros do Ravage MC.

Bang. O martelo bate, todos os olhos focados em Pops.

— O que fizemos para Blaze voltou para nos morder na bunda, — Pops diz.

Todos nós sabíamos que esse dia estava chegando. Blaze tinha esses dois idiotas, pai e filho, que costumavam estuprá-la repetidamente. Ela escapou e desapareceu aqui para Sumner, mas eles a encontraram e tentaram levá-la. Isso não aconteceu. Houve uma grande luta de fogo, e acabámos com esses idiotas, em vez disso. O problema é que esses dois filhos da puta corriam com um de nossos principais distribuidores pelos quais trabalhamos. Sem eles, não tenho dúvida de que estão perdendo dinheiro.

Os olhos de Tug podiam queimar madeira. Blaze é sua old lady, e ele faria qualquer coisa para protegê-la. — Sim, — diz ele, olhando para Pops.

— Acalme sua merda, — exige Pops, mas Tug não se move nem um centímetro. — Os idiotas realmente nos agradeceram. — Meus olhos disparam para Pops. Que porra é essa? — Sim, disse que Santos e Frank eram dois idiotas dos quais estavam prontos para se livrar.

— Então qual é o problema? — isso vem de Becs, vice-presidente de Ravage.

— Os caras que assumiram o controle querem ser compensados por quanto dinheiro eles perderam.

Eu fecho meus olhos. Porra, inferno.

— E quanto? — Dagger pergunta.

— Bem, esse é o problema. Nós pagamos a eles duzentos mil dólares, ou alguns de nós trabalham para ele por uma semana.

O que diabos está acontecendo aqui?

— Você quer dizer que eles querem que a gente suba lá para que eles possam nos matar? — Eu pergunto.

— Praticamente, — diz Pops.

— De jeito nenhum um de nós está indo lá em cima, — diz Dagger, acariciando sua barba. — Eles terão balas em nossas cabeças antes que seja hora de partirmos.

Balanço a cabeça. — De jeito nenhum, — eu concordo.

— Tudo bem, você quer me dizer como vamos conseguir tanto dinheiro? — Pops pergunta. — E quem sabe se dermos o dinheiro a eles, eles não pedirão mais nos próximos anos?

Verdade. Pops está certo. Não há nada que os impeça de voltar repetidamente com essa merda pairando sobre nossas cabeças.

— Por que simplesmente não vamos à fonte? Vá para Ralphie. Diga a ele como eles estão fodendo sua merda e trabalhe com ele. Deixe ele lidar com esses idiotas — Cruz joga.

Essa merda pode realmente funcionar.

— Precisamos descobrir se, o número deles ficou fodido, quando matamos o Santos e o Frank, ou eles mantiveram o negócio como de costume? — Eu digo a eles, olhando para Buzz.

— Estou quase no último dos códigos do computador. — Ele tem trabalhado incansavelmente para quebrar códigos e obter acesso a um computador que acreditamos nos dizer quem diabos está fodendo conosco esse tempo todo.

— Faça uma pausa e coloque isso em ordem. Vou ligar para Ralphie e marcar uma reunião. Todos nós iremos, mas tem que ser em breve, — diz Pops enquanto se levanta. — Todos de acordo?

Todas as mãos se levantam quando o martelo é batido. Buzz é o primeiro a sair à medida que os outros seguem.

— Qual é o veredicto com Ralphie? — Pergunto a GT, Tug, Dagger, Becs e Pops, os únicos que restam na sala.

— Jogar. Ele é um bastardo, então não importa o que aconteça, ele não vai facilitar as coisas. Assim que Buzz tiver informações, ligarei — responde Pops nos dispensando.

Esfrego o rosto com a mão. Porra, inferno. Saindo da igreja, vou para o quarto do pânico. Eu preciso cuidar de Sandra e calá-la de uma vez por todas, para que eu possa voltar para Tanner.

CAPÍTULO 14

TANNER

Deitei ao lado da minha mãe na cama, repetindo o que acabei de testemunhar na minha cabeça uma e outra vez. Se Rhys não pensasse duas vezes em pôr as mãos nessa mulher, ele faria isso comigo? Depois do que aconteceu com minha mãe, não posso lidar com um cara assim. Embora eu possa me sentir segura e protegida em seus braços, o fato de que essas mãos podem me machucar a qualquer momento é como uma faca no estômago. Ele me assustou desde o momento em que o conheci, com as tatuagens que revestiam seu corpo e o olhar que poderia matar algo com apenas um único olhar. Definitivamente, não é algo que eu queira na minha vida.

Que vida? Dagger e Rhys dizem que temos que ficar aqui, mas merda. Quanto tempo mais? Mamãe parece estar melhorando, então precisamos apenas cortar nossos laços e sair, ficar longe deste lugar. Me ouça. Soo como minha mãe. Fugir. Desde quando eu me tornei aquela mulher? Eu não sou assim. Eu sempre enfrentei as coisas de frente e descobri maneiras de fazer as coisas funcionarem.

Tenho certeza de que Rhys tem uma explicação. Certo?

Um leve toque chega à porta quando ela se abre. — Ei, posso entrar? — Princesa pergunta, carregando um menino.

— Certo. — Sento-me enquanto minha mãe se mexe.

— Quem é? — minha mãe pergunta.

— Este é Cooper. O meu menininho e de Cruz. — O rosto da Princesa se ilumina como um estádio de futebol ao falar sobre o menino. Ele é incrivelmente fofo e definitivamente se parece com Cruz.

— Oi, aí, — eu digo, de pé da cama.

— Oi. Eu sou Cooper — ele diz, se afastando da mãe.

— Eu sou Tanner, e esta é minha mãe, Mearna, — digo a ele, e minha mãe sorri.

— Mearna... — Ele coloca o dedo no queixo como se estivesse pensando em algo.

— Como *Brave*[8]! — ele grita e olha para a Princesa.

— Em *Brave* é Merida, mas é parecido. — Não tenho absolutamente nenhuma ideia do que eles estão falando. Quando a Princesa olha para mim, ela sorri. — É um filme da Disney. Ele assistiu cerca de um milhão de vezes.

— OK. — Eu não vejo um desses desde que era criança. Não poderia nem contar o último que vi.

— Posso irr? — Cooper diz, olhando para sua mãe.

— Sim. Papai está na igreja. Fique longe das portas — ela ordena. Cooper não perde mais um segundo, disparando pelo corredor. — Ele é terrível, mas eu não aceitaria isso de outra maneira.

— Garoto bonito.

---

[8] Brave significa corajosa, e ele faz referência a m filme da Disney ***Brave*** (*Brasil*: Valente /*Portugal:* Brave - Indomável) é um filme americano de 2012 dirigido por Mark Andrews e Brenda Chapman e produzido pela Pixar Animation Studios, a décima-terceira animação realizada pelo estúdio. Em 3-D, o filme conta com roteiro de Brenda Chapman, e é caracterizado por ser a primeira animação da Pixar protagonizada por uma mulher, Princesa Merida.

Ela entra no quarto e vem para a cama. — Então, como está se sentindo? — ela pergunta a minha mãe.

— Muito bem. Contanto que eu não me mova de certa maneira, estou bem.

— Então, praticamente quando você não se mexe? — Princesa ri.

— Não exatamente, mas algo assim.

— Vai demorar um pouco para curar. — Princesa olha para mim. — E você?

— Eu estou bem. — Eu quero falar com ela, mas realmente não quero fazer isso com minha mãe sentada bem aqui.

— Eu tenho algo que quero que você veja. Você vem comigo? — Princesa pergunta, e euforia me enche. Ela é uma leitora de mentes ou algo assim?

— Sim, eu já volto, mamãe. — Eu beijo a bochecha de minha mãe e sigo Princesa para fora da sala e pelo corredor. Ela abre uma porta e entramos.

— Este é meu quarto e de Cruz.

Eu aceno quando ela fecha a porta. A cama está perfeitamente arrumada, algo que não acontece no quarto de Dagger, a menos que eu a faça, mas minha mãe geralmente está deitada nela. Não posso reclamar. Pelo menos todos os lençóis e cobertores estão limpos.

— Sente-se.

Sento-me na cama, uma perna dobrada no joelho e a outra perna pendurada na cama.

Princesa parece tão feliz em sua própria pele. Ela apenas exala confiança, e eu admiro isso.

— O que está em sua mente? E não me diga nada, porque sei que algo está lá. — Ela se senta, uma imagem no espelho para mim com as mãos nas pernas, olhando para mim com expectativa.

— Rhys me assusta.

Ela ri, risos completos, sem restrições. — Garota, ele assusta a todos.

— Não, eu sei assim, mas ele me assusta. — Eu respiro fundo. — Fazer sexo com ele é como nenhum outro. Ele faz coisas comigo que eu nunca experimentei.

— Então ele te fode certo. Bom para ele. Qual é o problema?

Eu suspiro. — O problema é que não consigo distinguir entre meu coração e apenas sexo. Eu não sou o tipo de garota que faz isso. E então... — Eu paro.

— Então o quê? — ela pressiona.

— Eu o vi empurrar uma mulher na bunda dela na sala principal. Ele é violento com as mulheres? — Torço os dedos, não querendo a resposta, mas precisando.

— Você está falando sobre Sandra. — Ela balança a cabeça. — Eu queria sair e bater na bunda dela, mas Cruz não me deixou. — Eu a encaro com os olhos arregalados. — Essa cadela fodeu todo esse clube, e a única razão pela qual ninguém a tocou lá fora é porque ela é a merda de Rhys para limpar. Ele trouxe essa cadela para Ravage, e ele precisa tirá-la de cá.

— Tirá-la daqui? — Eu pergunto. Deus, eu pareço tão patética.

— Querida, eu sei que você é nova nessa merda, mas precisa ser uma aprendiz rápida, especialmente se você quer estar no braço de Rhys, e pelo olhar em seu rosto, você quer. Essa é outra questão para outra hora. Essa aqui - Sandra - ela fodeu com o

clube; portanto, ela tem de ser tratada. Na maioria das vezes, isso significa que ela desaparecerá e nunca mais será ouvida. — Princesa franze a testa e eu li nas entrelinhas. Puta merda, eles vão matá-la? — Agora, para estar neste clube, essa merda precisa sair de você.

— Mas... — Princesa levanta a mão e eu paro.

— É algo que é aprendido ao longo do tempo. A melhor coisa que você pode fazer é esquecer. Isso não existe. Você não faz parte disso.

Minha mente gira com tudo o que ela acabou de dizer. Eles matam pessoas. Foi isso que eles fizeram com Griff e com o oficial Miller? Eles apenas os fizeram desaparecer?

Uma mão chega ao meu braço e olho para a Princesa.

— Entendo que você está assustada. Esta não é a vida da qual você fazia parte antes. Esta é a nossa vida. É assim que ajustamos contas. Se alguém vem atrás de nós ou dos nossos, nós os tiramos do caminho.

Princesa passa a me contar várias histórias. Uma delas é a luta pelo filho Cooper, quando ele foi sequestrado por sua mãe biológica, o que me chocou. Terminou com vários mortos. Outra é a do antigo presidente do clube que foi morto a tiros e a retaliação que ocorreu. Depois, houve as coisas que aconteceram com Blaze que estão além do terrível. Contudo, o que mais me chama a atenção é que cada um desses homens tinha o apoio de todos os outros. Eles podem colocar o clube em primeiro lugar, mas nunca hesitaram em cuidar das mulheres e famílias.

— Eu não sei o que dizer. — Eu fico lá, sem palavras, tocando todas as novas informações na minha cabeça uma e outra vez.

— Você faz parte desta vida agora. Dagger é seu pai, e nós temos inimigos. Não se surpreenda se você tiver algum tipo de proteção.

— O quê? — Eu respiro.

— Parece sempre haver merda caindo ou subindo. A proteção acontece e, como você não conhece este mundo, tenho certeza que Dagger será mais cauteloso com você e sua mãe. — Ela levanta as sobrancelhas. — O que está acontecendo lá?

Eu dou de ombros. — Nenhuma pista. Já tenho o suficiente. — Não tenho certeza de como me sinto com Dagger se aproximando de minha mãe novamente. Não sei onde isso nos deixaria a longo prazo. — Vamos sair assim que ficarmos bem e mamãe estiver melhor.

— Você realmente vai para casa?

— Claro, por que não?

Ela me olha e me sinto um pouco assustada com a inspeção. — Porque vocês são alvos fáceis.

— Nós vamos ter que voltar para o funeral. — Isto me lembra. — Eu nem sei quando é isso, mas certamente minha mãe precisaria ir. — Faço uma anotação mental para fazer uma pesquisa no Google.

— Você precisa conversar com Dagger sobre o que você escolher fazer. — Ela me olha com ceticismo.

— O quê?

— Por que você quer ir embora? Algum cara em casa ou algo assim?

Minha boca fica boquiaberta. — Não. Eu não estaria com Rhys se estivesse com alguém. — Princesa ri. — A sério. Sou cabeleireira e preciso voltar a trabalhar por dinheiro. Não estou sofrendo, mas ficar muito tempo fora não vai me fazer nenhum bem.

— Realmente? — Eu concordo.

— Eu poderia te usar no clube, — diz ela.

— Que clube?

— X. É um clube de strip. Tem que ter alguém para manter as garotas com boa aparência. Quanto melhor elas parecerem, mais dinheiro ganharemos.

— Você possui um clube de strip?

— O clube tem, mas é meu bebê. Eu construí a partir do zero. Blaze me ajuda a administrar o lugar. Levarei você para lá em breve, para que você possa ver por si mesma.

Não sei se fico lisonjeada ou corro para o outro lado. — Obrigada? — Sai como mais uma pergunta do que um comentário.

— Você com certeza é inocente. Não é de admirar que Rhys fique atraído por você.

— Eu disse-lhe o que você disse sobre ele ter outra pessoa em sua cama. Eu disse que não faço isso. Sou apenas eu ou não.

— Merda, — Princesa resmunga. — Ah bem. Bom para você. Espero por você que funcione dessa maneira.

Estou um pouco confusa, mas ligada. — Você acha que ele pode fazer isso?

— Ela encolhe os ombros. — Não faço ideia.

Bang, bang, bang vem do lado de fora da porta, e meus olhos disparam para lá.

— Princesa, abra essa porra. Eu preciso de Tanner.

Rhys. Não sei se estou nervosa ou excitada. Ele me deixa confusa.

— Entre, — Princesa grita, e a porta se abre, batendo contra a parede. — Porra, tenha cuidado. Cruz odeia ter que substituir portas.

— Você tem sorte que tudo o que estou fazendo é explodir sua porta, — ele rosna, e com o arrepio nas minhas costas, não sei se estou animada ou com medo.

— Eu sei. Eu sei. Tanner já me disse. Pelo menos está fora do saco, e vocês dois sabem no que estão se metendo. — Princesa diz enquanto ele entra no quarto.

Ele aponta para a Princesa. — Vou fazer com que Cruz lide com você. — Aqueles olhos encontram os meus quando ele me puxa da cama pela minha mão. — Vamos lá, — é tudo o que ele diz quando eu aceno tchau para Princesa, e ela sufoca uma risadinha.

Ele me puxa pelo corredor. — Rhys, onde você está me levando?

Dois segundos depois, estamos no quarto dele, e ele me coloca contra a porta, com os lábios nos meus, me devorando. Eu derreto nele. Merda, ele sabe beijar. O que eu deveria estar pensando? Esqueci.

A dureza da porta atrás de mim faz com que isso pareça erótico e diferente. Eu nunca tive um homem que precisasse tanto de mim que ele faz sexo comigo contra uma porta porque não pode esperar. Esta é a segunda vez que ele me surpreende ao fazer essas coisas.

De quatro, ele me leva duro e áspero. Eu amo cada segundo disso. Tanto assim que eu desmaio.

***

— Puta merda, — eu sussurro, entrando no Studio X, o clube de strip que Princesa administra. Ela insistiu que eu fosse com ela hoje à noite, já que os caras tinham negócios no clube e pediu a Ma e Cooper para ficarem com minha mãe. Não fiquei surpresa com a ideia, porque a verdade é que a Princesa é meio assustadora e fico feliz por estar do lado dela.

O lugar inteiro é vermelho e preto. Dá quase uma sensação de classe, se isso for possível para um clube de strip. Homens se alinham no chão ao redor do palco. Uma mulher com apenas uma calcinha e um pequeno pedaço de tecido sobre os seios trabalha no enorme palco, enquanto outras mulheres trabalham nos pequenos palcos laterais de ambos os lados. Eles alinham toda a parede traseira do lugar. Um bar enorme com toneladas de pessoas fazendo fila para receber pedidos está do outro lado. Pequenas mesas e cadeiras preenchem o espaço, e as luzes piscam para todos os lados com um holofote sobre a dançarina no grande palco.

— Bem-vinda ao meu bebê, — diz Princesa, me puxando para fora da minha diversão. — Este é o X. — O sorriso no rosto de Princesa é enorme, mostrando-me seu orgulho no lugar, e eu posso entender o porquê. Homens seguram dinheiro como se fossem pedaços de papel que encontraram no chão. Alguns até jogam na dançarina enquanto ela se aproxima deles.

Entre os apitos e a música, meus ouvidos estão batendo forte. — Vamos. Vamos ver se Blaze está lá atrás. — Ela caminha na direção das traseiras do espaço enquanto sigo rapidamente através de uma pesada cortina de veludo, onde um cara acena para Princesa e me olha de cima a baixo, avaliando.

— Você é nova aqui? — ele pergunta com uma voz profunda, e meus olhos se arregalam.

Ele acha que eu vou me despir aqui? De jeito nenhum. Eu nunca teria coragem de chegar lá na frente de todos aqueles homens e me expor. Entre minha bunda e peitos, não tenho certeza se eu me encaixaria no perfil.

— Não, — eu digo, fazendo seu sorriso vacilar.

— Vergonha. Com uma bunda assim, eu adoraria te levar numa carona.

— Doug, esta é a mulher de Rhys.

O corpo inteiro do homem se enrijece e sua boca se abre e fecha, mas nenhum som sai.

— Você quer que eu diga a ele que está dando me cima da mulher dele? — A cabeça dele balança enfaticamente. — Então faça o seu trabalho e mantenha suas malditas mãos para si mesmo. — Princesa rosna exatamente como os caras fazem quando estão chateados. Acho que crescer lá a transformou em um dos caras.

Penso por um momento na minha vida se eu tivesse crescido aqui. Eu seria como a Princesa? Toda foda e assustadora? Dagger teria me ensinado sobre o clube e o que tudo significa? Minha mãe e eu seriamos felizes?

Afasto esses pensamentos e sigo Princesa até às traseiras bem iluminadas, dando a Doug um pequeno sorriso de desculpas. O pobre rapaz não precisava de suas bolas na tipóia.

Meninas em vários estágios de roupa flutuam pela sala em um turbilhão de comoção. Algumas estão em mesas de maquiagem iluminadas, tratando do rosto e penteando os cabelos, enquanto outras estão vestindo, tirando e ajustando o pouco de roupa que vestem. Isso me lembra muito as putas do clube sobre as quais estou aprendendo.

Os sons farfalhantes da área traseira abafam a música barulhenta da pista de dança.

A bela morena que agora eu sei como se chama está sentada no chão com uma agulha e linha, a costurar tecido rasgado em uma das meninas, conforme caminhamos até ela. Seus olhos se erguem brevemente, a agulha com um longo pedaço de fio pendurado em seus lábios. Ela a aperta, puxa para fora e começa a costurar o short da mulher.

— O que está acontecendo, senhoras? — ela pergunta, sua atenção em sua tarefa.

— Mostrando Tanner por aí. Você sabe que ela faz cabelo?

Blaze para e agora olha diretamente para mim. — Não brinca?

— Não brinca, — eu digo de volta com um sorriso.

Blaze volta a costurar enquanto fala. — Nós poderíamos usar você por aqui. Algumas dessas mulheres precisam de uma ajuda séria com suas maquiagens e cabelos.

— Ei, — uma das meninas grita, mas ela é silenciada pelo olhar intenso da Princesa. Presumo que ela conduza este barco com pulso forte, e não apenas isso, mas sinto que as mulheres aqui realmente a respeitam.

— Eu ficaria feliz em ajudar enquanto estiver aqui, mas não sei quanto tempo isso levará. Mamãe deve receber uma ligação amanhã para nos avisar quando será o funeral, então suponho que, depois de irmos para lá, ficaremos no Tennessee, — eu digo, ainda olhando para todo o movimento na sala. Na verdade, é muito intrigante ver como as coisas funcionam nos bastidores. Eu nunca tive a oportunidade de fazer isso antes.

Blaze ergue os olhos do short para Princesa, que dá um sorriso suave. — Você realmente acha que está indo para casa? — ela pergunta, amarrando um nó no fio e cortando-o com uma tesoura.

— Obrigada, Blaze, — a mulher diz enquanto tira o short antes de sair rapidamente para a mesa de maquiagem.

— Sim, eu tenho que ir para casa. Tenho um emprego e tenho certeza que minha mãe quer voltar. — Depois de dizer as palavras, minha mente dispara. Minha mãe iria querer voltar para casa? Não há realmente nada mantendo-a lá agora. Ela não tem uma casa e apenas alguns amigos.

Faço uma anotação mental para falar com ela sobre isso quando voltar para o clube. O assustador é que não sei se quero voltar. Balanço a cabeça.

— E Rhys? — Blaze pergunta, jogando o fio em uma cesta e se levantando graciosamente.

E Rhys? Não é essa a pergunta de um milhão de dólares?

— E ele? Nós dois sabemos que isso é uma aventura. Ele sabe que estou indo embora e tenho certeza de que está feliz com isso. Eu sei que ele não é do tipo que fica, mas ele me prometeu que seria apenas eu enquanto eu estivesse aqui — digo a elas enquanto me conduzem a uma sala e fecham a porta. Está montada com o mesmo espelho de maquiagem do lado de fora, com um sofá grande no qual sou puxada e levada a sentar.

— Espera. Você contou que disse a ele que não queria que ele andasse dormindo por aí, mas você nunca disse que ele disse que iria tentar. Ele concordou seriamente com isso? — Princesa pergunta. Pelo seu tom, ela está realmente surpresa com essa pequena revelação. Para ser sincera, eu também. Só espero que ele esteja falando sério.

— Sim. Você acha que ele pode fazer isso? — Não quero saber a resposta, mas, ao mesmo tempo, sei. Eu não sei muito sobre o homem, apenas o que Princesa me disse. Mas é ele. Sua presença é tão exagerada e poderosa. Tenho certeza que ele poderia ter alguém que ele quisesse, e essas putas estão morrendo de vontade de colocar as mãos nele.

Enquanto as duas mulheres se entreolham, eu gostaria de conhecê-las o suficiente para saber o que isso significa. No entanto, receio que não seja bom. É apenas por alguns dias. Certamente eu posso mantê-lo satisfeito o suficiente para que ele não precise procurar por mais ninguém.

Antes de ele sair hoje, fodemos duas vezes. Eu tenho que ser sincera sobre ele, no entanto; mesmo sendo mais velho, ele com certeza tem muita resistência.

— Eu não sei, mas será interessante descobrir, — diz Princesa, recostando-se no sofá. — Veja, Rhys não se abre muito. Desde que o conheço, nunca conversamos e

nunca soube nada sobre sua família biológica, exceto que ele não tem nenhum contato com eles. — Ela encolhe os ombros. — Rhys é Rhys. — Em outras palavras, se ele quiser outra pessoa, ele fará isso sem questionar. Se ele o fizer, terminaremos. Eu não sou esse tipo de mulher. Claro, há dessas lá fora, ele só terá que procurar, porque eu não sou.

— Tanto faz. Tenho certeza de que partiremos daqui a pouco e não precisarei me preocupar com nada disso — digo a elas, sentindo uma pontada de pavor no meu estômago, mas afasto.

— Bem, temos merda para fazer. Você quer ficar aqui com as garotas, ou você quer sair pela sala? — Princesa pergunta.

— Acho que vou ver se alguma delas precisa de ajuda com o cabelo. Isso me dará algo para fazer. — E parar com todos os pensamentos de deixar Rhys atormentando meus pensamentos.

— Parece bom. Volto aqui de novo — Blaze diz, levantando-se. — Preciso verificar alguns números e já volto. — Eu não tenho ideia do que ela está falando, números? Seja o que for.

Depois que elas decolam, acho as meninas muito acolhedoras, pois me ofereço para arrumar os cabelos. Blaze não estava brincando sobre essas mulheres precisarem de ajuda. Algumas delas têm cabelos tão arrepiados que estou surpresa que consigam passar um pente nele.

Depois de algumas horas de cabelo, sinto-me leve e de volta ao meu jogo. Faz apenas alguns dias, mas sinto falta de fazê-lo. Tem sido uma paixão minha desde que era criança. Sinto-me calma e mais centrada agora.

Princesa e Blaze não voltaram de onde quer que fossem. Abro a cortina pesada que bloqueia as traseiras da frente. Doug sorri para mim e não diz nada. Ele deve estar realmente com medo de Rhys. Não posso dizer que o culpo.

Há duas vezes, talvez três, a quantidade de pessoas agora esmagando a sala. No sexto pedido de desculpas, desisto e começo a correr pela multidão, esperando chegar ao bar. Pelo menos eu posso tomar uma bebida enquanto as procuro. Acho que meu jeans, camisa azul clara e cabelo enfraquecido dirão a todos os caras que eu não sou dançarina aqui. Existem poucas mulheres, mas os homens são a maioria.

Um braço vem em volta da minha cintura, me puxando para uma barriga dura e gorducha. Minhas mãos imediatamente caem sobre a que está apertada ao meu redor.

— Olhe o que temos aqui. — O hálito com álcool do homem vem para o lado do meu rosto, e eu quero vomitar.

— Deixe-me ir, — digo a ele, saindo de seu alcance. Infelizmente, ele é forte, lembrando-me de James. O calor flui através de mim com esse pensamento, conforme mais dois homens pisam na frente e ao meu lado. Oh infernos, não.

Recostando-me com o cotovelo, dou-lhe um impulso selvagem em seu estômago, ao mesmo tempo em que bato com força em seu pé, agradecendo a Deus estar usando botas. Seu aperto afrouxa, e eu me movo, mas não chego longe antes que um dos caras me agarre e o outro me dê um tapa forte no rosto. A queimadura do golpe irradia pelo meu rosto e pelo meu pescoço.

Puxo o queixo no peito e bato com a cabeça para trás com força no cara que me segura. Pela umidade no meu pescoço, eu sei que pelo menos fiz seu nariz sangrar.

Seu braço me deixa quando ele começa a me chamar de puta estúpida e dizendo: — Eu vou te pegar, prostituta. — O cara que me deu um tapa agarra meu cabelo e o puxa com força, cada fio se esforçando para ficar dentro do meu couro cabeludo. Ele começa a me arrastar, mas eu me recuso a deixar meus pés se moverem. Onde diabos está a segurança neste lugar?

Meu cabelo está abruptamente solto e caio no chão pela força de tentar tirá-lo do alcance do homem. Minhas respirações saem rápido quando eu me levanto, avaliando o meu entorno. Rhys está na minha frente, com os olhos cheios de fúria.

Meu coração dispara. Tenho que admitir, ele está me assustando com esse olhar.

— Você está bem? — Seu tom é zangado e feroz.

Em vez de palavras, aceno com a cabeça quando a Princesa sai correndo da multidão, ficando ao meu lado.

Rhys se vira atrás dele, onde Dagger, Cruz, GT e os outros irmãos estão segurando os caras com os braços atrás das costas, enquanto eles tentam fugir.

— Princesa, — diz Rhys, olhando-a.

— Entendi. — Ela puxa meu braço. — Vamos. Vamos levá-la ao escritório. Blaze, certifique-se de que tudo esteja bem — ela grita enquanto subimos uma escada curva que tem uma ampla vista do andar de baixo. Meus olhos imediatamente encontram Rhys, que está dando socos e mais socos nos caras que tentaram me machucar. Meus olhos se enchem de lágrimas não derramadas, as ações dos homens correndo pela minha cabeça.

A Princesa me puxa para um escritório imaculado no mesmo preto e vermelho sangue que lá embaixo. Ela me leva a uma cadeira e me faz sentar. Eu não me mexo, muito atordoada, quando ela volta e coloca algo frio na minha mão. Olho para o gelo azul brilhante e lembro do fogo na minha bochecha. Coloco no lado do meu rosto com uma careta.

— Que porra aconteceu lá fora? — A Princesa pergunta, sentada na beira de uma mesa enorme, com os olhos fixos em mim.

— Eu estava saindo para encontrar você e Blaze... — Eu digo a ela tudo rapidamente, sem respirar enquanto explico.

— Porra. Eu vou matar esses filhos da puta — ela rosna.

— Os caras?

Ela sorri. — Foda-se, não. Os meninos estão lidando com esses idiotas. Eu estou falando sobre minha segurança. Essa merda não deveria acontecer aqui, e eles sabem muito bem disso. — Ela pega o telefone e digita alguma coisa e depois o coloca na orelha.

— O que eles vão fazer com eles? — Eu pergunto. Minha cabeça e mandíbula doíam, mas já tive piores e não vou deixar que isso chegue até mim.

— Ensinar-lhes uma lição, banir do clube. — Ela encolhe os ombros. — Quem sabe o que mais? — Assim como eles fizeram com Griff. Um arrepio me sacode. — É minha culpa. Eu deveria ter dito para você ficar lá atrás ou me ligar se você quisesse sair. —Princesa se move para a cadeira atrás de sua mesa e se senta.

— Você não poderia saber, — digo a ela, porque não há como ela se culpar pelas ações de alguns idiotas. — Tenho certeza que tudo vai dar certo, certo? — Não sei se estou tentando tranquilizá-la nesse momento.

— Vou ter que acabar com essa segurança novamente. Filhos da puta. — Ela pega o telefone, fala e depois bate com ele no suporte. — Blaze está chegando.

Eu concordo. — Por quê 'de novo'? — Não posso deixar de perguntar.

— Quando Blaze dançou, ela fez um idiota pular no palco e atacá-la. Tug cuidou do cara, e eu aumentei a segurança, ou assim pensei. — Eu não processo a maior parte do que ela diz. Estou presa na parte de dança de Blaze. Ela é linda, e aposto que ela trouxe para casa uma quantia séria de dinheiro. Não pergunto, mesmo que esteja na ponta da minha língua.

A porta se abriu atrás de mim e eu pulei de pé, deixando cair a bolsa de gelo no chão. Rhys está parado na porta, arfando com o sangue pingando de suas mãos.

Aperto minhas mãos e as coloco contra meu peito, sabendo que seu humor é tudo menos alegre.

— Venha aqui, — ele ordena, a ascensão e queda de seu peito largo e narinas dilatadas me assustando. Ele está tão chateado agora que não tenho certeza se devo ir até ele, então hesito. — Sprite, — ele diz laconicamente.

Não consigo impedir que meus pés se movam em direção a ele, meu corpo tremendo o tempo todo. Não que eu acredite que ele me machucaria; é apenas a primeira reação. Depois de James e depois do que aconteceu, não consigo parar o medo.

Sua mão segura meu queixo, virando-o para que ele possa ver onde o idiota me deu um soco. Não tenho dúvida de que está vermelho.

— Deve misturar-se bem com todos os outros hematomas. — Eu queria que meu tom fosse provocador, mas é mais plano, e Rhys ouve.

— O filho da puta não vai tocar em você de novo. — Ele me puxa bruscamente em seus braços, e envolvo o meu em suas costas, mal conseguindo encontrar meus dedos.

Os nervos que estavam disparando incontrolavelmente começam a se acalmar com seu toque enquanto eu me enterro nele, meu rosto em seu pescoço. Aproveito todo conforto que posso dele e deixo sua força me acalmar.

Sua mão se move para o meu cabelo, deixando fogo na minha pele enquanto ele passa os dedos pelas minhas madeixas. Estremeço com o toque.

— O fodido puxou com força? — ele pergunta, já sabendo a resposta.

— Sim. Eu não ficaria surpresa se deixasse alguns no chão lá fora. — Minhas palavras saem abafadas em seu pescoço, mas ainda não estou pronta para me mover. Eu quero ficar aqui no seu calor.

Ignoro todos os sinos de aviso tocando dentro de mim, dizendo que isso é uma má ideia. Eu não deveria me sentir assim com esse homem. No entanto, deixo tudo de lado e mergulho no momento com ele.

— Eu vou matar aquele filho da puta. — Essas palavras me fazem mover rapidamente.

Olho nos olhos de Rhys que estão cheios de tanta raiva nublada que não tenho certeza se poderia ajudá-lo neste momento. — Você não pode matá-lo. Você irá para

prisão — sussurro, movendo minha mão para o rosto dele e depois me parando. Ele não gosta de ser tocado lá, eu lembro. Coloco meu braço em volta da cintura dele.

Princesa ri do outro lado da sala, mas não diz nada. — Você me deixa preocupar com aqueles idiotas. Eu juro, eles nunca mais chegarão perto de você.

Enterro minha cabeça e inspiro profundamente. Rhys cheira a vento, ao ar livre, e pecado. Eu não me canso disso.

Ele puxa minha cabeça para fora da curva do pescoço e me beija com força. Eu não resisto a cair no beijo faminto e curtir cada segundo dele. Quando ele se afasta, eu lamento. Quero o conforto dele. Eu o quero a ele.

— Sprite, fique com a Princesa um pouco. Volto daqui a pouco e você estará na traseira da minha motocicleta. — Ele me beija de novo, me libera e, como fumaça, desaparece rapidamente.

— Bem, porra do inferno, — diz Princesa.

Eu olho para a porta, desejando que ele volte e me abrace, mas ele não o faz. Em vez disso, pego a bolsa de gelo e a coloco no meu rosto.

Olho para os olhos dançantes da Princesa. — O quê? — Caio na cadeira, minhas pernas esticadas e a cabeça apoiada na almofada. Minha cabeça está tão pesada.

— Irmã, Rhys não coloca mulheres na parte de trás da motocicleta. Nunca. — Nada disso significa alguma coisa para mim, então eu a encaro. Ela balança a cabeça, se aproximando de mim. Depois para, seus olhos apertando os olhos em pensamento. — Lembra que eu falei sobre motociclista com força?

Como diabos eu poderia esquecer? Isso me assustou muito. — Sim.

— Parte do código do motociclista é apenas permitir na traseira da motocicleta, mulheres que eles escolhem. Rhys não permite nenhuma mulher na traseira de sua motocicleta. Em todos os anos em que o conheci, nunca o vi pegar uma.

Meus olhos se estreitam. — E isso é um grande negócio?

Princesa ri. — Tanner, você está pronta para ser a old lady de Rhys?

Eu paro, meu corpo nem mesmo respirando. Princesa perdeu a cabeça. — Estou aqui apenas um pouco mais. Eu tenho certeza que o funeral é em um par de dias, e teremos que voltar.

— O que você disser, mas não diga que eu não avisei.

CAPÍTULO 15

RHYS

Filho da puta idiota. Agarro o cabelo do homem suplicante e puxo o mais forte que posso, querendo que ele sinta a dor que causou a Tanner.

Seus gritos não fazem nada para parar a tempestade dentro de mim. Eu quero a carne dele. Quero que ele fique uma bagunça trêmula. Eu o quero morto.

Puxo o filho da puta com força novamente quando Dagger começa seu ataque nas costelas e no estômago do idiota. Nada como ter toda a ira de mim e de Dagger sobre você. Eu não ligo pra caralho. Cruz e GT estão cuidando dos amigos desse idiota, deixando-o para nós.

— Nunca toque na minha filha! — Dagger desencadeia golpe após golpe, o homem ficando mole nos meus braços.

Seu cabelo começa a rasgar em minhas mãos quando seu peso cai no chão. Esfrego o cabelo entre os dedos e o jogo no chão, dando-lhe três pontapés duros nas costelas.

— Chega, — Pops chama do lado de fora. Porra, nem o ouvi subir.

Paro o pé no meio do chute e coloco o pé no chão com a cobertura preta. Não há nada como bater em um cara no estacionamento.

— Obtenha as identificações dos filhos da puta e deixe-os.

— Apenas deixe-me acabar com ele, — diz Dagger a Pops.

— Você não acha que ele sabe que estragou tudo? Olhe para ele. Tem calças e mocassins. Ele aprendeu sua lição. — Eu odeio quando ele está certo, mas as chances desse idiota voltar são pequenas ou inexistentes.

Dagger chuta o idiota na cara, sua cabeça estalando para trás com força. Nenhum som vem dele; ele está frio.

Bem. Pego sua carteira, pegando todo o dinheiro, que é muito bom, e pego a identificação. Vou mandar Buzz rastrear o filho da puta e garantir que ele não chegue perto de Ravage ou Tanner novamente.

Cruz e GT me entregam o dinheiro que puxaram com as identificações.

— Por que diabos você está dando essa merda para ele? Ela é minha filha. — Os olhos de Dagger se estreitam. Ele está ansioso por uma briga. Ele não teve o suficiente de suas frustrações com esses idiotas e ainda o tem reprimido. Conheço Dagger desde sempre e sei exatamente o que ele precisa.

Enfio as notas e o plástico no bolso traseiro da calça jeans e fico de pé, cruzando os braços sobre o peito.

— Porque Tanner é minha, — digo antes mesmo de pensar no que estou dizendo. Não era o que eu pretendia falar, mas está lá fora.

— Sua? — Dagger zomba. — Por quanto tempo, porra? Um dia dois? Foda-se — ele late de volta. Para ser sincero, suas palavras não me incomodam. De qualquer forma, é o mais verdadeiro que ele disse, mas sob o véu escuro da noite, com o sangue de Dagger bombeando, eu o incentivo.

— Até eu terminar com ela. — Isso é uma coisa idiota de se dizer quando, na verdade, eu não tenho certeza se vou conseguir o suficiente dela.

— Seu idiota. — Dagger vem até mim com força total, e eu deixo que ele dê alguns socos antes de lutar. Ele e eu vamos cara a cara, o estalo de carne contra osso ecoando no escuro. Claro, ele bate forte, e eu vou ter algumas contusões graves, mas eu bato nele com a mesma força, deixando as mesmas marcas. Isso é bom, luta antiquada: sem armas ou implementos, apenas nossas mãos e punhos. Eu amo isso, porra.

— Fique longe da minha filha, — ele rosna, me dando um soco. Eu o pago com o mesmo. — Não.

— Você a machuca, e eu vou te arrebentar, — ele rosna para mim e eu sorrio. Ver Dagger ficar todo pai é seriamente diferente, mas eu sei que tudo que sai da sua boca vem de sua frustração reprimida.

— Não esperaria nada menos.

Nossos golpes continuam a acontecer. Eu posso ver o momento em que Dagger liberou a raiva, e recuo.

— Oh meu Deus! — A voz de Tanner tem meus olhos se voltando para a porta. Seu rosto está arregalado de choque quando lágrimas brotam em seus lindos olhos. — O que você está fazendo?

Princesa segue atrás dela com as mãos no ar. — Ela é teimosa como uma merda. Poderia tê-la subjugado, mas qual é o ponto, porra? — ela diz em sua defesa.

Tanner corre e fica entre Dagger e eu. — Não faça isso. Por que você está fazendo isso?

Dagger se acalmou completamente, o fogo em seus olhos morrendo até uma brasa. — Tanner, relaxe, — ele diz a ela.

Os olhos dela esfriam. — Relaxar? Você quer que eu relaxe? Meu pai e... — Ela olha para mim, as rodas girando em sua cabeça enquanto tenta explicar nosso relacionamento.

Foda-se. Eu faço isso por ela. — Homem.

Ela balança a cabeça. — O que quer que sejam, estão batendo um no outro em um estacionamento. O que está acontecendo?

Eu ando atrás dela e passo meus braços em volta de sua cintura, puxando-a para o lado com meu corpo enquanto Dagger dá um passo à frente, um pequeno sorriso brincando em seu rosto sangrento. — Está bom, Tanner. Rhys estava apenas me ajudando a espairecer.

O corpo de Tanner aperta nos meus braços, e eu aperto mais forte. — Machucando um ao outro? — Ela balança a cabeça.

A mão de Dagger chega ao rosto de Tanner, e ela para de se mover quando ele olha para ela. — Eu sei que você não entende, e sem problema, mas está tudo bem. — Dagger olha para mim, levantando o queixo. — Obrigado, irmão, eu precisava disso.

Eu apenas levanto meu queixo em reconhecimento.

— Eu não entendo nada, — diz Tanner, colocando seu peso em mim, e eu aceito.

Eu me inclino para a orelha dela. — Sprite, está tudo bem.

Sua cabeça vira para a minha e ela engasga. — Oh, Deus, você está sangrando. — Ela tenta sair dos meus braços, mas eu não permito que ela se mova.

— Está tudo bem.

— Mas... — ela cuspe. Então eu posso senti-la endireitar. — Entre para que eu possa limpar você. — Ela pega minha mão e me puxa de volta para o prédio. Eu permito porque ela precisa descansar, e eu realmente preciso me limpar antes de voltarmos para o clube. Se os policiais me impedirem com este aspeto, serei puxado para fazer perguntas.

X ainda está bombando, as dançarinas no palco fazendo seu trabalho. Por menor que Tanner seja, ela com certeza faz um caminho rápido, me levando de volta ao camarim. Eu levanto meu queixo para Doug, o guarda na cortina, que não diz nada quando passamos.

— Oh, meu Deus, Rhys! — Uma das dançarinas morenas corre para mim, colocando a mão no meu braço. Tanner não diz nada, mas o aperto na bochecha me diz tudo o que preciso saber. Eu afasto a cadela e vou para o banheiro.

Tanner segue e olha embaixo dos armários enquanto eu tranco a porta. Ela não diz nada sobre o confronto, mas posso dizer que ela quer.

— Sim, eu peguei ela. Eu fodi a maioria das mulheres aqui. Elas são fáceis. — Não tenho problemas com o meu passado. Por que eu deveria? Eu sou quem eu sou.

— Tanto faz. Senta. — Ela aponta para o balcão e eu arqueei minha sobrancelha. É engraçado como ela pensa que vai me dizer o que fazer, mas eu a apaziguo e sento. Porra, essa mulher me dá um nó.

Ela pega toalhas de papel, molhando-as e depois começa a tirar o sangue do meu rosto. Eu a observo atentamente, observando cada movimento enquanto ela trabalha sem palavras.

A vermelhidão na bochecha está começando a machucar. Será desagradável de manhã, mas infelizmente eu a vi com coisas piores.

Suas sobrancelhas se estreitam quando ela pega cada corte e cicatriz no meu rosto e pescoço. Minhas tatuagens escondem a maioria das cicatrizes, mas quando alguém está perto, elas não são difíceis de perceber. Cada uma dessas cicatrizes me fez o homem que sou hoje e não me incomoda nem um pouco.

— Lave suas mãos, — ela ordena, afastando-se de mim e jogando o maço de toalhas no lixo.

Eu pulo da pia e lavo-as. Elas queimam, mas não importa. Eu as seco com a toalha de papel que ela está segurando, e posso dizer que as engrenagens em sua cabeça estão se movendo tão rápido que eu juro que a fumaça sairá de seus ouvidos a qualquer momento.

— Eu entendo, — diz ela calmamente.

Jogo a toalha para longe e encosto meu quadril na pia, dando-lhe tempo para resolver o que quer que esteja em sua cabeça.

— Ele estava chateado. A julgar pelos caras deitados no chão, isso não o ajudou, assim como você. — Seus olhos esmeralda encontram os meus, brilhando. — Você o ajudou. — Eu dou de ombros. — Não faça isso, — ela ordena e entra no meu espaço. Eu descruzo meus braços e coloco minhas mãos em seus quadris deliciosos. — Você lutou com ele para deixar isso sair. É estranho, mas eu entendo.

Eu a puxo para meus braços, seu rosto descansando no meu pescoço, seus braços em volta da minha cintura. Estou aprendendo rápido que esta é uma das minhas posições favoritas para ela.

— Está bom, Sprite. Ele precisava tirá-lo.

— E você acabou de deixá-lo... — Sua voz diminui com um leve tremor. Aperto-a com força e sinto a umidade de suas lágrimas atingir minha camisa. Foda-se.

— Sprite, está tudo bem.

Ela balança a cabeça, seu cabelo balançando para frente e para trás enquanto deslizo minha mão para cima e para baixo nas costas dela. Chorar com mulheres não é realmente coisa minha, mas com Tanner, meu corpo sabe o que fazer.

Deixei que ela tivesse tempo, revelando tudo o que aconteceu durante a noite. Uma vez que seu corpo está mole contra o meu e eu estou segurando todo o seu peso, eu me afasto e olho em seus olhos vermelhos . Ela funga.

— Sprite, vamos voltar. — Ela assente.

Meu corpo precisa descansar. Eu não sou tão jovem como costumava ser. Eu posso levar qualquer coisa entregue a mim, mas eu seria um mentiroso se dissesse que meu corpo não dói com os golpes.

CAPÍTULO 16

MEARNA

— Você está chateada? — Ma me pergunta, fazendo tudo dentro de mim se torcer.

Essa é uma pergunta carregada, se eu já ouvi uma. Deixar Cameron foi a coisa mais difícil que já fiz na minha vida, ao lado de criar Tanner sozinha.

— Eu sempre me perguntei como seria minha vida se eu tivesse ficado. — Se eu tivesse nos dado uma chance... se eu tivesse estado com ele durante toda a gravidez... se... se... se. A vida é cheia de coisas, mas estou optando por seguir em frente a partir daqui. — Mas não posso mudar nada disso. É o que é. Não posso mais olhar para trás. Deus sabe, eu tenho feito muito isso nos meus sonhos desde que chegamos aqui.

— Não, você não pode olhar para trás, mas o que vai fazer daqui para frente? — ela pergunta.

Eu dou de ombros. — Não tenho ideia, — digo a ela honestamente.

O jeito que Cameron me beijou naquela casa me pegou, e eu estava perdida nele. Todos os sentimentos que eu tinha por ele voltaram à vida, mas eu mentiria para mim mesma se dissesse que me encaixo na vida dele agora.

— Você sempre pode voltar aqui. — Ela olha timidamente. — Eu sei que éramos apenas conhecidas naquela época, mas me lembro da maneira como Dagger olhava para você. Era como se mais ninguém na sala importasse. Ainda é assim.

Faço uma pausa nessa última parte. Eu estou tão fora disso que agora estou me orientando e capaz de funcionar. Certamente, estou dolorida, mas não é nada perto da dor que eu tinha antes.

— As coisas com Cam… — eu paro — …Dagger é tão complicado. — Desvio o olhar, não permitindo que a dor no meu rosto apareça. — E ele tem uma mulher. — Quem ele me disse que ia deixar.

Ma ri. — Flash? — Eu não respondo. — Eles têm esse tipo de relacionamento fodido há anos. Você precisa conversar com ele sobre isso. —Ela faz uma pausa. — Ou seja, se você quiser ficar.

Ficar aqui? O único lugar que eu estava tão feliz e ainda tinha tanta dor?

— Ele não precisa de mim aqui. — Não precisa. Ele tem uma vida. — Além disso, eu tenho certeza que Tanner quer ir para casa, e eu vou com ela. — Deixo toda a confiança que tenho através das minhas palavras.

— Entendo que queira estar onde está sua filha, Mearna, mas e se ela quiser ficar aqui também?

Eu pensei nisso. O jeito que ela é com Rhys é como nada que eu já tenha visto. Conheci todos os caras com quem ela namorou, e nenhum deles tinha nada que Rhys tem. Para ser honesta, ele me assusta, mas quando eu realmente o assisto com Tanner, é como se ele mudasse. O duro dele ainda está lá, mas também há algo macio, reservado apenas para ela. Eu agradeço por isso.

Meu maior problema é ela estar envolvida com esta vida. Fiquei longe por mais de vinte anos, tentando protegê-la de tudo isso, e agora ela está aqui, apaixonada pelo amigo de seu pai.

A coisa da idade não me incomoda. Talvez devesse, mas não está no topo da minha lista de problemas. O topo dessa lista é a vida de motociclista. Não é uma vida fácil, e eu não achava que poderia cortá-la. Embora eu saiba que Tanner é forte e tem coragem, temo que ela também não consiga lidar com isso.

— Então eu lido com isso.

— Você não a convenceria disso, não é? — Ma pergunta.

— Não. Ela tem que levar a própria vida. — Eu não tomaria decisões por ela. Ela é uma mulher adulta e precisa tomá-las por si mesma. Por mais que me matasse vê-la machucada, se é assim que esta estrada estabelece, então eu estarei lá para ela.

— Você precisa falar com Dagger, — diz Ma.

— Eu sei. Hoje recebi uma ligação dizendo que o funeral será daqui a três dias. Tanner e eu precisamos ir.

Ma respira fundo. — Tem certeza disso?

— Se não formos, ficará ruim. Não sei ao certo o que acontecerá quando chegarmos lá, mas Cam… Dagger disse que cuidou de Griff e Miller, e confio que sim. Eu acredito. De jeito nenhum Dagger mentiria sobre algo assim. Eu sei que ele vai nos proteger.

— Tenho certeza que sim.

Cooper, neto de Ma, entra correndo na sala, um pequeno avião na mão enquanto ele voa em torno de nós, fazendo barulhos de motor de avião. Ele é adorável, e eu entendo totalmente por que todo mundo está tão apaixonado pelo rapaz.

— O que você está fazendo? — ele pergunta, parando na minha cadeira.

Eu sei que disse que não pensaria no passado, mas meus pensamentos se voltam para Tanner nessa idade. Ela teria sido a menina dos olhos de todos esses caras, conquistando o coração de todas as mulheres? Como ela teria se mostrado diferente? Como ter o pai em sua vida a teria mudado? Ela é tão bonita e forte. Estou tão orgulhosa dela por seguir seu sonho de ser cabeleireira. Só não consigo deixar de me perguntar o que seria diferente.

E quanto a mim? Eu teria sido feliz? Eu teria amadurecido nesta vida?

Um empurrão no meu braço me tira dos meus pensamentos. — Hã? — Cooper ri. — O que você está fazendo? Sonhando?

Eu dou a ele um sorriso suave. — Sim, algo assim.

— Você fica? Eu amo minha família — ele diz, e meu coração se parte por Tanner. Eu neguei a ela essa família. Droga.

Não viva no passado, Mearna! Eu me castigo*. Isso não é bom.*

— Eu não tenho certeza, rapaz.

Ele sorri. — Você deveria, — diz ele antes de sair correndo, retomando os ruídos do avião.

Por que a vida tem que ser tão complicada?

CAPÍTULO 17

RHYS

Os braços de Tanner me envolvem com força, sua boceta quente contra minha bunda. Eu a fiz usar meu capacete, sem correr o risco de machucar um cabelo de sua cabeça. Tê-la perto de mim é a única coisa que me acalma dos eventos da noite. Não foi apenas Dagger quem precisou da luta, mas eu também. Eu deveria ter matado o filho da puta.

Esqueço todos os pensamentos e aproveito o passeio com os braços dela apertados ao meu redor. Com a noite nos cercando e muito poucos carros na estrada, levo um tempo aproveitando isso. Eu nunca tive uma mulher na minha traseira, nunca pensei que teria. Agora tudo parece certo.

Porra, estou me transformando em um daqueles idiotas.

***

Um toque suave chega à porta do meu quarto, me acordando do sono. O corpo de Tanner está cobrindo o meu, seus peitos no meu peito e pernas emaranhadas nas minhas. Meu pau duro repousa sobre o meu abdômen e pula ao ver a minha garota.

A batida vem novamente. Filho da puta.

— Sprite, — Eu empurro seu braço, e seus olhos se abrem lentamente. — Tenho que atender a porta. — Ela sai de cima de mim e se abaixa para pegar os cobertores,

se protegendo. Foda-se, sim, nenhum filho da puta pode vê-la. Nenhum. Esses peitos, bunda e boceta são meus, todos meus.

Saio da cama e pego uma cueca boxer, colocando-a assim que outra batida soa. Meu temperamento aumenta quando abro a porta.

Mearna pula para trás em um suspiro e geme com o movimento repentino. Os olhos dela estão arregalados e em pânico.

— O que está errado?

Ela respira fundo. — Você me assustou.

— Sim, o que você precisa?

— Mamãe? — A voz de Tanner vem de trás de mim enquanto ela abre caminho na minha frente. Ela agora está de calça jeans e a camiseta da noite passada.

Mearna olha para nós dois sob observação escrupulosa. Deixe ela.

— Temos que voltar. O funeral é daqui a alguns dias, e precisamos estar lá. — No momento em que as palavras saem de Mearna, o corpo inteiro de Tanner se enrijece. Não tenho certeza se é o pensamento de voltar ou o pensamento de partir. Eu deveria apenas amarrá-la na minha cama e não deixá-la ir.

— OK. Vamos ter que pegar um carro — diz Tanner, agora toda negócios, como se algo estalasse em sua cabeça. Eu amo essa merda sobre ela. Ela vê um problema e se apodera dele.

— Eu vou falar com seu pai e ver como pedir um emprestado... — Eu interrompo Mearna.

— Eu cuidarei disso. Vocês duas estejam arrumadas e eu vou conversar com os irmãos. — Eu saio da porta, pegando meu jeans e puxando-o sobre minha ereção dura.

— Mãe, apenas me dê um pouco de tempo, e eu vou descer. — Eu ouço o clique suave da porta e depois, — Rhys?

Eu me viro quando ela tira a blusa e abre a calça jeans, deslizando-a pelo corpo. Meu pau fica dolorido em seus limites. Ela é tão gostosa e sexy.

Tanner anda até mim como uma daquelas modelos de passarela, andando com um balanço em seus passos. Ela para a poucos centímetros de mim e me dá um beijo suave, afastando-se antes que minha mão alcance sua cabeça para aprofundá-lo. Ela então cai graciosamente de joelhos, olhando para mim através dos cílios. Ela desfaz o botão e o zíper do meu jeans antes de puxá-lo até os tornozelos. A sensação de suas mãos em mim é indescritível.

— Sprite, — eu aviso, mas acho que é só para mim. Não gosto de deixar as garotas terem controle, mas a lúxuria nos olhos dela e saber que meu pau estará nessa boca quente e macia em alguns segundos me permite deixá-la.

Seus olhos esmeraldas tremulam quando os cachos de seus cabelos caem ao redor de seu rosto. Suas mãos minúsculas alcançam minha boxer, puxando meu comprimento. — Sim? — Sua voz é completamente sedutora, e eu sei que naquele momento nunca, nem em um milhão de anos, terei o suficiente dessa mulher.

— Chupe. — Eu não posso evitar.

O sorriso triunfante em seu rosto me diz que ela acha que venceu e, por enquanto, eu permito.

Sua língua rosa se estende da boca e lambe a parte de baixo do meu pau, atingindo os nervos correndo ao longo da veia que está pulsando. Sua mão aperta com firmeza, muito mais apertado do que eu pensaria, e ela começa a acariciar enquanto lambe minha cabeça, deslizando a língua ao longo da fenda do meu pau, demorando um pouco para explorar lá. Quase perco minha carga com a porra da vista, mas não consigo desviar o olhar.

Tanner se inclina para frente e meu pau está no céu. O calor de sua boca junto com a umidade é um nirvana que eu nunca experimentei. Sim, meu pau foi chupado por mais mulheres do que posso contar, mas Tanner envergonha cada uma delas.

Ela se move para cima e para baixo no meu pau, chupando e depois lambendo a cabeça, repetidas vezes. Enquanto a mão dela ainda aperta minha base, ela me puxa o mais longe que pode para o fundo da garganta, fechando os músculos e eu perco todo o senso de controle.

Enfio meus dedos pelos cabelos e começo a bombear meu pau dentro e fora de sua boca. Os sons de carne molhada em carne, juntamente com seus ocasionais suspiros, ecoam por toda a sala, apenas me estimulando. Meus quadris entram e saem. Minhas bolas se apertam e um formigamento de conhecimento atinge minha espinha.

— Eu vou gozar, Sprite, e quero que você engula cada porra de gota.

Seus olhos levantam para os meus, desejo e necessidade pulsando através deles. Esse é o ponto final enquanto eu gozo duro. Tanner engole, mas fica emocionada por um momento antes de se recuperar rapidamente. Meu gozo escapa de seus lábios, caindo no canto da boca. Porra, isso é quente.

Ela continua a me acariciar, mesmo quando meu pau está macio e saciado em sua boca. Então ela se senta sobre os calcanhares, permitindo que meu pau salte de sua boca, com restos do meu esperma.

— Minha vez. — Eu a pego e a jogo na cama.

Abrindo as pernas, acho que ela está molhada e pronta para mim. Ela começa a protestar, mas antes que as palavras saiam, eu estou no clitóris dela. Ela tem gosto de se o céu e o inferno se misturassem para criar essa mulher.

Tanner engasga e começa a mover os quadris, que eu seguro, não permitindo mais. Ela geme sexualmente enquanto eu ataco os lábios de sua boceta, sugando-os com tudo o que tenho.

Seu clitóris fica de fora, e pronto. Com movimentos da minha língua, recebo outro empurrão. Eu amo isso, porra. Eu brinco com o botão apenas o suficiente e o coloco na minha boca enquanto Tanner explode ao meu redor, seu creme enchendo minha boca rapidamente. Eu pego e guardo enquanto continuo a acariciá-la até que volte à terra.

Seu corpo fica relaxado quando eu subo, beijando um caminho do estômago para lábios.

— Bom dia, — digo a ela enquanto ela sorri. — Dia.

Por mais que eu não queira deixar minha cama com ela, precisamos. — Tenho merda para fazer. — Dou-lhe outro beijo profundo. — Eu vou falar com os caras. Você cuida das coisas de você e de sua mãe.

— OK. — Sua voz é calma com um toque de tristeza entrando.

Envolvo meus braços em volta dela e a puxo para o meu corpo. — Você não precisa ficar lá, — digo a ela, sem ter ideia do que diabos estou fazendo, mas parece a coisa certa.

— Ficar onde? — ela pergunta, enterrando-se no meu pescoço, abraçando minhas costas.

— Lá. Vá para o funeral e volte aqui.

Ela afasta a cabeça e olha nos meus olhos. — Isso é apenas uma aventura, lembra? — Suas palavras me irritam, e eu posso sentir meus braços flexionarem contra ela.

— Sim. — Eu a puxo do meu corpo e dou um tapa na bunda dela, tentando não deixar a dor daquela picada.

Ela grita e corre para o banheiro, e eu jogo minhas roupas. — Eu vou, — eu grito quando fecho a porta e tento não quebrá-la.

Dobradiças do caralho.

Por que diabos eu deixei aquela mulher ficar sob a porra da minha pele? Eu não faço essa merda. Agora ela provavelmente está saindo e não voltando. Porra, inferno.

Eu me viro para a parede e enfio o punho no gesso, deixando todas as minhas frustrações para fora. O gesso se despedaça do impacto, enviando peças flutuando em volta da minha mão, braço e no chão. Puxo minha mão para fora do buraco, não me sentindo melhor.

***

— Bem, isso representa um problema. — Pops suspira em sua mesa, as mãos trancadas atrás da cabeça enquanto ele se inclina da cadeira. — Consegui uma reunião com Ralphie. Vamos embora daqui a duas horas.

Conversei com Dagger, e decidimos que deveríamos seguir as meninas até lá, caso algo acontecesse com elas. Isso coloca um enorme problema nessa ideia.

— Podemos enviar um dos prospectos com elas, — sugere Pops e eu rosno.

Com a contratação de Tug, Buzz e Breaker como membros de pleno direito, tivemos que ter novos prospectos, e há apenas um em que realmente confio.

— Derek. — Eu exijo. Ele nos ajudou durante o sequestro de Blaze há um tempo. Os outros dois ainda são novos demais para confiar.

— Eu vou enviar Dipstick também.

Foi a vez de Dagger virar para rosnar. — Ele é tão tímido que não acredito que estamos dando a ele uma chance.

Isto é totalmente verdade. Votamos para deixá-lo entrar, porque Pops disse que viu algo nele. Eu não sei o quê, e ainda estou procurando, porra.

— Isso será bom para ele. — Tanto Dagger quanto eu concordamos, não gostando, e ainda não mudamos. — Depois de nos encontrarmos com Ralphie, você pode se encontrar com suas garotas. — Pops balança a cabeça. — Nunca pensei que veria o dia, Rhys.

— Eu também.

— E a porra da minha filha. — Dagger acrescenta.

Eu sorrio. — Eu sou a melhor coisa que aconteceu com você, cara. — Ele me dá um tapa no ombro. — Lembre-se de que você também é velho. — Quem se importa? Eu sou mais velho e não dou a mínima para o que as pessoas pensam, e Tanner também não, parece.

— Becs e eu vamos nos encontrar com Ransom. Então vamos decolar. — Becs é o vice-presidente do clube e um homem íntegro. Ransom, por outro lado...

— A respeito? — Eu pergunto.

— Ele diz que tem algum trabalho para nós. Só vou dar uma olhada. — Pops encolhe os ombros.

— Quer que a gente vá junto? — Não confio em ninguém além dos meus irmãos. Eu não dou a mínima se Ransom nos ajudou, ajudando-nos a se vingar das pessoas. Ele não é um de nós.

— Não. Ele só quer dar uma merda.

— Tudo certo. Vamos tirar as garotas. — Dagger diz quando saímos pela porta.

***

— Estou voltando assim que terminamos nossos negócios, — digo a uma Tanner de olhos enevoados. O coração da minha mulher é bem grande.

— Você não precisa. Nós ficaremos bem. — Eu bato na raiva inicial que brota por dentro. — Você tem uma vida aqui. A minha está lá em cima. — Ela encolhe os ombros como se fosse tudo a mesma coisa. Foda-se não, não é.

— Eu estarei lá. — Não tenho tempo para um debate ou qualquer merda. Eu estou indo, e é isso. Essa merda é o final.

— Tudo bem, — ela sussurra quando Dagger aparece. Eles realmente não tiveram a chance de se conhecer. Eu me sinto um pouco triste por ela ainda não saber que cara legal o pai dela é.

— Cuide da sua mãe. Estarei lá em cima para o funeral.

Tanner assente, dor gravada em seu rosto enquanto ela tenta afastá-la. Ela está sentindo a falta de conexão entre ela e o pai.

Dagger a puxa para seus braços e a abraça quando as lágrimas começam a cair de seus olhos. Droga. Malditas lágrimas, de novo. Dagger então beija o topo de sua cabeça e se afasta.

— Vá, — ele ordena, mas ela se vira para mim.

Ela mergulha no meu corpo com força, passando os braços em volta de mim. — Sprite, são apenas alguns dias.

Ela assente e depois se afasta. — Tchau, Rhys.

Porra, eu sinto que é adeus, adeus. Foda-se isso.

— Vejo você em breve, — digo a ela, beijando sua testa antes que ela entre no carro.

Tanto Dagger quanto eu olhamos enquanto o carro e as motocicletas segurando Derek e Dipshit vão embora. Porra, inferno.

Eu rasgo meus dedos pelos meus cabelos. Preciso bater em alguma coisa, mas não tenho tempo. Precisamos sair também.

***

Depois de um dia inteiro na estrada, parando apenas para fechar os olhos, paramos no complexo bem guardado de Ralphie. Paredes de pedra alinham a frente com fios na parte superior. Estamos no meio da terra de ninguém, sem ninguém por quilômetros. É claro que Ralphie tem um negócio muito lucrativo e precisa ser protegido.

Os amplos portões se abrem quando paramos, Pops liderando o caminho de nosso grupo. Nós seguimos e somos levados a um terreno lateral onde um membro aponta.

O lugar é enorme, acres e acres com prédios aqui e ali. Mesmo casas estão espalhadas por toda a parte, com áreas gramadas incluídas.

Estacionamos nossas motos e desligamos os motores.

— Por aqui, — o cara grita, e com um aceno de Pops, seguimos. Toda a equipe veio com essa: Pops, Becs, Zed, Dagger, GT, Cruz, Buzz, Tug, Breaker e eu. Nós até rotulamos os propspectos restantes para conduzir a van atrás de nós, apenas por precaução.

O cara abre a porta de um grande armazém e atravessa as portas onde ele nos pára imediatamente. — Armas, telefones celulares, GPS - tudo o que vocês têm precisa ficar na lixeira ali. — Ele aponta para uma grande sacola de plástico.

A ideia de entrar nessa merda desarmado não se encaixa nem um pouco comigo. Felizmente, isso também não acontece com Pops.

— Mantemos as armas e deixamos os celulares, — diz ele. O homem balança a cabeça, então Pops diz: — Deixe-me falar com Ralphie.

Ele pega seu celular e o segura no ouvido. Ele não tem cabelo e é construído como um caminhão Mack. Então estende o telefone para Pops.

— O que está acontecendo, Ralphie? — Aparece perguntas. — Você sabe que precisamos ter proteção... eu entendo. — A veia de Pops começa a bater em seu pescoço, então o que está sendo discutido por telefone não é bom. Porra.

— Entendi. — Ele devolve o telefone ao homem e se dirige a nós. — Tudo na banheira.

Porra, inferno. Nós ouvimos, tirando toda a nossa merda e colocando dentro. Por que diabos eu sinto que estamos sendo levados ao matadouro?

— Convocamos esta reunião. Ele tem todo o direito de tomar essas precauções, — explica Pops, mas mesmo que sejam válidas, eu não dou a mínima.

Depois de esvaziar tudo e passar por um maldito detector de metais, somos levados a uma grande sala onde Ralphie se senta à cabeceira da mesa com seus capangas atrás dele. O homenzinho careca senta-se proeminentemente enquanto espera que nos sentemos.

— Você parece ter me causado um enorme problema, — diz Ralphie, com os dedos cruzados, um claro sinal de poder.

— Esses idiotas estavam tentando pegar um dos nossos, — responde Pops friamente.

— Pelo que entendi, ela já era deles, para começar. — Pelo canto do olho, vejo as mãos de Tug, mas ele segura sua mão.

— Foi o que eles pensaram. Ela não se sentia da mesma maneira, — diz Pops.

Ralphie sorri sinistramente. — Vamos cortar a merda. Eu não tenho tempo para isso. Não tenho um problema nesta situação. Meus bolsos estão totalmente forrados e o produto é o mesmo de sempre.

Então, aqueles filhos da puta que assumiram o cargo pagaram Ralphie para mantê-lo longe de suas costas. Eles eram mais espertos do que eu pensava.

— Você, por outro lado, tem um problema. O que você quer de mim?

Isso parece mais do que eu percebi. Devemos a ele, mas se continuarmos até o fim, ele se aterá ao dele.

— Tire-os do nosso caminho, — diz Pops simplesmente.

— E como você propõe que eu faça isso? — Perguntas de Ralphie.

— Ameace puxar seu produto, se não o fizerem.

Ralphie ri. Desta vez, é real. — Você acha que vir aqui e fazer essa grande besteira me fará rolar?

— Parece que você tem alguns ratos em sua organização, — diz Pops.

É preciso tudo no meu âmago para manter meu rosto impassível. Como diabos eu perdi essa merda?

— O Buzz aqui reuniu algumas informações que eu tenho certeza que você deseja, porque é uma merda.

Minha coluna endurece. É doloroso ficar quieto. — Você está mentindo. Meus caras não, — diz Ralphie.

O olhar de Pops se volta para um cara com cabelo castanho-avermelhado que fica à esquerda de Ralphie. Sua postura é rígida, mas sob controle. Suas mãos estão cruzadas na frente dele, enquanto olha em frente.

— Não está certo, agente Peterson? — Pops pergunta.

É pequeno, tão pequeno que não sei se alguém viu, mas seu olho esquerdo dá uma leve contração no nome. Filho da puta.

— Levi— Ralphie se vira para o homem, e Pops ri.

— Experimente Samuel David Peterson, um agente FBI disfarçado. Eu apreciaria se você verificasse se ele tem fios, considerando esta reunião e tudo. — Pops se recosta na cadeira. É por isso que ele é nosso líder.

— Dez — Ralphie ordena outro cara, que vai até o agente, tirando a arma dele.

— Eu não sei do que esses idiotas estão falando, — retruca o agente. — Verifique ele, — Ralphie ordena, em seguida, estreita o olhar para Pops. — Onde está a prova?

Pops olha para Buzz, que assente, enfiando a mão no colete e puxando uma pasta de papel pardo. Ele a desliza sobre a mesa para Ralphie, que a abre. Ele

vasculha os papéis, e o que quer que ele veja vira os olhos para o veneno de uma cobra.

— Pegue ele, — ele chama. — Obtenha uma varredura de todo o lugar. — Suas palavras estão gotejando de raiva tão espessa que, se não estivéssemos sentados, poderia ter nos derrubado.

Eles carregam o agente para fora da sala, chutando e jurando que ele não fez nada. O que quer que esteja nas mãos de Ralphie deve ser um pouco de evidência.

— O quê mais? — Ralphie pergunta a Pops.

— Existem mais dois. Eles não estão nesta sala, no entanto. — Desta vez, Pops puxa um envelope pardo, colocando-o na frente dele. — Eu te dou isso e você cuida do nosso problema.

— Você tem sorte de ser o melhor corredor para mim. — Ralphie balança a cabeça. — Eu limpo isso, e você corre para mim.

Os olhos de Pops se estreitam, a tensão na sala está aumentando. — Que tipo de corrida?

— Tenho uma carga preciosa que precisa chegar ao sul do Texas. Você entrega e me dá o envelope, e nós chamamos de empate.

Por mais que eu não queira correr o que quer que seja, é do nosso interesse tirar esses idiotas de nossas costas e que haja uma lousa limpa.

Pops olha para cada um de nós na mesa, cada um de nós concordando. Não é como se tivéssemos uma grande escolha no momento. É isso ou pagar duzentos mil. Temos que confiar que ele seguirá adiante.

— Tudo bem, — diz Pops, deslizando o papel sobre a mesa. — O que estamos levando?

CAPÍTULO 18

TANNER

Eu me envolvi quando estávamos na estrada. Mamãe e eu conversamos o tempo todo, mas evitei perguntas sobre Rhys, sem saber o que dizer exatamente. Ele não é o tipo de homem de uma mulher, e eu não posso ter isso. Nosso acordo foi para a época em que estive lá. Quando saí, acabou. O pensamento de outra mulher em sua cama me deixa de joelhos, esmagando meu coração com uma marreta. Portanto, eu não quero falar sobre ele. Quero evitar o assunto.

Eu tenho esse pressentimento de que ele não vai aparecer no funeral hoje ou em qualquer outro momento, para esse assunto. Esse sentimento me deprime demais. Por isso o adeus foi tão difícil. Eu sei que ele me arruinou para outros homens, e não há como voltar atrás dele. Mesmo se por algum milagre ele surgir, ele não ficará. A vida dele está lá. A vida da minha mãe e minha está aqui.

Entro no vestido preto e calço minhas sapatilhas. Chegamos de volta ao meu apartamento ontem à noite. Dei minha cama para mamãe e dormi no sofá. Ela diz que tem que fazer a papelada amanhã para a casa. É uma coisa boa que ela era a dona, porque eles não eram oficialmente casados, e ela não teria conseguido nada com o seguro. Pelo menos, foi o que o cara disse ao telefone no caminho até aqui.

Meu estômago está revirando como uma montanha-russa. Eu sei que é uma combinação dos eventos de hoje e o fato de eu não ter ouvido uma palavra de Rhys, apenas me provando ainda mais que terminamos.

A dor no meu coração não tem nada a ver com a morte de James. Para ele, boa viagem. A dor é exclusivamente para Rhys. Não estou dizendo que seríamos felizes para sempre, mas mais tempo teria sido bom.

Vou ver se ele aparece hoje e descobrir o que mamãe e eu vamos fazer.

Entro na sala onde mamãe está sentada no sofá, com a cabeça para trás enquanto olha para o teto. Suas marcas curaram na maior parte, e eu fiz sua maquiagem deliberadamente para esconder qualquer outra coisa. Ela está usando uma saia lápis atrás; camisa preta esvoaçante; e sapatos pretos.

— Está pronta? — Eu pergunto, me aproximando do sofá. Ela vira a cabeça na minha direção. — Tanto quanto eu posso estar.

***

Olhos espantados.

Ao meu redor, as pessoas se voltam para olhar para mim e minha mãe. Ela está atuando como viúva em luto, mas tenho que admitir que tenho certeza de que a maioria das lágrimas é real. Vários presentes, incluindo os pais de James, nos abraçaram quando chegamos, quando nos sentamos.

O serviço é o funeral de um policial completo com carros seguindo o carro funerário enquanto eu conduzo minha mãe atrás dele. Ela foi convidada a andar de limusine com os pais, mas recusou, dizendo que queria ficar sozinha. Eu realmente não conheço o raciocínio dela, mas fui com ela.

Enquanto estou aqui na recepção com policiais em todos os lugares, não consigo deixar de olhar a cada poucos minutos para ver se Rhys aparece. Verifiquei meu telefone centenas de vezes, apenas para me decepcionar. Nada ainda.

Conversei com muitos policiais e simpatizantes, sorrindo e apertando as mãos, até aceitando abraços quando eles os ofereciam.

É tão estranho que a razão pela qual todas essas pessoas estão reunidas é porque eu tirei a vida do homem. Eu. Ele mereceu - não me interpretem mal - mas isso ainda está nos meus ombros. Eu fiz o meu melhor para esconder qualquer emoção o tempo todo.

O que eu não daria para ter os braços de Rhys ao meu redor para tirar tudo, mas ele não está aqui e, com o funeral chegando ao fim, ele já não vem. Eu sabia, mas uma pequena parte de mim esperava, e agora me sinto incrivelmente decepcionada.

— Sra. O'Ryan? — A voz me faz girar rapidamente, sem pensar.

— Oficial Miller. — Eu preciso trabalhar para me mascarar melhor. Vendo ele arrastar tudo o que aconteceu em Sumner, até o fato de Griff não ter aparecido no funeral de seu melhor amigo e parceiro. Quero saber o que eles fizeram, mas não sei. Eu acho que seria melhor se não o fizesse.

— Sinto muito por sua perda. — Uma loira muito bonita e pequena está ao lado dele, segurando a mão dele como se ela estivesse com medo de que ele desaparecesse.

— Obrigada, — eu respondo, as palavras saindo leves.

— Oficial Miller, muito obrigado por ter vindo, — minha mãe diz ao meu lado, estendendo a mão como se tudo o que acontecesse tivesse desaparecido no ar. Ela é tão equilibrada e perfeita. Eu quero ser como ela.

Tenho que admitir sobre o homem; ele é muito bom em indiferença. Ele nos apresenta sua esposa muito quieta, e então saem. Respiro fundo depois que ele sai. Eu preciso de um momento.

— Eu estou indo ao banheiro, — digo à minha mãe, saindo rapidamente.

Entro e sento para fazer meus negócios, checando meu telefone novamente. Um aumento vertiginoso surge de mim quando mostra que tenho uma mensagem perdida, embora seja do telefone do meu pai, não do Rhys. Tento não deixar a decepção girar dentro de mim, mas é difícil.

Abro o pequeno envelope no meu telefone.

Aqui é R. Temos negócios no clube. Não posso ir. Telefone morto. Ligarei em breve.

Como é possível ter uma enxurrada de emoções me batendo na bunda ao mesmo tempo? Estou tão feliz que ele entrou em contato comigo e tão decepcionada que não vou vê-lo.

Digito uma mensagem.

OK. Sinto sua falta.

Eu olho para as palavras. *Não, não coloque isso.* Apago as três últimas palavras e as envio. Pelo menos eu sei com certeza, não mais olhando por cima do ombro, esperando vê-lo.

Coloco meu telefone na bolsa e termino, saindo da banca para lavar as mãos. Paro abruptamente quando a esposa de Griff me olha no espelho, com os olhos vermelhos. Eu a conheci algumas vezes, mas não estou nem um pouco perto dela. Meus nervos aceleram um pouco.

Suzie se vira para mim. — Sinto muito pela sua perda. — Um novo lote de lágrimas cai de seus olhos enquanto ela funga e se afasta da pia.

— Obrigada.

Deixei Suzie liderar essa conversa, já que não sei o que aconteceu com Griff e não quero dizer nada de errado.

— Me desculpe, eu estou uma bagunça. Não tenho notícias de Griff há dias. Ele disse que estava saindo em uma viagem de pesca, mas eu não tive notícias dele. Liguei para a Geórgia, onde ele disse que estava indo, e eles não o encontraram. Estou com tanto medo.

Ok, então ele não voltou para casa. As chances são de que ele esteja morto e boa viagem para ele também.

— Sinto muito por ouvir isso.

— Você estava na Geórgia. Você o viu?

Minha garganta seca, e sinto o quarto se fechando em mim. Merda. — A Geórgia é um lugar muito grande, — respondo, sem mentir.

Sua mão sai e agarra meu braço. Estou com tanto medo. Eu... Lágrimas frescas cobrem seus olhos, e a boca do meu estômago cai para esta mulher. Ela ama o idiota, e as chances são de que ela nunca mais o verá. E eu estou bem com isso. Na verdade,

estou bem que essa mulher esteja chorando por um homem que colocou as mãos em mim. O que diabos há de errado comigo?

Ela afasta a umidade e limpa o rosto com lenços de papel. — Eu sinto muito. Você tem o suficiente no seu prato. Griff amava tanto James.

Você não tem ideia. — Eu sei que ele amava. — Lavo minhas mãos rapidamente, sabendo que tenho desinfetante na bolsa. Eu preciso sair daqui. — Eu tenho que encontrar minha mãe.

— Oh, claro, querida. Obrigada pela atenção.

Eu levo a bunda para minha mãe. Agradeço ao relógio na parede que me diz que está quase no fim.

— Mamãe. — Inclino-me até a orelha dela e sussurro: — Precisamos ir. — Espero transmitir que por mim chega. Eu tive o meu preenchimento e preciso me retirar para algum lugar muito, muito longe.

Mamãe assente e se levanta da cadeira, se desculpando da mesa de pessoas que eu conheci e ainda não consigo lembrar seus nomes.

Mamãe se despede comigo ao lado dela, sorrindo e acenando com a cabeça o tempo todo. Andando até os pais de James, meu estômago começa a revirar.

— Mearna, querida, — diz a mãe de James, Rose, o cheiro de seu perfume floral preenchendo o espaço. Minha mãe vai de bom grado nos braços, abraçando-a de volta. — Eu sei que provavelmente não é a hora, mas conversamos com o advogado. Ele tem um testamento que James apresentou, deixando tudo o que tem para você, incluindo a pensão dele.

Pego a mão da minha mãe, sem saber exatamente o que isso significa, mas sei que é bom.

— Ele também disse que a companhia de seguros está investigando, mas a polícia já fechou, dizendo que foi um incêndio acidental. Você deve conseguir a recuperação disso.

Quero dizer que *sim, porque ela é dona da casa*, mas talvez os pais dele não conheçam esse pedacinho de informação. Portanto, eu mantenho meus lábios fechados. Eu só quero o inferno fora daqui.

— Eu tenho um compromisso amanhã com a companhia de seguros na esperança de resolver as coisas, — diz ela.

— Ouvi dizer que você conheceu seu pai. — Tim, pai de James, olha para mim. Seu olhar é expectante.

— Sim, — eu respondo.

— Isso é muito bom, — diz Tim, olhando para minha mãe. — Estranho, o momento.

Não me mexo um centímetro enquanto minha mãe aperta minha mão. — Tanner está pedindo há algum tempo. Estou absolutamente arrasada com James. — Ela joga fora. Minha mãe é oficialmente foda. Sim. Foda.

— Claro que você está, querida. — Rose dá um tapinha no braço da minha mãe.

Tim inclina a cabeça e eu o encontro olhando por olhar. É como se ele estivesse olhando dentro de mim ou algo assim. Vá em frente. Eu não vacilo nem um pouco, e ele é o primeiro a desviar o olhar. Alívio me enche. Eu aprendi com minha mãe e gosto muito disso.

Minha mãe não perde tempo nos tirando de lá.

***

Fecho a porta do apartamento e coloco minha bolsa no chão junto com minhas chaves.

— Dia ruim? — minha mãe pergunta.

Vou para o sofá e deito-me um pouco dramaticamente, mas é assim que me sinto no momento: irritada, magoada, sozinha, com um tapa na cara... posso continuar.

— Fui ver Anderson. Ele me substituiu na loja e não precisa mais dos meus serviços, ou é o que ele diz. Perdi o emprego, mesmo tendo usado alguns dias do meu tempo de férias. — Ele disse que, como eu não liguei para ele para contar o que estava acontecendo, acabou por me substituir.

— Você disse a ele que James morreu? — Mamãe pergunta, vindo sentar na cadeira ao lado do sofá.

— Sim. Ele disse que estava arrependido, mas era isso. Ele contratou essa loira com seios tão grandes que precisa de dois sutiãs para segurá-los. E entenda, ela o chama de senhor. Que diabos é isso? — Eu moo e mamãe ri. — Isso não tem graça. Não tenho dinheiro!

— Querida, acalme-se. Primeiro de tudo, temos muito dinheiro. O pagamento do seguro está a caminho e eu tenho muito para nos segurar. Segundo, se ela o chama de senhor nesse sentido, fique feliz por você não ser ela. — Ela ri mais.

Ela está certa. Já li livros e assisti filmes suficientes para saber para onde ela está indo com isso. Ainda assim, adorava esse trabalho. Era um lugar incrível para se trabalhar.

— Recebi uma ligação de seu pai enquanto você estava fora.

Cinco dias, e tudo o que recebi de Rhys foi um texto, curto e recortado. Ele nunca ligou como disse que ia fazer, e eu com certeza não iria ligar para ele. Dane-se isso. Tudo bem, provavelmente estou sendo um pouco exagerada, mas é melhor assim. Ele está se separando, e é o melhor. Em nenhum lugar do seu texto ele disse que estava a caminho daqui. De fato, ele disse que não poderia fazê-lo devido aos negócios do clube, então eu sei que isso deve ser mais importante. Por outro lado, como a Princesa disse, todos os negócios do clube são mais importantes. Eu não deveria me ressentir disso, mas sim. Isso deu a Rhys a fuga perfeita.

O fato de meu pai ligar para minha mãe é um pouco desconcertante. — Eu não sabia que vocês dois estavam conversando.

— Conversamos um pouco.

Então, Dagger pode ligar para minha mãe e conversar, mas Rhys não pode me ligar. Um peso de chumbo paira no meu peito. E se a razão pela qual ele não liga é porque está vendo outras mulheres? Como o acordo terminou, ele decidiu que precisava de sexo de outras pessoas. O chumbo rola no meu estômago quando a bile

começa a subir na minha garganta. Ele não pode e, se assim for, não quero saber disso.

— Realmente?

— O negócio deles demorou um pouco mais, mas ele disse que estará aqui em alguns dias.

Mordo o lábio inferior, querendo perguntar se Rhys está chegando, querendo saber se ele já se esqueceu de mim. Não pergunto, no entanto. Eu quase nunca falo com minha mãe sobre ele. É como se, se eu não falar sobre isso, então não é real. — Então o quê? — Eu pergunto.

— Querida, precisamos decidir se queremos ficar aqui ou mudar para Sumner.

Eu me concentro nela e fico boquiaberta. — Você quer se mudar para lá?

— Eu não tenho muito aqui em cima além de você.

— Eu vou ter que pensar sobre isso. — Afinal, se as coisas estão realmente acabadas com Rhys, com certeza não quero morar na mesma área que ele ou vê-lo ao redor do meu pai. Eu me conheço, e isso seria demais para eu suportar. — E o que está acontecendo com você e Dagger? Ele tem uma mulher, você sabe. — Os olhos de minha mãe se fecham como se a dor fosse demais. Eu a entendo. O pensamento do homem que você gosta estar com outra é demais. — Eu sei. Não tenho certeza de nada no momento. — Ela muda a cadeira e deita a cabeça para trás, olhando para o teto.

Em épocas como essa, eu gostaria de poder ler os pensamentos de minha mãe. Inferno, eu gostaria que meus pensamentos fossem mais compreensíveis.

CAPÍTULO 19

RHYS

— Você já ligou para minha filha? — Dagger pergunta enquanto paramos para comer em nossa jornada de volta a Sumner.

Maldito Ralphie. Essa viagem não deveria ter demorado tanto tempo, mas o problema foi com as pickups, várias delas nos EUA a caminho. Filho da puta estúpido. Pelo menos agora a dívida está liquidada. Ele só precisa aguentar o fim deste acordo.

— Eu vou chegar lá, — digo a ele, dando uma mordida no hambúrguer desagradável, precisando de algo no meu estômago.

— Estou voltando para Mearna, — Dagger me diz.

— Você está?

— Foda-se sim. Essa é minha mulher — ele diz com absoluta confiança. Fico feliz que ele saiba o que diabos ele quer. — Quando Mearna chegar, Tanner também virá.

— Bom, — digo a ele, dando outra mordida e lavando-a com um refrigerante.

Eu quero Tanner? Foda-se, sim, mas tenho que ser honesto. Nunca, nos meus quarenta e poucos anos, tive apenas uma mulher por um período de tempo. Embora sua boceta seja a melhor que já tive, não tenho certeza se tenho confiança suficiente em mim para me ater apenas à dela. Eu nunca tive. Tanner me disse que ela não era desse tipo, mas por ela, eu quero tentar. Porra, inferno.

— Eu vou com você.

— Você tem certeza disso? — ele pergunta.

Eu sei que ele está certo. Meu pau viu tantas bocetas e bocas em seu tempo. Para Tanner, no entanto, farei o meu melhor.

Em algumas de nossas paradas, tive a oportunidade de ser fodido e chupado por putas da estrada, e eu as recusei, cada uma delas. Essa foi a primeira vez, porra. Eu nunca rejeitei boceta grátis, mas o fiz por causa de Tanner, porque é a boca dela que eu quero envolver em volta do meu pau. Sim, eu definitivamente vou tentar.

— Sim, vamos dar o fora daqui, — digo a ele enquanto os irmãos pegam suas motocicletas, e partimos.

***

— Porra, que minha garota mora aqui, — diz Dagger, subindo as escadas. Concordo.

— Vamos levá-las para casa. — *E vou ver o que acontece a partir daí.*

Dagger bate na porta e, uma batida depois, abre apenas um toque. Os olhos esmeralda de Tanner espreitam pela porta e se concentram em Dagger. A porta se abre quando ela o abraça com algum tipo de som estridente e acho que talvez precise substituir pelo meu tímpano.

— Você está aqui! — ela diz quando Mearna chega à porta. — Sim, trouxe alguém comigo.

Tanner para e olha em volta do pai. Seus olhos se enchem de lágrimas quando ela me vê. Bem, inferno, isso não é alguma coisa? Posso dizer que, durante toda a minha vida, nunca tive uma mulher chorando porque estava feliz em me ver.

Dagger entra no apartamento no momento em que Tanner se joga para mim, envolvendo os braços e as pernas em volta de mim com segurança. Eu agarro sua bunda, segurando-a, o calor de sua boceta me batendo forte. Eu não fodi desde a última vez que a vi, e preciso muito disso.

Seus lábios colidem com os meus quando suas lágrimas atingem meu rosto em gotas. Ela realmente não achou que eu viria, não é? Mas não posso culpá-la. Com toda a merda que a Princesa a encheu, estou surpreso que seus lábios estejam presos aos meus. Ainda assim, tomo avidamente tudo o que ela está me dando.

— Você quer entrar? — Mearna diz do nosso lado enquanto olha em volta. Eu não dou a mínima para quem está olhando. Não há como me descolar desses lábios.

Continuo beijando-a, carregando-a diretamente para o quarto e chutando a porta com minha bota. Eu a tomo com força e rápido, deixando nós dois sem fôlego.

***

— Eu gosto destes. — Eu balanço um dos cachos de Tanner na minha mão.

Ela está deitada nua, esparramada em cima de mim, seu calor me mantendo quente contra a frescura de seu apartamento.

— Eu estava tendo um daqueles dias de menina, — diz ela como se eu soubesse o que diabos é um dia de menina. Tanto faz. Ela está linda pra caralho.

— Não achou que eu iria vir? — Eu pergunto, precisando falar e acabar com isso.

— Na verdade, não. Você não é esse cara, Rhys. Eu pensei que você tivesse cansado de mim.

Meu peito está pesado quando eu puxo seus lábios nos meus. — Não, não acabou. Estamos apenas começando. Venha se mudar para Sumner. — Os olhos dela se arregalam. — Eu não sou perfeito, mas quero você.

Não vou desistir dessa merda. Não posso.

Não vou.

— Como sei que vamos durar? E por quanto tempo? Um dia, uma semana? Esta é uma grande mudança para mim.

No instante em que suas palavras atingem meu cérebro, eu sei o que preciso fazer. Eu preciso apenas estar com ela. É novo, diferente, mas, porra, eu não quero mais ninguém.

— Eu sei que vamos ter de trabalhar nisso. Não há outra mulher para mim. É só você, Sprite.

Ela sorri e eu me aproximo, roçando meus lábios nos dela. — Só você, — eu sussurro.

— Tudo bem, — ela sussurra de volta, e eu sinto que ganhei na porra da loteria.

***

Empacotar as coisas das mulheres não foi uma tarefa difícil. Mearna já tinha a maioria de suas coisas juntas, desde sua viagem até Sumner. Ela concordou imediatamente quando Tanner e eu saímos para conversar. Ela e Dagger estavam em um abraço que deixou Tanner ainda em meus braços, sem dúvida em choque. Ela foi capaz de se recompor, no entanto.

Tanner só tinha algumas coisas que queria e, no dia seguinte, estávamos a caminho de Sumner, seguindo-as.

***

— Está acordado. Os idiotas estão recuando com o dinheiro, e estamos limpos, — diz Pops enquanto nos sentamos ao redor da mesa na igreja. — Ralphie riu demais depois que eu o mastiguei por todas as paradas. Acho que ele fez isso de propósito para ser um idiota.

— Figuras, — Dagger resmunga.

Eu aceno em resposta.

— Buzz, me diga que você tem alguma coisa. — Pops dirige os olhos para o homem com quem estamos contando.

— Eu limitei. — Ele olha ao redor da sala. — Eles estão aqui na Geórgia.

— Você deve estar me fodendo! — GT explode, levantando-se de seu assento. — Quem diabos é? Essa merda tem que acabar *agora*.

— Todos nós concordamos, filho, — diz Pops calmamente. — Sente-se e vamos ouvi-lo.

GT escuta, sentando-se novamente, o olhar ainda em seu olhar.

— Eu não tenho muito, apenas reduzi alguns dos transmissores de dados até aqui, mas o estado é enorme demais — Buzz passa a mão pelo cabelo. — Estou chegando mais perto, no entanto.

Esse homem tem trabalhado dia e noite para conseguir invadir os computadores. Ele merece uma festa infernal assim que essa merda estiver pronta.

— Tudo certo. E os nossos amigos Griff e Miller? — Pops pergunta, olhando para Dagger e para mim. Considerando que nenhum de nós estava lá, não sei por quê.

Eu dou de ombros.

— Griff deve ser encontrado a qualquer dia, a cerca de duzentos quilômetros daqui. Eu tenho os olhos em Miller. Ele não disse uma palavra, — Becs responde.

— Tanner disse que viu Miller, e não havia nada. Disse que também conversou com a esposa de Griff, que estava perturbada, mas nada se voltou para elas pelo incêndio ou pelo desaparecimento do asno, — eu incluo.

— Parece bom. Vamos sair daqui. — Pops bate o martelo.

***

— Vamos. — Pego a mão de Tanner e a puxo para fora da porta do apartamento de dois quartos que ela insistiu em viver com a mãe. Ela só está aqui há alguns dias, mas foi a primeira coisa em que ela insistiu. Eu queria trancar sua bunda na minha casa a cerca de cinco quilômetros daqui; no entanto, ela não concordou. Não sei por que deixei que ela tivesse uma escolha no assunto. Independentemente disso, não demorará muito para que eu a leve onde a quero. Se ela está aqui em Sumner, eu a quero na minha cama, mas por enquanto, estar na dela funciona bem.

— Onde estamos indo? — ela pergunta enquanto eu a puxo para a minha motocicleta e lhe entrego o capacete, que ela coloca com um sorriso no rosto.

— É uma surpresa.

— Você sabe que eu amo estar na parte de trás da sua motocicleta, — ela me diz enquanto joga a perna e se aninha atrás de mim.

— Coisa boa, porque eu amo você que você esteja lá, também.

Ela engasga. Eu só digo o que vem natural, e naquele momento, o foi.

Ela me aperta quando damos uma volta.

O dia está lindo: nem muito quente, nem muito frio, simplesmente perfeito. O vento ao nosso redor, enquanto Tanner está enrolada em meu corpo, é o melhor lugar do mundo. Juro a Deus, acho que nunca vou ter o suficiente dela.

Montamos por horas, pegando estradas de volta enquanto mostro a ela Sumner e a área circundante. Quero que ela veja sua nova casa e mostro-lhe os lugares que eu amei visitar ao longo dos anos. Quando passamos por lugares, toco

o braço dela e aponto para eles, e ela apenas acena com a cabeça. Vou explicar-lhe tudo mais tarde.

Puxo a motocicleta para minha casa. Não é nada grande, apenas uma cabana de três quartos que comprei assim que pude pagar. Eu nunca tive uma casa antes desta. Ajudei alguns amigos meus a construí-la. Muito sangue, suor e cerveja foram usados para fazer o lugar, e eu não mudaria isso por nada deste mundo. Fica em dois acres com bosques ao redor. É sereno e silencioso. Embora eu ame estar no clube, às vezes é um pouco demais. Quando preciso de um tempo, venho aqui.

Trouxe Tanner aqui algumas vezes, mas nunca ficamos muito tempo. Com ela e sua mãe se estabelecendo, tem sido agitado. Felizmente, as coisas vão acalmar o inferno agora. É por isso que estamos aqui hoje. Eu quero lhe mostrar uma coisa.

Estaciono a motocicleta e Tanner desce. Ela tira o capacete e joga os cabelos ruivos e loiros. Porra, isso é quente.

Eu a puxo para mim e dou um beijo ardente em seus lábios. Não, nunca me canso.

Eu amarro nossos dedos juntos. — Venha comigo. — Eu a puxo pelos fundos da casa e pelo pequeno caminho na floresta.

Ela segue, o balanço de suas botas na grama logo atrás de mim.

Faço uma pausa quando a vejo através da clareira, e Tanner respira profundamente. — Oh, meu Deus, — ela sussurra.

Eu sorrio. Estou tão orgulhoso desse lugar. Eu construí. Demorei alguns anos, mas acho que ficou ótimo.

Ela se afasta da minha mão e sobe as pequenas escadas e entra no grande mirante que eu criei para mim. Não é pequeno. Não, eu tive que derrubar árvores e fazer uma grande clareira para isso, mas com as tábuas de cedro, fiz um enorme octógono, encaixando-o com trilhos ao redor.

— Isso é lindo, Rhys. — Seus olhos estão arregalados enquanto ela pega tudo.

Há um grande balanço de madeira que fica pendurado em uma área; uma grade embutida na estrutura; e uma rede oscila livremente em um dos lados da grade. A enorme área no meio tem sofás, cadeiras e até uma pequena fogueira. Acrescentei um buraco no topo do telhado que pode abrir e fechar quando o ponho, o que, se for sincero, não é muito. Eu quase nunca venho aqui.

— Você fez tudo isso? — ela pergunta, arrastando os dedos sobre as almofadas de tecido do sofá.

— Sim. Não venho aqui tanto quanto gostaria, mas é pacífico. — Eu ando e agarro seu braço. — Senta.

Nós dois sentamos no sofá, de frente para a fogueira que não está acesa. Envolvo meu braço na parte de trás da almofada e a puxo para mim. Ela parece tão certa, tão perfeita quando aconchega seu corpo contra o meu.

Ficamos ali por longos momentos em silêncio. Eu chuto meus pés sobre a mesinha que fiz do cedro restante e apenas aproveito a vida por um momento. Tanner se mexe, ficando confortável, e então eu descanso minha bochecha no topo da cabeça dela. Isso era o que estava faltando na minha vida. Então me bate como uma pedra de dez toneladas e sinto meu corpo apertar.

Meu coração começa a acelerar e, de repente, meu corpo está extremamente quente. Minha boca fica seca e meu abraço aperta em Tanner. Ela é o que eu tenho sentido falta. Dela. Ela é para mim. Isso... Essa será minha vida a partir de agora - meu clube e minha garota.

A tensão recua e algo estranho toma seu lugar. Não quero chamar isso de amor, porque não acredito que sou capaz dessa merda, mas é alguma coisa. O sentimento é euforia, e eu amo isso.

Respiro profundamente, e Tanner hesitantemente levanta a mão dela segurando o lado do meu rosto. Tento não vacilar, mas faço um pouco. Ela não para e eu sugo profundamente algo dentro de mim, não me permitindo voltar atrás. Tanner não me machucaria e preciso confiar nisso. Eu não falei com ela sobre o meu passado, porque é onde eu o quero deixar. Preciso olhar para o futuro.

— Você está bem? — ela pergunta, mas eu não posso responder, desde o toque até as emoções em turbilhão apertando meu interior com força. Não posso.

Eu preciso mostrar a ela. Eu tenho que lhe mostrar o quanto ela significa para mim. Posso não ser capaz de dizer as palavras, porque não entendo completamente, mas meu instinto está me obrigando a mostrar-lhe.

Coloco minha mão em cima da dela e a guio até meus lábios. Faíscas queimam quando nossos lábios se tocam. Eu nunca fui doce antes, nunca. Eu não posso deixar de me preocupar que vou estragar isso de alguma forma, mas sigo o meu instinto e me deixo levar.

Tanner se move e atravessa meus quadris, suas mãos chegando ao meu rosto, e eu congelo por um momento, sem dizer nada, depois volto a beijá-la.

Eu quero que ela me toque. Eu quero que ela me reivindique como dela. Eu quero que ela me inflame.

Seu calor quente repousa sobre meu pau já dolorido, com as duas mãos em meu rosto, e ela aproveita todas as oportunidades para me tocar. Eu tenho que admitir, essa merda está me tirando do sério.

Eu tomo meu tempo explorando sua boca sexy como o inferno, memorizando cada som que ela faz quando a toco em lugares diferentes. Eu nunca pensei que beijar uma mulher pudesse ser tão poderoso. Com cada movimento de seus lábios, porém, eu não consigo o suficiente.

— Preciso de você, — digo a ela, e ela assente e depois se levanta para mim.

Eu lentamente puxo seu jeans, beijando suas pernas enquanto vou, amando a sensação de seus arrepios pelo meu toque. Eu os removo quando ela levanta os pés para mim e então me levanto, dando outro beijo de dar água na boca antes de dar um passo para trás.

Enfio minhas mãos debaixo da camisa, mas a mão dela me para.

— Deixe-me, — ela diz suavemente enquanto levanta o tecido do meu corpo. Suas unhas traçam meu peito enquanto ela se aproxima do meu jeans. — Você é tão sexy. — Ela desabotoa meu jeans e tira tudo da cintura para baixo. Meu pau salta no meu abdômen, duro e pronto, e meu sangue bombeia enquanto ela sobe tentadoramente.

Envolvendo meu braço em volta da cintura dela, eu a levanto, a beijo e depois a deito no sofá. Enquanto coloco meus quadris entre as pernas dela, seu pé descansa

na minha bunda enquanto eu a devoro em outro beijo ardente, tentando derramar nela as palavras que não estou dizendo.

Coloco meu pau na entrada dela, onde o calor é demais. Percebo rapidamente que não tenho camisinha. Porra. Eu relutantemente me afasto para ir para minhas calças e cuidar disso, me reposicionando.

Amarro nossos dedos e os coloco acima de sua cabeça. Entrar nela é o paraíso, mas eu vou tão devagar, tão devagar que tenho certeza que vou enlouquecer.

Eu me retiro, deslizando dentro e fora de seu calor, construindo nosso prazer devagar e firmemente enquanto nos beijamos com tudo o que temos.

Afasto-me e olho nos lindos olhos esmeralda de Tanner. — Rhys? — ela diz interrogativamente.

Não sei ao certo o que estou dando, mas ela percebe que isso é diferente das outras vezes. Isto é especial.

Em vez de responder, eu a beijo.

Ela rasga a boca. — Oh, Deus, — ela grita, cortando minha restrição.

Eu continuo segurando suas mãos enquanto empurro mais e mais fundo, querendo subir dentro dela e reivindicá-la para o mundo ver. Seu orgasmo bate, apertando meu pau dentro dela, e eu explodo enquanto olho em seus olhos.

É a melhor experiência que eu já tive, e foi com ela. Minha mulher.

CAPÍTULO 20

TANNER

Encontro-me nos braços de RHYS, permitindo que meu coração aceite o que acabou de acontecer. Eu o peguei várias vezes para saber o que aconteceu e que foi algo muito mais do que isso. Era como se ele estivesse fazendo amor comigo - amor doce, sensual e incondicional. É estranho porque parte de mim está lá com ele, enquanto a outra está assustada como o inferno. Preciso superar isso, mas como quando seu homem tem a reputação de foder muitas outras mulheres?

Não sou tão experiente, mas não acho que sou ruim na cama. Rhys parece satisfeito o suficiente. O que me assusta é não ser o suficiente para ele. E se ele precisar de mais do que eu posso dar a ele?

Suas ações ultimamente me mostram em cada momento que ele está pensando em ninguém além de mim. Eu preciso ir com isso e esperança de que ele cuida *de* mim.

— Você está pensando muito lá, — ele resmunga baixo enquanto acaricia meu cabelo enquanto eu deito em seu peito, ouvindo a subida e descida de sua respiração. Cada suspiro ajuda a acalmar meus pensamentos rebeldes.

— Muito o que pensar, — digo a ele. Provavelmente não é o melhor momento para entrar em uma conversa profunda quando estamos completamente satisfeitos e em nossos próprios mundos.

— Fale comigo. — Eu fecho meus olhos brevemente ao seu comando.

— Isso é real, Rhys? Eu quero que isso seja real. — Falo com toda a honestidade, dor e incerteza de cada palavra.

Ele nos muda para que nossos olhos fiquem nivelados, e ele está me segurando firmemente no sofá para que eu não caia. Envolvo meus braços em torno dele e seguro. Seus olhos dançam, fazendo todas as linhas duras e assustadoras de seu rosto amolecerem. Estou certa de que muitas pessoas não conseguem ver esse lado de Rhys e estou extasiada por ser uma delas.

— É o mais real possível, — diz ele enquanto seus olhos me dizem que ele está assim da mesma maneira que eu. — Não pode ser mais próximo, Sprite.

Eu o beijo com toda a emoção que estou sentindo, e ele aprofunda. Meu coração palpita e torce no meu peito. Eu sinto. Está me batendo na cara. Rhys é meu.

***

— Rhys, eu preciso arrumar um emprego, e isso é perfeito, — digo a ele, minha mão inclinada no quadril e no pé apontando, ficando toda louca com ele.

— Eu não quero que você trabalhe lá. — Ele cruza os braços sobre o peito e amplia sua postura. É assustador, mas não estou recuando. Estive procurando um emprego por aqui na semana passada, e não há nada. Eu me recuso a viver às custas de minha mãe. Eu tenho que me sustentar.

— A Princesa aumentou a segurança, e eu vou trabalhar atrás da cortina. Eles terão que passar por seguranças para chegar até mim — eu tento argumentar com ele.

Quando Princesa me ofereceu o emprego, a princípio não achei que ela estivesse falando sério. Sim, eu ajudei lá uma vez, mas pensei que ela estava apenas sendo legal. Com o passar do tempo, porém, ela começou a me perseguir com mais força, e eu finalmente disse que sim.

— Eu não dou a mínima. Lembra o que aconteceu? Eu lembro sempre.

— Sim, e isso não vai acontecer novamente, — eu respondo. — Eu acho que vai ser muito divertido.

Princesa quer que eu penteie o cabelo das meninas antes de subirem ao palco, mas, além disso, ela quer que eu pinte e corte cada uma delas uma vez por mês. Ela também está me oferecendo quase três vezes mais dinheiro que meu outro trabalho, e são horas mais curtas. Eu só estaria lá para a dança inicial delas, e então vou embora.

— Porra! — ele rosna, passando as mãos pelos cabelos em frustração. — Eu deveria apenas bater sua bunda.

— Rhys, é um trabalho. Eu mal estarei lá, e ela está me pagando muito bem. Você tem que me dar isso. — Aproximo-me dele e agarro a frente da camisa dele. Parte da raiva sai de sua espinha quando ele respira fundo.

— Eu não posso estar lá para manter esses filhos da puta na linha. Você tem que carregar uma arma.

Embora eu deva ficar chocada e mortificada com esse pedido, não estou. Na semana passada, eu aprendi que todos no clube carregam, incluindo Princesa, Blaze e Casey, que eu conheci brevemente.

— Só se você me ensinar. — Não tenho a menor ideia do que fazer com uma arma, muito menos como carregá-la e dispará-la. Sim, nenhuma pista. Eu estou bem com o aprendizado, no entanto.

— Tudo bem, — ele rosna, me puxando para ele. Sua mão chega ao topo da minha cabeça e ele me beija na minha têmpora. — Se algum desses filhos da puta tocar um fio na sua cabeça, eu vou matá-los.

Com isso, eu sorrio. Eu comecei a gostar do seu lado superprotetor... até certo ponto. Ele tenta obter mais e mais, mas eu ainda tenho uma espinha, e tenho certeza que ele sabe disso. Um excelente exemplo é essa conversa atual.

— Ok, querido, — digo a ele, enterrando meu rosto em seu pescoço e inalando. Eu amo estar tão perto dele. Simplesmente não consigo o suficiente.

— E eu estou conversando com a Princesa. Quero alguém com você o tempo todo. Não dou a mínima se tiver que colocar um prospecto em você para quando eu não puder estar lá. Eu vou.

Eu o agarro com mais força.

***

— Eu não acredito que você ficou com Rhys, — diz Casey do banco ao meu lado enquanto conversamos na sede do clube. — E olhe para ele.

Meus olhos cortaram para ele. Ele fica de pé com as pernas afastadas, os músculos tensos dos braços cruzados enquanto uma cerveja pende de seus dedos. Seu rosto está duro enquanto ele ouve o que Dagger, Cruz e GT têm a dizer.

— O quê? — Eu pergunto, não vendo nada realmente errado. Ele parece chateado, mas quando não está?

— Não, olhe para o sofá. — Ela aponta quando uma puta do clube olha Rhys de cima a baixo, sem tirar o olhar dele por um momento. Ela molha os lábios quando se levanta do assento. Meu coração dispara quando a mulher caminha até ele, seus quadris balançando demais para serem considerados normais. Quero me levantar e parar o que quer que aconteça. Meu instinto me diz para sentar e assistir, enquanto meu coração me diz que devo protegê-lo.

Seus dedos roçam o braço dele, e eu aperto minhas mãos. Ela está com as mãos nele. A fúria, da mesma forma que quando vi o corpo danificado de minha mãe, me bate forte. É preciso tudo em mim para manter minha bunda plantada no assento.

— Isso vai ser bom, — diz Princesa, sentando-se na cadeira e olhando o show.

Rhys se vira para a mulher e levanta o queixo, e meu coração despenca. Ele a está convidando? Ele está acolhendo o toque dela? Não, ele não pode estar.

Sua atenção volta para a conversa, mas a mulher continua. As mãos dela agora vão para os ombros dele, enquanto ela se inclina para ele, roçando os seios gordos e falsos sobre o braço dele. Uma mão chega à minha perna e aperta com força.

Eu me viro para a Princesa. — O quê? — Eu cerro os dentes.

— Apenas espere, — ela me diz, mas todas as minhas inseguranças sobem à superfície, me fazendo querer dar um soco em algo. Eu podia simplesmente chegar

pelas minhas costas e puxar a pequena arma que Rhys me ensinou a atirar algumas semanas atrás. Eu poderia acertá-la bem na cabeça, já que tenho um tiro assassino.

Balanço a cabeça. Me ouvindo. Pareço um vigilante, como se realmente levasse uma vida por tocar o cara com quem estou dormindo. Bem, praticamente vivendo, considerando que ele está na minha casa ou nós estamos na sua todas as noites. Entendo o que ele quis dizer com não conseguir um apartamento, mas eu precisava disso com minha mãe.

Respiro profundamente e tento reprimir todos os pensamentos furiosos. No entanto, quando ela fica na ponta dos pés e sussurra algo em seu ouvido, algo quebra dentro de mim. Não é meu coração; é a minha fúria.

O aperto da Princesa me segura quando eu estou prestes a levantar. Eu quero ignorá-lo, mas o aperto dela é muito forte, não me permitindo fazer isso.

Rhys tem uma expressão azeda no rosto quando se afasta da mulher. — Saia de cima de mim, — ele rosna alto o suficiente para que toda a sala possa ouvir. — Está vendo aquela mulher? — Ele aponta para mim, seus olhos encontrando os meus quando um sorriso brilha em seus lábios com o que ele vê no meu rosto. Ele se volta para a mulher. — Essa é a minha mulher.

Seus olhos voam para mim e seu lábio superior se curva. — Sério? Você sempre gosta de tocar, e eu estou com tesão — ela lamenta.

É isso aí. A calma acabou. Eu me levanto, encolhendo os ombros com a mão que aperta minha perna, minha cadeira caindo no chão, sou tão rápida. Eu persigo a mulher que tem suas intenções no meu homem. Seus olhos encontram os meus, cheios de humor.

Bato no ombro da mulher e ela se vira quando zomba de mim quando me vê.

— Afaste-se, — digo a ela, ficando em seu rosto coberto com mais maquiagem do que deveria ser permitido.

— Entendi. Você está aqui e ele não pode brincar. — Ela revira os olhos.

Antes que eu pense melhor, meu braço volta e ponho um gancho duro e direito na bochecha da mulher. Eu nunca fui uma lutadora, mas depois de James e os idiotas no X, eu superei.

A cabeça da mulher se inclina para o lado quando sua mão chega ao rosto, quando ela cai de joelhos no chão.

— Eu disse para dar o fora, — digo a ela, de pé sobre seu corpo, os olhos arregalados.

Eu sei que não me pareço do tipo que enlouquece, mas a aparência pode enganar. Meus olhos se movem para Rhys, que tem um sorriso completo no rosto.

— E você, — digo a ele, apontando meu dedo em seu peito. — Eu te disse que não aguentaria essa merda.

Eu me viro para voltar para a mesa onde Casey e Princesa têm grandes sorrisos, mas um braço de aço envolve minha cintura e me levanta do chão. Afasto-me do forte aperto de Rhys, mas ele não me permite fugir. Ele não diz nada, só volta direto para o seu quarto na casa do clube em meio a todos os gritos e assobios atrás de nós.

A porta bate e, de repente, minha frente está pressionada contra a porta, seu hálito quente no meu ouvido. — Sprite, essa foi a coisa mais quente que eu já vi.

Resumidamente, eu tenho o pensamento*, Essa foi a coisa mais quente que você já viu? Que diabos?* Mas de qualquer forma. Em vez disso, concentro-me no meu corpo ganhando vida sob seu toque.

— Eu vou checar sua mão... depois que te foder. — Ele desfaz meu jeans e eles, junto com minha calcinha, desaparecem rapidamente.

— Eu vou te foder com tanta força que todo filho da puta deste lugar saberá a quem você pertence.

A umidade se acumula lá embaixo, e sem tocar meu clitóris, ele treme de antecipação.

— Eu estou colocando o meu patch de merda em você também, para que ninguém erre. — Excitação como nenhum outro pico através de mim como os sons de seu zíper e o farfalhar de sua calça jeans ecoam sobre nossas calças pesadas.

Ele levanta minha perna, dobrando-a no joelho enquanto a ponta abrupta de sua ereção cutuca minha abertura. Sem piedade, ele bate em mim, e eu grito pela invasão, mas a queimadura se transforma em prazer em um flash.

Acho difícil respirar enquanto tento agarrar a porta, encontrando nada além de uma superfície plana. Ele me pressiona com mais força contra isso. Ele deve ter percebido que eu estava escorregando enquanto ele continuava seus impulsos.

Isso não é doce ou carinhoso. Não, isso é quente, duro e carnal. E eu amo isto.

A pressão queima dentro de mim quando seu comprimento desperta todos os nervos, me fazendo subir rapidamente. Eu grito seu nome e respiro fundo enquanto ele continua até encontrar sua libertação com um grande grunhido.

Eu caio contra a porta, seu braço soltando minha perna e me envolvendo para me apoiar. Se não estivesse lá, certamente cairia no chão.

Ele fica dentro de mim enquanto recuperamos o fôlego, as cócegas quentes de sua respiração passando pela minha camiseta nas minhas costas. Porra, isso foi quente.

CAPÍTULO 21

DAGGER

Por que eu acho que Flash iria arrumar suas coisas e sair de novo? Eu sabia melhor. Eu também sabia que era melhor não ligar para ela por telefone e acabar com tudo. Estou com a mulher há tanto tempo que deveria fazê-lo cara a cara, mas, no momento, tudo em que conseguia pensar era levar Mearna para casa, a casa que comprei. Em outras palavras, eu estava liderando com meu pau e não com a porra da minha cabeça. Estúpido, mas eu fiz essa merda comigo mesmo.

Eu ando pela minha casa muito bem organizada , especialmente porque Flash manteve a merda e cuidou bem dela. Agora a sala de estar outrora imbecil está rasgada em pedaços, e eu quero dizer isso literalmente. A cadela rasgou com uma faca os meus sofás e cadeiras de couro marrom. Parece que um martelo ou marreta trabalhou nas minhas mesas de café e na porra da minha tela plana. Partículas de madeira e vidro sujam os pisos de madeira.

Eu abaixo e toco o meu dedo para um corte no chão. A cadela usou uma faca para isso também. Porra, inferno.

Entro na cozinha e percebo que deveria ter parado e voltado para o clube. Teria sido uma escolha melhor. Em vez disso, olho para todos os pratos, xícaras, eletrodomésticos, utensílios e tudo o mais que estiver em uma cozinha que foi jogado ou esmagado pelo espaço. Uma frigideira fica em cima do fogão de vidro; agora são apenas pedaços quebrados. A porta do microondas também está fora de suas dobradiças.

Esta cadela está chateada. Mas, neste momento, eu também estou.

Ando rapidamente pelo resto da casa, notando a puta tocando todos os cômodos da casa. Não há nada que eu possa manter remotamente. Minhas roupas são pedaços de tecido esfarrapados. Tudo o que ela poderia quebrar, ela quebrou. Nada sobrou.

Enquanto a raiva borbulha dentro de mim, pego a cômoda já destruída e a jogo através da sala, apenas quebrando a madeira um pouco mais. Não ajuda a raiva, então encontro o que está aos meus pés e arremesso contra as paredes. Repetidamente, continuo fazendo isso até que a raiva comece a se acalmar e recupero o fôlego.

Minhas motocicletas!

Corro para a garagem e abro a porta. Cada uma das minhas três motocicletas está derrubada e esmagada. Não entro no quarto. Não posso. A raiva é demais, e eu preciso dar o fora daqui agora.

Não me incomodo em trancar o local; não há nada para alguém roubar.

Pulo na minha motocicleta e ando. Tento limpar meus pensamentos, mas desta vez, o passeio não ajuda. A fúria que corre através de mim é demais, imensa. Eu quero matar a cadela. Eu *vou* matar a cadela.

Descendo a estrada, vou em direção à sede do clube, que agora é uma das únicas coisas que possuo que não está rasgada ou quebrada.

Meu coração se contrai dolorosamente quando uma picada passa pelos dois braços. Não consigo respirar. Não consigo oxigênio nos pulmões. Que porra está acontecendo?

Minha visão fica embaçada quando eu puxo a embreagem e solto o acelerador, mudando para baixo. De repente, a escuridão me invade, o que é bom quando minha motocicleta bate no asfalto.

CAPÍTULO 22

MEARNA

— Mamãe! — Tanner entra correndo no apartamento, com lágrimas no rosto, o que imediatamente me coloca em alerta máximo.

— O quê?

— É... Cam. — Ela funga e balança a cabeça, respirando fundo. Eu vejo o momento em que sua coluna se enrijece e toda a força que pertence a minha Tanner se encaixa. — É Dagger. Ele está no hospital. É ruim. Nós precisamos ir.

Tanner corre pela sala enquanto eu me sento, momentaneamente em choque. Ela desliza os meus sapatos e me puxa de pé assim que eu volto à realidade.

— O que aconteceu? — Eu pergunto quando ela me empurra para fora da porta, segurando sua bolsa e a minha.

— Carro, — ela ordena, me colocando e me amarrando como se eu fosse criança, o que talvez eu seja neste momento porque me sinto um pouco perdida.

Tanner coloca o carro em marcha e eu me agarro à porta em busca de apoio.

— Fale, Tanner, — digo a ela secamente.

— Rhys disse que os médicos acham que ele teve um ataque cardíaco, mas ele estava andando de motocicleta na hora.

Eu fecho meus olhos quando lágrimas caem deles, e meu coração se afasta camadas dele, quebrada. Merda, não.

— Está ruim, mãe. Ele usava um capacete, o que ajudou, mas ele estava indo rápido demais quando largou a motocicleta.

— O quê mais? — Eu pergunto, minha voz baixa, meu estômago já girando e girando. Tenho certeza de que estou prestes a vomitar.

Tanner funga novamente, e eu grito para ela. Eu nem pensei. Merda. Movo minha mão para sua coxa e começo a esfregar para cima e para baixo.

— Baby, tudo ficará bem. Vamos apenas chegar lá e descobrir o que está acontecendo. — Eu tento tranquilizá-la. Ela assente e eu deito minha cabeça no banco.

Ele não pode morrer. Ele não pode. Acabei de encontrá-lo novamente.

Entrando no hospital, o cheiro de pavor me enche a cada passo que dou. Enquanto caminhamos pelo longo corredor branco, as luzes são muito fortes; tudo está muito claro. Tanner continua a me liderar enquanto eu sigo sem palavras. Entramos em uma grande sala onde os irmãos de Dagger e suas mulheres estão esperando.

Tanner vai direto para Rhys, que a envolve em seus braços. Sua cabeça repousa sobre o peito dele quando os olhos de Rhys se fecham, me dizendo que ele precisa dela tanto quanto ela precisa dele.

Uma mão macia vem ao meu braço, e me viro para ver Ma, que me aquece. Eu tomo com suas palavras suaves no meu ouvido.

— O que está acontecendo? — Eu me afasto, olhando para o quarto. Os rostos solenes não estão me dando nenhum incentivo.

Pops aparece, puxando Ma nos braços.

— Ele está em cirurgia. Eles têm que ter uma restrição em seu coração para abrir uma artéria fechada. Não apenas isso, mas ele quebrou o braço esquerdo, e eles têm que entrar e consertar isso. — Ele balança a cabeça, quase parecendo perdido em seus pensamentos. — Ele está queimando muito, e eles acreditam que ele tem uma concussão. Nós apenas temos que esperar.

Esperar. É mais fácil falar do que fazer.

Tanner envolve seus braços em volta de mim, me abraçando com força. Não era assim que deveria acontecer. Não que eu tivesse algum tipo de plano, mas ele se machucando não estava nessa lista.

***

— Família de Cameron Wagner. — Um homem de bata verde com um estetoscópio no pescoço sai e olha em volta da sala.

Eu me levanto como os irmãos e suas mulheres também. Puxo Tanner para perto de mim, segurando a mão dela por apoio.

O médico leva todos nós e depois limpa a garganta. — Senhor Wagner? — Dagger, — diz Rhys, fazendo o médico pular, olhá-lo e depois falar.

— Senhor Dagger. Colocamos a passagem em seu coração e não encontramos nenhum dano, o que é excelente. Tivemos que colocar uma haste de metal ao lado do osso dele. — Ele aponta ao braço logo acima do pulso. — É fundido e permanecerá assim por seis semanas. Ele também tem várias escoriações nas pernas, peito, braços e rosto. Nós tratamos e estamos lhe dando antibióticos.

— Então, ele está bem? — Eu pergunto enquanto Tanner aperta minha mão.

— Precisamos ficar de olho em seu cérebro e garantir que o inchaço diminua com a concussão. Fora isso, ele é um homem de muita, muita sorte.

Soltei uma respiração profunda e ofeguei no ar. Acho que esqueci de respirar lá um pouco.

— Posso vê-lo? — Eu pergunto.

— Você é a esposa dele?

Eu fico lá, atordoada por um momento com a pergunta.

— Sim, ela é, e eu sou filha dele, — diz Tanner ao meu lado, me ajudando. Eu amo aquela garota.

— Nos dê algumas horas. Ele ainda está muito sedado pela cirurgia. Nós viremos buscá-las. — Ele nos dá um sorriso suave.

Pops dá um passo à frente com o braço estendido, e o médico a pega. — Obrigado, senhor, — diz ele, enquanto os outros irmãos sobem um por um e apertam a mão do homem.

A apreensão se arrasta nos olhos do médico, mas ele se mantém forte enquanto se vira e sai.

Sento-me na cadeira e seguro a cabeça nas mãos. Eu sou velha demais para essa merda. Eu o amo, e vou lhe dizer isso assim que o vir. Eu cansei de perder tempo.

CAPÍTULO 23

TANNER

Rhys me segura enquanto esperamos notícias sobre Dagger, meu pai, um homem sobre o qual realmente não sei nada. Isso é algo que vai mudar assim que ele sair daqui. Inferno, enquanto ele está aqui. Vou começar quando eu o vir. Não há nenhuma maneira no inferno que eu queira passar o resto da minha vida tendo um pai e sem saber nada sobre ele: qual é a sua comida favorita ou cor - qualquer coisa.

Minha mãe está muito melhor agora que o médico saiu. Ela estava tremendo lá um pouco e começando a me assustar. Agora ela sorri, e as linhas de preocupação se suavizaram um pouco. Ma senta-se ao lado dela enquanto conversam. Estou feliz por ela. Ela realmente não tinha muitos 'namorados' em casa. Ela precisa disso.

Olho em volta para todas as pessoas que obviamente amam e cuidam de meu pai, e meu coração incha. Eu só tive minha mãe e, vendo, assistindo, conversando com todo mundo, isso fica um pouco mais fácil.

— Senhora Wagner? — uma mulher de bata diz, seus olhos se arregalando enquanto ela olha para o jornal. — Quero dizer, a família do Sr. Dagger. — Ela finalmente olha para cima. Ela nem sequer olha para todos nós vindo em sua direção, como se tivesse sido avisada. Gostaria de saber se isso lhe disse no papel.

— Sra. Dagger? — ela pergunta à minha mãe que concorda. — Ele ainda está um pouco sob o efeito da medicação, mas você pode voltar e vê-lo.

— E minha filha? — Mamãe diz, virando-se para mim.

O olhar da enfermeira bate no meu. — É suposto ser apenas um, mas se uma de vocês sair rapidamente, eu permitirei.

Concordo com a cabeça. Eu só quero vê-lo fisicamente e saber que ele ainda está aqui no planeta conosco.

Rhys beija minha testa, e então eu agarro a mão de mamãe antes de caminhar para ver meu pai.

A sala está cheia de máquinas de bip, produzindo todos os tipos de ruídos diferentes. Ele tem tubos saindo de um de seus braços, o outro em um molde contra o peito. Os fios saem de todos os lugares do seu corpo. Sua bandana se foi, mas seu cabelo ainda está em sua longa trança. Ele tem uma máscara de oxigênio nos lábios e está inspirando e expirando lentamente. O lado do rosto dele tem ataduras.

Minha mãe me dá um aperto suave enquanto a enfermeira nos leva para mais perto. — Lembre-se, apenas alguns minutos, — a enfermeira nos diz, e eu aceno.

Mamãe toca a perna de Dagger naquele lugar que parece que ele não está coberto com algum tipo de curativo. Sabendo que tenho apenas alguns minutos, vou para o lado dele.

Eu me inclino e beijo o topo de sua cabeça gentilmente. — Fique melhor, pai, — eu sussurro. Eu então abraço minha mãe e saio da sala, com lágrimas ardendo nos olhos. Eu não espero; entro diretamente nos braços de Rhys, e ele pega todo o meu peso enquanto eu soluço em sua camisa.

CAPÍTULO 24

RHYS

Depois de uma soneca rápida, voltamos ao hospital. Dagger está indo bem, e os médicos dizem que seu cérebro está bom. Eu tenho que discordar disso, mas ele está melhor.

Quando entro no quarto dele, os olhos de Dagger se fixam nos meus. Esta é a primeira chance que tive de entrar e vê-lo desde que tudo aconteceu. Pelos olhos dele e a raiva saindo deles, eu sei que precisamos conversar um pouco.

Depois que Tanner e o pai conversam um pouco, digo que preciso conversar com ele. Ela me olha desconfiada, mas sai da sala. Então eu tomo a cadeira ao lado da cama.

— O que está acontecendo, irmão?

— Estou vivo, — diz ele. — Eu preciso que você encontre Flash. A puta rasgou minha casa. Quero dizer, não resta mais nada! Certifique-se de que ela entenda. —Ele me dá um olhar conhecedor e depois me surpreende. — Dê a ela dinheiro e verifique se ela fica longe. Se ela não fizer, então é o fim. — Ele está deixando uma vadia estragar sua merda e a deixando ir embora?

Eu aceno com a cabeça. — Você terá.

— Se algo acontecer comigo, você está no comando das minhas garotas. Você cuida delas. — Concordo, não deixando o choque registrar. — Quero dizer. Se eu não conseguir passar por algo, tenha certeza de que elas sejam cuidadas. Maldito seja.

— Entendi.

Ele se vira e olha para o teto por um longo tempo.

Eu quebro o silêncio. — Você vai sair daqui amanhã. Eu sei que você tem que ir com calma, mas você vem para o clube para que possamos comemorar.

— Tudo certo.

***

Tanner se deita debaixo de mim, com os olhos cheios de lágrimas frescas. Eu gozei tanto que vi estrelas do caralho por trás dos meus olhos, e ela também, então por que ela está chorando?

— O que está errado?

— Eu te amo, — ela sussurra.

O coração que eu não mereço, principalmente depois de como fiz Flash desaparecer hoje cedo, se abre para essa mulher.

Os olhos de Tanner estão brilhando, e eu posso sentir isso profundamente em minha alma. Eu sei que estraguei mais vezes do que posso contar, mas estou aceitando isto e fugindo com ela.

Coloco um beijo suave em seus lábios e afasto as lágrimas que agora caíram de suas bochechas. — Sprite, também te amo, — eu sussurro suavemente.

Ela engasga. — Eu... — Eu coloco meu dedo sobre seus lábios, silenciando-a.

— Eu sinto isso e não diria nada se não quisesse dizer isso. Toda a outra merda vai se encaixar.

Ela assente enquanto eu afasto meu dedo e a beijo sem fôlego.

Nós ficamos lá, apenas olhando um para o outro, algo que eu só fiz com Tanner, minha Sprite, e eu amo essa merda.

— Mamãe quer que Dagger venha morar em nosso apartamento. — Parece que Pops estava certo. Mearna não deixa seu lado há muito tempo, então quando a discussão sobre seus cuidados surgiu, Pops pensou com certeza que seria Mearna querendo esse papel. — Ele precisa de alguém para cuidar dele por um tempo, e ela se recusa a deixar que mais alguém faça isso.

Eu rio. A mãe dela com certeza é um furacão. Eu posso ver onde Tanner foi buscar isso. — Isso é bom.

— Sim é. — Ela se aconchega em mim, descansando a cabeça no meu peito.

***

As meninas estavam limpando o clube, preparando-o para a festa de Dagger hoje à noite. Ele chegou em casa hoje mais cedo e Mearna o acertou. Ela disse a todos para ficarem longe para que ele pudesse descansar. Ela tem uma mordida nela.

Os irmãos e eu ajudamos a movimentar algumas mesas e trouxemos uma poltrona reclinável para Dagger sentar. Ma e Princesa estavam ordenando a presença de todos, enquanto todas as old ladys ajudam a preparar tudo.

Braços envolvem meu estômago, e apenas pela sensação, eu sei que eles pertencem à minha mulher.

— Ei, Sprite. — Eu a viro em meus braços e dou um beijo em seus lábios. Foda-se querer outras mulheres. De jeito nenhum. Tanner é toda a mulher que eu precisarei. Nunca pensei que pudesse amar tanto outro ser humano, mas a cada dia cresce. Foda-se, eu sou uma seiva.

— Onde está Buzz! — é gritado da porta.

— Quem é aquela? — Tanner pergunta, vendo a mulher de cabelos pretos que acaba de entrar. Seus longos cabelos caem em cascata até seus shorts brancos e curtos, mas é o seu olhar de pânico que nos deixa nervosos.

— Essa é a Bella. Ela é amiga de Casey da escola — digo a ela quando Princesa se aproxima.

— E ela é *amiga de* Buzz e Breaker, — Princesa diz a ela. — O quê? — ela diz, vendo minha carranca. — Ela descobrirá mais cedo ou mais tarde.

— Ambos? — Tanner engasga, mas meu foco se volta para a linda mulher de cabelos negros que eu juro que tem um pouco de azul. Seus olhos estão frenéticos, me colocando em guarda.

— O que está acontecendo, Bella? — Pops aparece e pergunta.

— O Buzz me disse que eu precisava chegar aqui agora, então eu vim. O que está havendo?

Pops olha para mim, então, para GT e Cruz. Que porra é essa?

Buzz irrompe pelas portas do porão, movendo-se até Bella e a pegando nos braços, abraçando-a firmemente ao corpo dele. A cabeça dele vai para a curva do pescoço dela.

— Buzz? — Pops pergunta por trás dele.

Ele se afasta assim que Breaker puxa Bella para sua frente, seus braços envolvendo-a.

— Nós precisamos da igreja. Agora. Eu sei quem é , — ele diz, e tudo para.

Merda.

FIM